REVISTA DA SEMANA

N.º 48 ★ 1-12-51

CR$ 4,00 EM TODO O BRASIL



SOC. HERMES LTDA.

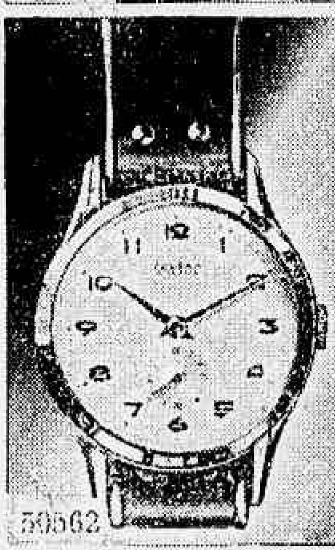
A MAIS IMPORTANTE E PERFEITA ORGANISAÇÃO DE REEMBOLSO POSTAL
RUA MEXICO, 31 - 12.º And. TEL.: 42-5831
AS VITORIOSAS OFERTAS CONTINUAM

IMPORTAÇÃO PROPRIA DA SUIÇA - CENTRO RELOJOEIRO DO MUNDO
C. POSTAL, 3411-RIO DE JANEIRO-TELEGR. "GLADIO"
VENCENDO EM TODO BRASIL









48.562 - Bonito relógio suiço, bela apresentação, fundo fosco, máquina suiça, sistema Roskopf c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos, artigo de propaganda **168,00**

50.262 - Bonita caixa, fortemente dourada, c/ fundo de aço inoxidável, boa máquina suiça com 15 Rubis. Oportunidade unica! **248,00**

46.062 - Bonito relógio suiço, caixa de bôa apresentação, cromada, fundo fôsco, bôa máquina c/ 4 Rubis, ponteiro central. Oferta de propaganda Cr$ **158,00**

50.562 - Bonita caixa cromada, fundo de aço inox, boa maquina suiça com 15 Rubis, elegante mostrador claro, numeração dourada. Oferta especial Cr$ **255,00**

82.362 - Bonito relógio, caixa folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa maquina suiça, c/ 15 Rubis, elegante mostrador claro, cordonet de seda. Certificado de Garantia Cr$ **378,00**

83.862 - Moderno relógio suiço, caixa e pulseira folheadas a ouro, fina máquina de Ancora com 15 Rubis, amplamente garantida. Vidro lente. Belo adorno por preço todo especial. Certificado de Garantia. Cr$ **595,00**

55.462 - Modernissimo DATOGRAF! Elegante caixa folheada a ouro, de espessura extra-fina, fundo de aço inoxidavel, superior máquina de Ancora, de precisão com 17 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, rico mostrador claro c/ 2 janelas marcando dia e mês. Ponteiro central ponteiro indicando dia do mês. Certificado de Garantia. Um belissimo adôrno de grande utilidade! Cr$ **995,00**

36.452 - Modêlo esportivo! Inteiramente cromado, bôa maquina suiça, sistema Roskopf, numeros e ponteiros luminosos. Oferta de propaganda Cr$ **118,00**

36.762 - Bonita caixa, cromada, fundo fôsco, bôa máquina suiça c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos. Resistente pulseira regulável, de aço inoxidável. Oferta especial Cr$ **195,00**

36.662 - Modêlo Gigante! Caixa inteiramente cromada, bôa maquina suiça, mostradores variados, luminosos ou não, ponteiro de segundos, com bonita pulseira cromada. Preço todo especial Cr$ **138,00**

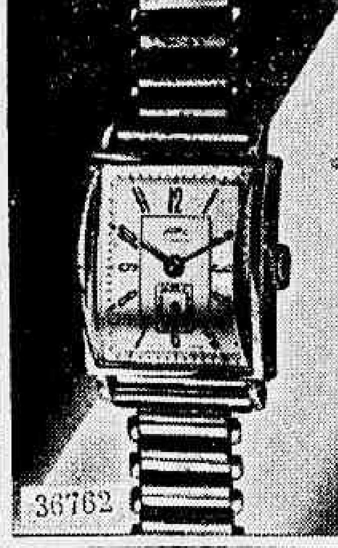
55.162 - Oferta sensacional! Elegante caixa folheada a ouro, espessura fina, máquina de Ancora de precisão, com 15 Rubis, fundo de aço inox., ANTIMAGNÉTICO, ponteiro de segundos. Certificado de Garantia. Preço vantajosissimo Cr$ **398,00**

83.362 - Bonito relógio folheado a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis. Mostrador claro, numeração dourada, vidro lente. Dispõe de pulseira inteiramente folheada. Bela apresentação. Certificado de Garantia. Oferta de propaganda. Cr$ **498,00**

65.662 - Modêlo bonito! Caixa folheada a ouro, fundo cromado, fôsco, bôa maquina suiça sistema Roskopf, mostradores variados. Cordonet de seda. Cr$ **230,00**

46.462 - Modêlo de rica apresentação! Caixa gigante, esportiva, folheada a ouro, fundo de aço inox; bôa maquina suiça c/ 15 Rubis IMPERMEÁVEL, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, numeração dourada, ponteiro central, com moderna pulseira esportiva, folheada a ouro, tipo corrente, c/ mola no centro. Certificado de Garantia. Oferta vantajosissima Cr$ **438,00**





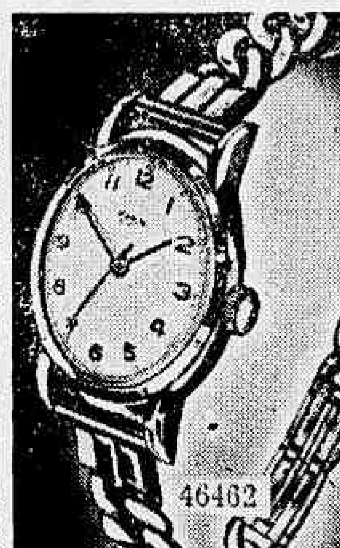


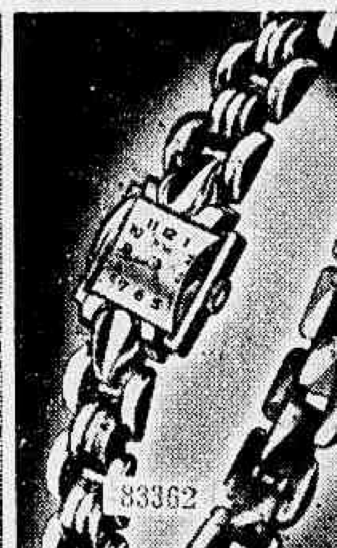


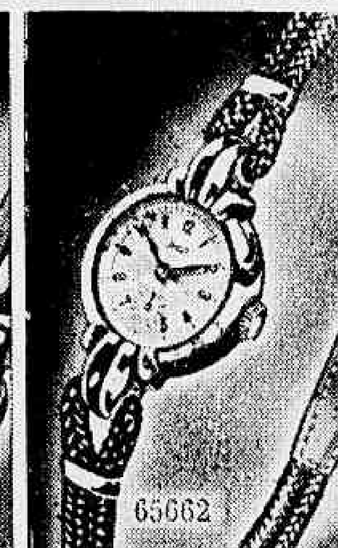






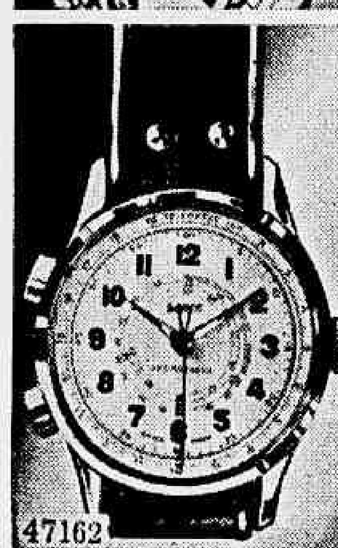














51.662 - Apresentação belissima! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça c/ 15 rubis. ANTIMAGNÉTICO, com elegante pulseira folheada a ouro, de superior qualidade. Certificado de Garantia. Uma bela jóia por preço especial Cr$ **438,00**

57.761 Relógio AUTOMATICO! Caixa tamanho "gigante" folheada a ouro, fundo de aço inoxidavel, máquina finissima de Ancora, de precisão, com 15 Rubis, AUTOMATICO (da corda a si mesmo), ANTIMAGNÉTICO, INCABLOCK, mostrador claro, numeração dourada em alto relêvo, ponteiro central. Moderna pulseira extensivel, tipo Royal, folheada a ouro, de qualidade superior. Certificado de Garantia Cr$ **890,00**

47.162 Modêlo "Gigante"! Grande caixa, inteiramente dourada reforçada com maquina suiça, sistema Roskopf, com dispositivo para medir TEMPO e DISTANCIA. Preço de propaganda Cr$ **218,00**

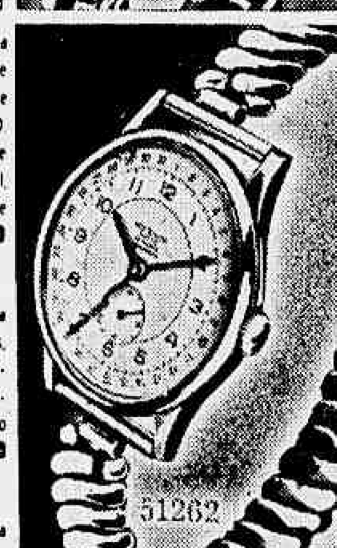
10.662 - Relógio de bolso inteiramente cromado, boa máquina suiça sistema Roskopf, oferta especial **98,00**

51.262 - Calendário! Indica hora e dia. Caixa folheada a ouro de fina espessura, fundo de aço inox. superior maquina de Ancora de precisão, com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostradores claros, variados, c/ excelente pulseira extensivel, folheada a ouro tipo Royal, fundo de aço inoxidavel. Certificado de Garantia Cr$ **628,00**

51.462 - Elegante modêlo, caixa folheada a ouro, fina máquina suiça com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, com numeração dourada, ponteiro de segundos, bonita pulseira folheada. Fornecido com Certificado de Garantia Cr$ **375,00**

12.962 - Relógio c/ corda de 8 DIAS! Caixa fortemente cromada, superior máquina de precisão, com 15 Rubis, corda de 8 dias, mostrador esmaltado, 2 tampas protetoras. Certificado de Garantia Cr$ **475,00**

11.562 - Despertador de bôlso! Forte caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, c/ 7 Rubis, numeração luminosa, toque agradável. Dispositivo para colocar na mesa. De grande utilidade. Preço vantajoso Cr$ **250,00**









ATENDE-SE COM PRAZER AO BALCÃO

SOC. HERMES LTDA.
RIO DE JANEIRO
R. MEXICO, 31 - C. P. 3411 - TELEGR. "GLADIO"

CUPOM — RS
NOME: ______
RUA: ______
CIDADE: ______ ESTADO: ______

ENVIE-NOS ESTE CUPOM JUNTO COM SEU PEDIDO DE RELOGIOS E RECEBERÁ GRATIS ESTA AGENDA DE 1951

PEÇA OS NOSSOS CATALOGOS COLORIDOS DE RELOGIOS, BIJOUTERIAS, JOIAS, ARTEFATOS DE COURO E OBJETOS PARA PRESENTES

DESVENDANDO UM SEGRÊDO DE ALCOVA

LAUREANO NUNCA FOI PAI

D. MARCINA ESPEROU QUATRO VÊZES MAS NÃO CHEGOU A TER FILHOS ★ MARIA DO SOCORRO É FILHA ADOTIVA. JÁ O AFIRMAMOS EM OUTRA REPORTAGEM; TODAVIA SEMPRE FÔRA A VIDA E A ALMA DO MÉDICO-MÁRTIR E CONTINUA SENDO O ENLÊVO DA CONTINUADORA DE SUA OBRA

Texto e fotos de ABDIAS RODRIGUES

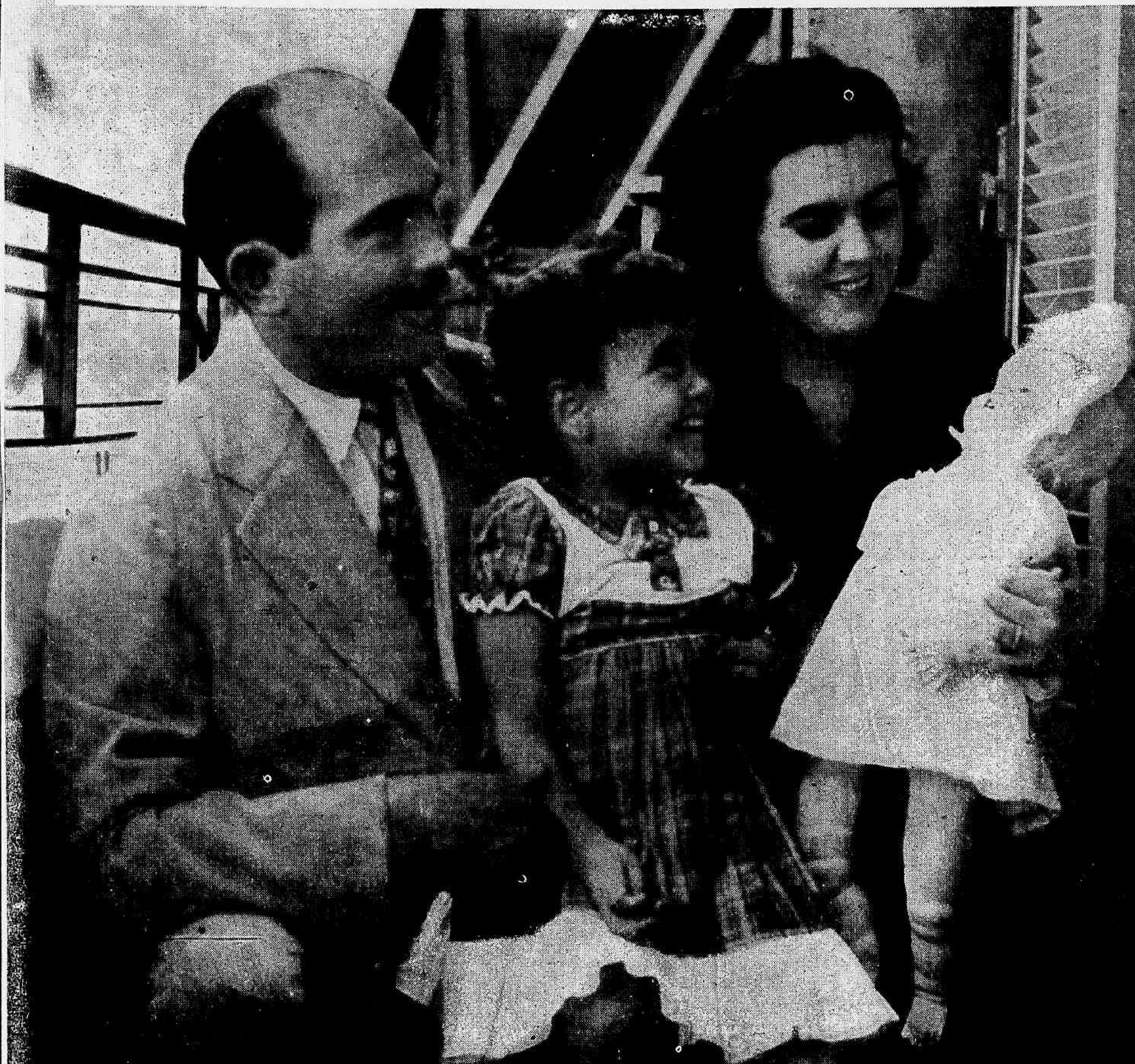
ÀS nove horas da manhã do dia 17 de março do corrente ano, êste repórter ouvia dos lábios de D. Marcina, no apartamento do Sr. Paulo Sampaio, na Praça do Flamengo, o seguinte:

— "...Não tivemos romance, porque passamos logo à história, isto é, não houve prolongado namôro e sim rápido matrimônio. Casamo-nos no dia 29 de julho de 1944. Esperamos ansiosamente uma filhinha que não veio. Adotamos, então, uma recém-nascida que hoje conta 4 anos de idade. Foi precisamente a nossa filhinha adotiva que, recebendo uma boneca, trazida por Laureano dos Estados Unidos, declarou com lágrimas nos olhos:

— "Não queria essa boneca papaizinho. Eu queria era que o senhor viesse bom lá da América. Todos nós queríamos isso, papaizinho"

— Maria do Socorro — afirma D. Marcina — foi sempre o ponto máximo do ambiente de harmonia e compreensão em que viveu o casal, nesses seis anos de venturas. Recordar isso agora seria impossível...

D. Marcina Sampaio Laureano, como espôsa dedicada, também não tem uma palavra de revolta sequer para a grande tragédia que se abateu sôbre o seu lar. Resignadamente, acompanha o desenrolar dos dias, na certeza de que, dentro de pouco tempo, estará de volta à casa paterna, com a filhinha que



FOTOGRAFIA HISTÓRICA — A PEDIDO DO DR. LAUREANO O REPÓRTER ESPEROU DUAS HORAS NO APARTAMENTO DO FLAMENGO PARA FAZER ESTA FOTO. ISAAC TRAZ NO COLO MARIA DO SOCORRO, HOJE VITIMA DA SUA AMBIÇÃO.



"BUSCAREI NUM convento a tranqüilidade que não encontro no meio social — diz D. Marcina. O destino tem sido muito ingrato para comigo. Em 4 meses perdi meu espôso, minha mãe, meu irmão e um sobrinho".

LAUREANO NUNCA FOI PAI



"ÊSTE ANJINHO não nasceu do meu ventre mas, de qualquer forma, sempre será minha filha..."

não compreende ainda, em tôda a sua intensidade, o drama que está vivendo.

Diz ela:

— Sei que fizemos tudo o que era possível. Agora, é tarde demais. Continuarei a obra de Laureano, trabalhando como enfermeira pelos milhares de cancerosos que, sem assistência, à míngua, vivem os seus últimos dias. Espero contar com a boa vontade de todos. O grande desejo de meu marido, estou certa, será cumprido. Em qualquer lugar, e em qualquer situação, estive e estarei sempre com êle. Com êle ficarei até ao último instante de sua vida. Depois, tratarei de continuar sua obra".

*

São decorridos oito meses. O Dr. Laureano morreu, mas o seu nome sobreviveu. Sua espôsa vem cumprindo o que prometera.

Como vice-presidente perpétua da "Fundação Laureano", lá está ela, diàriamente, inspecionando os trabalhos. Nos dias de folga, domingos e feriados, faz visitas a enfermos, nos hospitais ou sobe aos morros a fim de levar o seu auxílio moral ou material aos necessitados. Ainda outro dia acompanhamo-la ao Morro do Sacopã, onde fôra atender a doentes, juntamente com o Padre Justino Corstjens e a Srta. Gilda Maria Póvoa, ambos da Ação Social da Igreja de Santa Margarida Maria. De outra feita fomos até a longínquo subúrbio da Leopoldina, onde a sua presença era reclamada por um doente. Muita vez ela fala pelo telefone internacional com o Dr. Lodowic, a fim de obter **Krebiozen** para cancerosos, como o Padre Luís.

A campanha da "Fundação" arrefeceu com a morte do seu idealizador. Todavia, ainda continuam a chegar donativos de todos os recantos do país. Tôdas



D. MARCINA trata Maria do Socorro como uma filha. Cuida dela com todo o carinho maternal



E A GARÔTA sente-se feliz. E como é levada da breca, faz para o repórter uma pose espetacular



DEPOIS do banho, um pouco de talco para refrescar. Também, pudera, com o calor dêstes dias...



MARIA DO SOCORRO vem tendo uma educação completa. Os seus estudos estão sendo custeados pela Rádio Nacional. Já começou a fazer o "Jardim da Infância" ao passo que sua mãe, D. Marcina Laureano, em casa, ensina-lhe a rezar. A foto foi tomada quando ela fazia as primeiras orações do dia, ao levantar-se



UM BEIJO entre as fraldas... como é gostoso!... Mãe e filha sentem-se, nesse momento, felizes!



UM PENTEADO para que Socorro fique mais bonita ainda. Em frente ao espelho ela acompanha tudo...



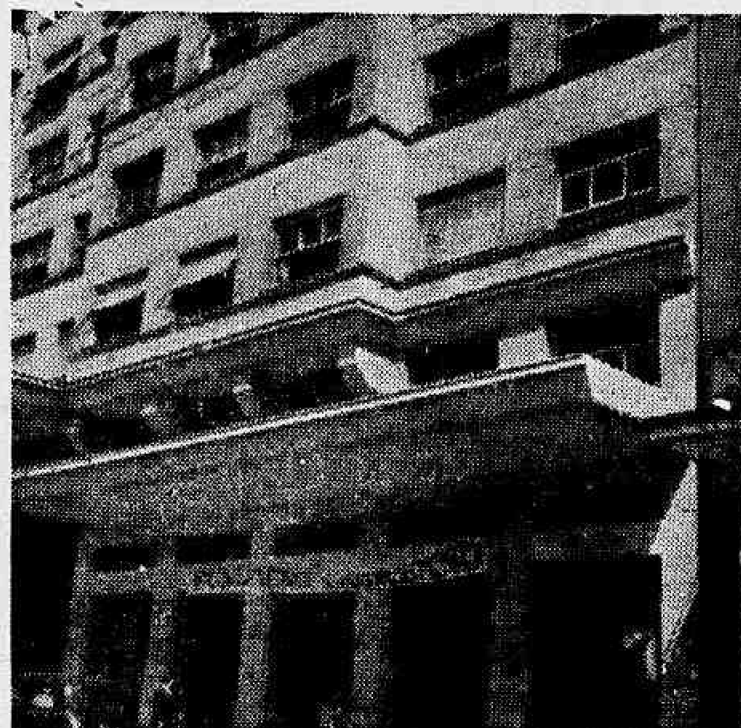
FINALMENTE revendo o "álbum" onde se encontram retratos do seu paizinho, o saudoso Dr. Laureano.





O DR. LAUREANO morreu mas a campanha contra o câncer continua, tendo à frente sua espôsa. Diàriamente ela vai à "Fundação", cujo prédio vemos abaixo.

TAL QUAL fazia em João Pessoa, com o marido, D. Marcina continua aqui no Rio a atender a doentes. Aos mais distantes recantos ela vai levar o seu auxílio...



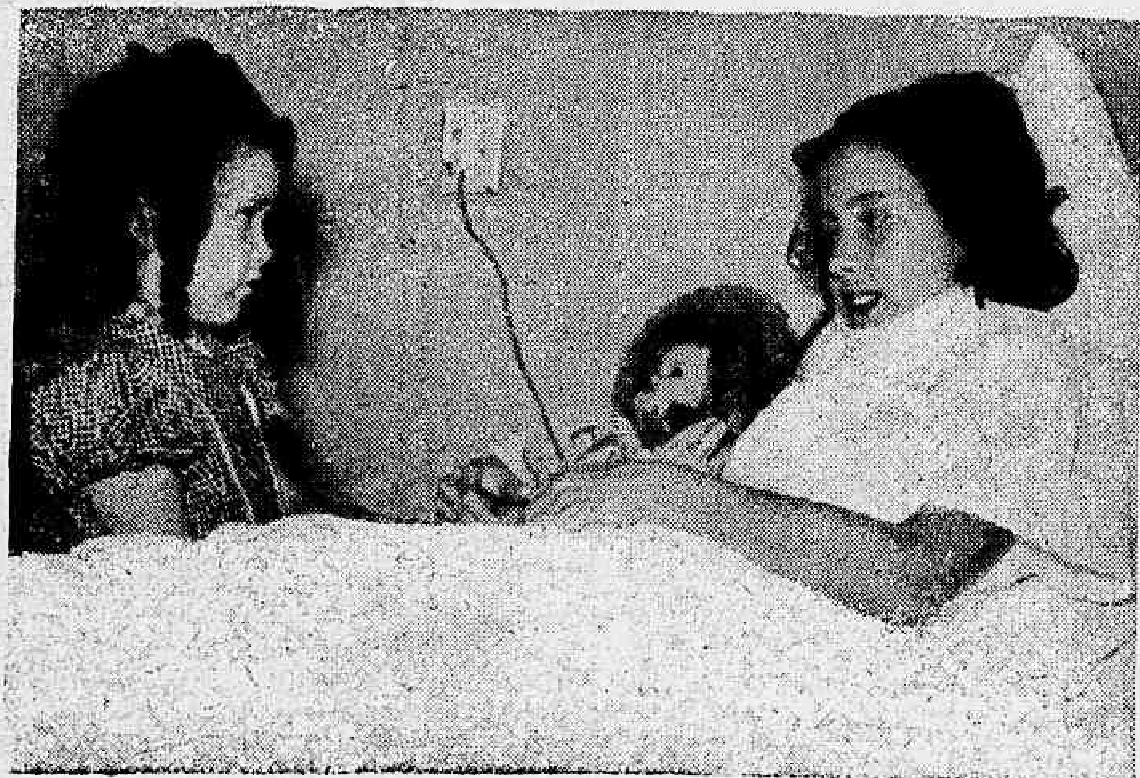
as têrças-feiras há reuniões da diretoria. E, segundo nos disse o seu presidente, Sr. Pompeu de Sousa, até agora foi depositada a quantia de Cr$ 8.064.990,10, distribuída pelos Bancos Hipotecário, Lar Brasileiro, do Brasil, Boa Vista e outros do Estado da Paraíba.

O Dr. Mário Kroeff, diretor-executivo da referida "Fundação", declarou-nos que dentro de dois meses deverá ser aberta a concorrência pública para a construção do **Hospital Napoleão Laureano,** em João Pessoa, cujas obras estão orçadas em 6.000.000 de cruzeiros. A construção deverá levar de um a dois anos. Terá capacidade para atender a todo o nordeste. O terreno onde vai êle ser levantado — informou-nos por sua vez o governador José Américo — custou ao Estado 450.000 cruzeiros, tendo a Assembléia Estadual votado um crédito de dois milhões de cruzeiros, destinado à luta contra o câncer.

A fim de fazer jus a uma vida modesta, mas digna, D. Marcina foi nomeada escrevente do Ministério da Justiça. Tomou posse e passou a trabalhar.

Mas ainda não havia terminado o seu calvário. E eis que, como uma bomba, estoura a notícia nos jornais: **"Maria do Socorro não é filha de Laureano!" "E' ilegal o registro da menina!"** — brada Isaac lá na Paraíba. D. Marcina chorou. Protestou... mas Socorro não é minha filha, isto é, não nasceu do meu ventre. E' filha do meu saudoso marido, o Dr. Laureano, mas é como se fôsse minha também..."

A verdade, entretanto, é outra. Fomos o primeiro e único repórter que noticiou nas cinco reportagens que fizemos com o médico-missionário, que Maria do Socorro é filha adotiva. E por isso mesmo, junto ao processo de anulação do registro da menina, encontra-se um número da REVISTA DA SEMANA, que traz a nossa primeira reportagem com o médico-mártir. O Sr. Isaac, interessado direto em desonrar a memória do irmão, valeu-se da precisão dos nossos informes. Quando noticiamos o fato, longe estávamos de pensar que hoje teríamos de lamentar a nossa própria exatidão profissional. Antes tivéssemos deixado passar em branco aquela referência do que

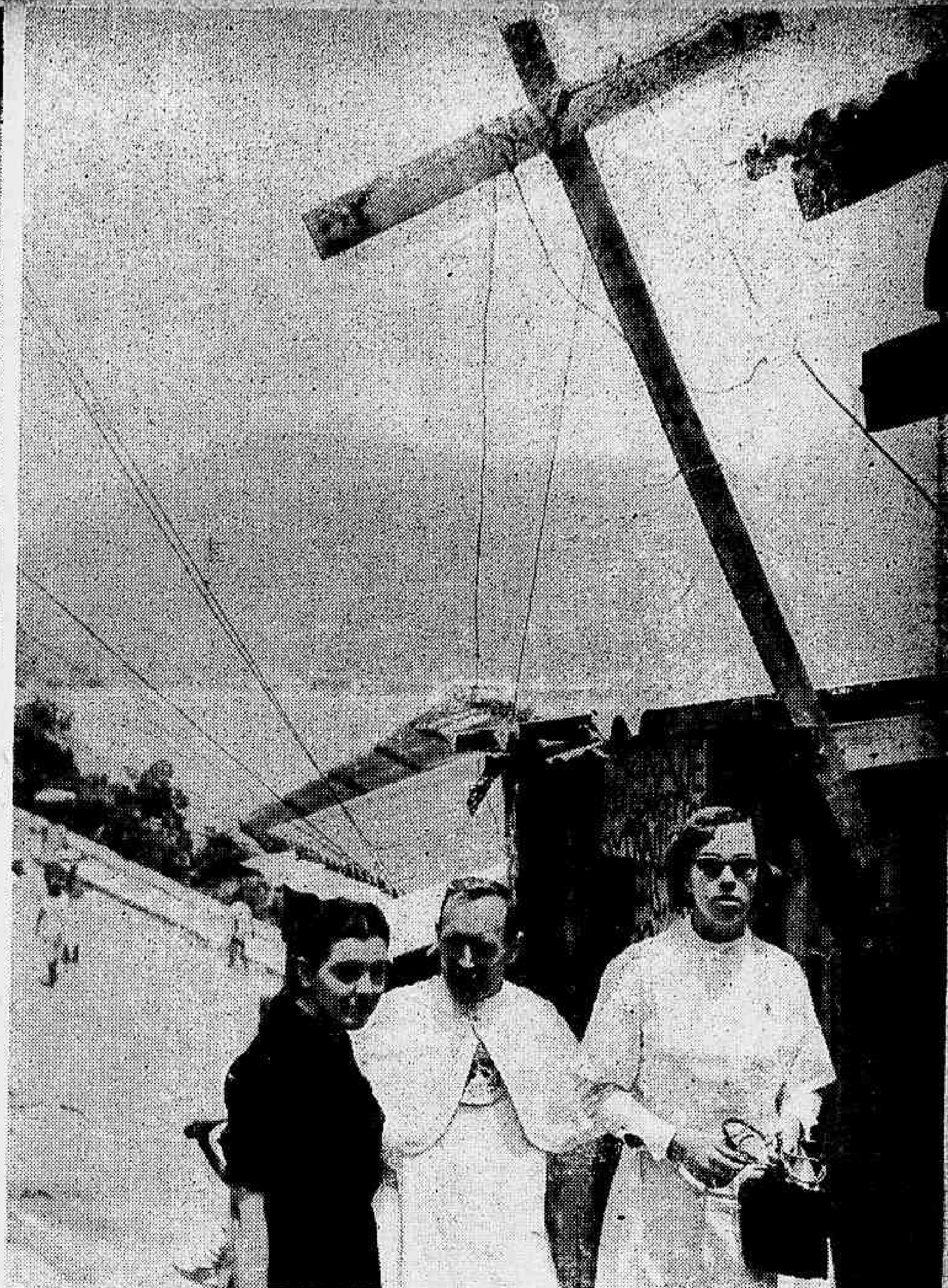


MARIA DO SOCORRO também faz visitas. Sua amiguinha está enfêrma num hospital. E ela foi levar-lhe uns doces e disse que ficou muito triste com a notícia...



A SOLIDARIEDADE humana, o carinho e a assistência aos que sofrem, eis o lema pregado pelo Dr. Laureano, agora aplicado pela sua dedicada espôsa





MUITAS VÊZES sobe aos morros cariocas e vai ter com os favelados. As crianças encontram nela uma protetora sincera, dedicada e afetuosa defensora.

SUBINDO o morro sob o signo da cruz. D. Marcina Laureano, Padre Justino e a Srta. Gilda Maria Póvoa. Vão atender a doentes residentes na favela do Sacopã

vê-la hoje servindo de **escudo insofismável** a tão indigno e mesquinho processo.

Na sua bondade sincera, e como nunca teve a ventura de ser pai, embora D. Marcina tenha ficado grávida quatro vêzes, o Dr. Laureano procurou, antes de entregar a alma ao Criador, amparar o anjinho que hoje é vítima de sórdida campanha, justamente por aquêle que devia protegê-la.

Também fomos o único repórter que fotografou Isaac com Maria do Socorro e D. Marcina, e finalmente, segurando na alça do caixão fúnebre à saída da Igreja da Candelária, às cinco horas da manhã do dia do embarque do féretro para a Paraíba.

Para fazer a primeira foto tivemos que esperar duas longas horas, no apartamento do Flamengo. Era um pedido do próprio Dr. Laureano. Esperamos. E como o Sr. Isaac demorava, o médico-mártir dizia: — "Espere mais um pouco, por favor. Eu gosto muito de Isaac e quero que o Sr. faça uma fotografia dêle com Marcina e Socorro. Após a minha morte é êle quem vai ampará-las".

E é justamente êsse homem, em quem o Dr. Laureano confiava cegamente, que hoje quer deserdar (de uma herança de Cr$ 20.000,00!) o anjinho que traz no colo. E é ainda o mesmo homem que aparece segurando a alça do caixão do irmão. (Vejam fotos).

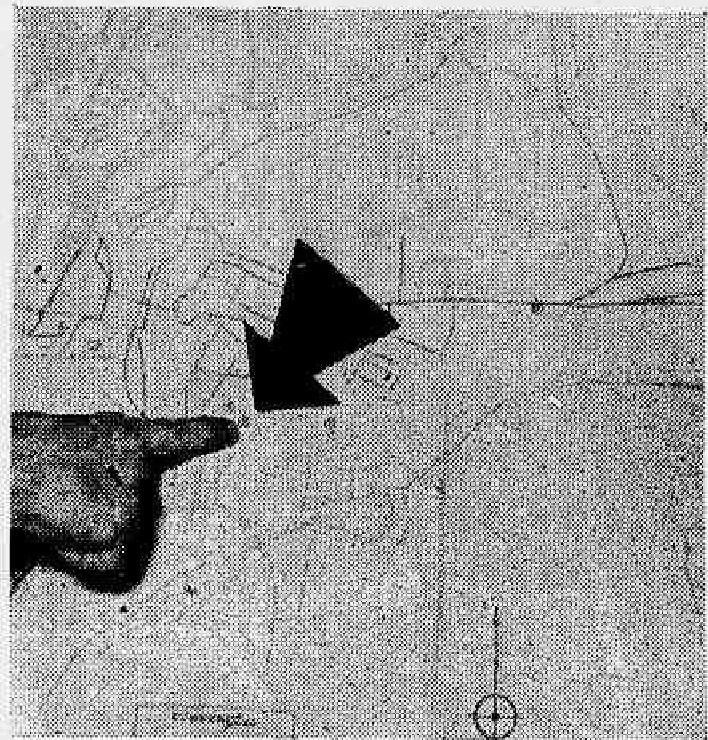
E será que êle é realmente irmão do Dr. Laureano?!... E' o caso de se investigar. Pelo menos em sentimentos está se portando como a antítese, isto é, tão mau quanto o outro era bom.

★

D Marcina receia que lhe arrebatem a menina, que é filha de Paulino Ferreira e Maria Sallête. A mãe já é falecida e o pai, por ser criminoso, está foragido. Fôra retirada pelo Dr. Laureano do Instituto de Assistência e Proteção à Infância de João Pessoa, no dia 12 de maio de 1948.

Ante a ameaça do cunhado, que não trepidou em envolver os próprios pais no processo infame, e que

(Cont. na pág. 49)

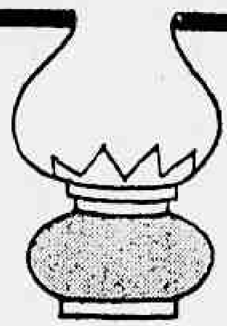




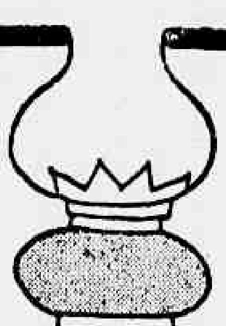


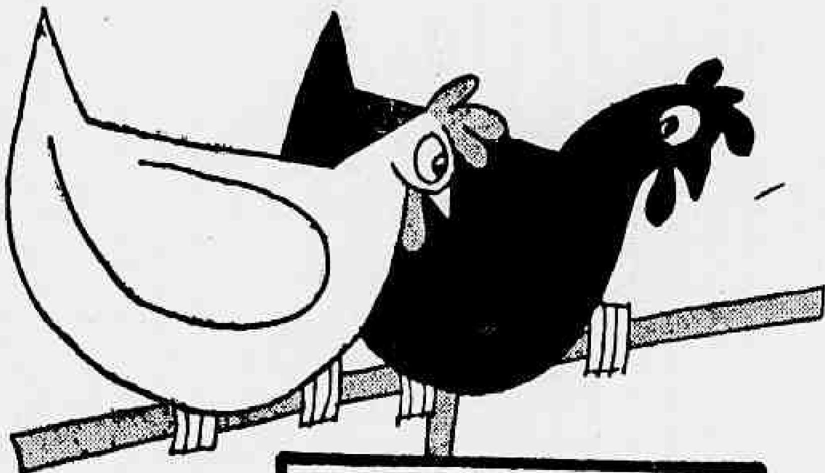
E' CHEGANDO aos pequenos que se conhece os seus sofrimentos. Por isso D. Marcina sobe aos morros a fim de sentir melhor as necessidades dos pobres.

EXAMINANDO uma preciosa obra de arte oferecida à "Fundação". Em cima, o mapa de João Pessoa e o local onde será construído o "Hospital Dr. Laureano".



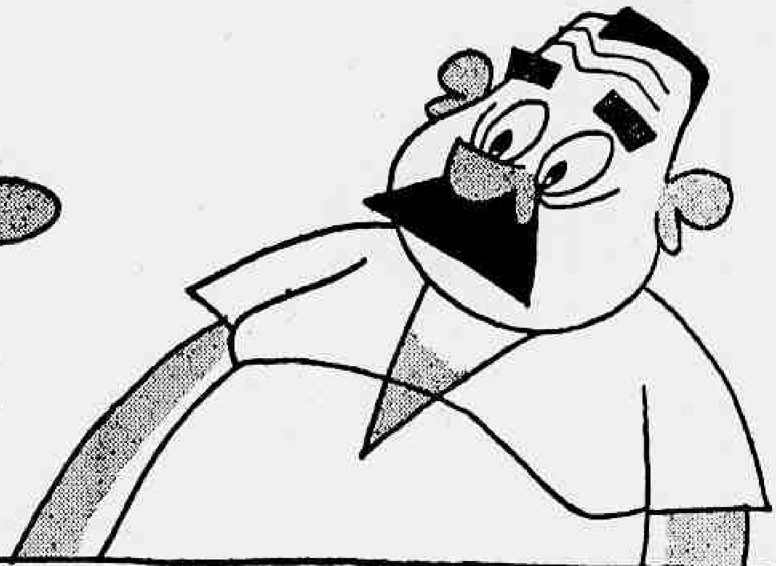
BLACKOUT





— Agora êles dormirão conosco!





— Bebendo mais cedo?!
— E' para clarear a vista...





— Os grãfinos estão aderindo, Bastião. Já falam em usar lampeão de querosene!

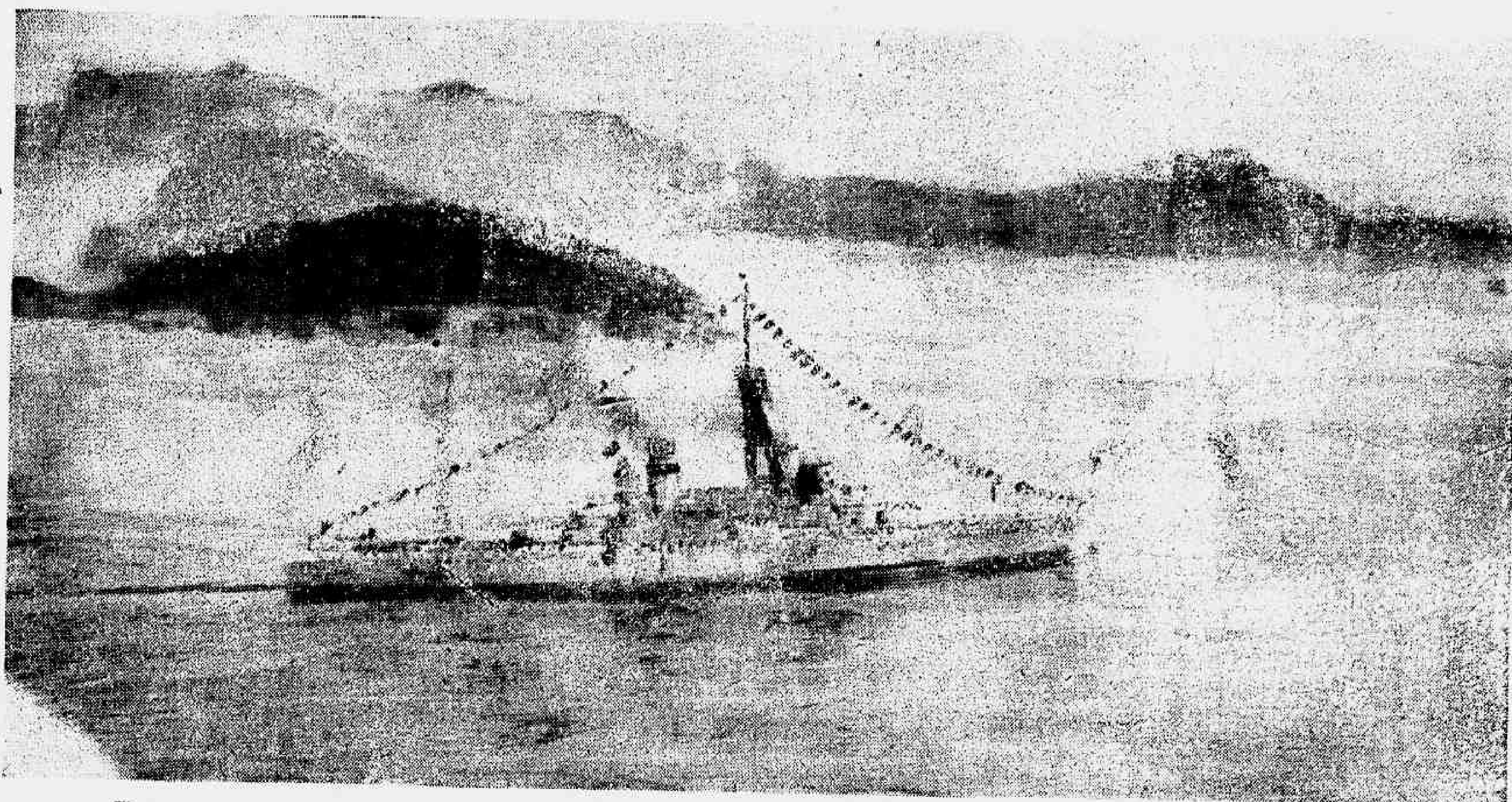




— O senhor é vagalume de cinema?!
— Não, senhor; sou inspetor de iluminação...



— Que mão bôba é essa Juquinha?
— Como quer que te conheça no escuro, Belinha?!



A invocação do "São Paulo"

ERA alta noite. Saindo barra a fora, dois rebocadores arrastavam o casco do "S. Paulo". As fortalezas não o saudavam mais, e os marujos, com lágrimas nos olhos, se despediram do velho encouraçado., que encheu com seus feitos, muitas páginas da História do Brasil. Vendido a firma inglêsa como ferro velho, a famosa belonave estava mutilada, sem armas, sem caldeira, sem bitácula, sem mastros, sem marujos, era como um esquife imenso a deslizar à flor das águas. Mas o "S. Paulo", não morrera ainda. Ao perder de vista a última nesga da costa brasileira, naqueles mares em que tanto dominara, sentiu na couraça o coração pulsando. Os rebocadores redobravam de esfôrço e a carcaça como que fazia fincapé na tentativa inútil de voltar à Guanabara.

E quando já nas águas africanas ultrapassada a linha do Equador, ia o "S. Paulo" em demanda da Inglaterra, a saudade do Brasil refloresceu e das cavernas do seu bojo escuro alteou-se ao céu esta invocação:

"O' filho de Júpiter e de Menálipe! Éolo potente! Agora que já estou noutro hemisfério e não mais avisto as luzes do "Cruzeiro", vinde em socorro dêste vosso servo, que sempre honrou o trono de Netuno, o vosso soberano! Levai-lhe, Éolo amigo, o brado rouco de meu seio em chagas, e pedi-lhe por amor de Vênus Afrodite, que eu tenha por túmulo o mistério das ondas no recesso do mar que me alimentou a alma e nutriu as minhas veias, durante quase meio século!"

De súbito, como por magia, das bandas do Oriente os ventos se agitaram e uma voz soturna como saindo do fundo do Oceano, convocava assim os elementos: "O' filhos de Astreu e da Aurora! Bóreas, Austro, Áfrico e Cauro. Ide à Sicília e retirai lá das Eólias, os Euros, Zéfiros, Favônios, Aquilão. Formai os trinta e dois ventos da Marinha e com êles libertai o prisioneiro que tanto orgulho foi de uma nação."

E ao passar pelas ilhas dos Açores, como um mártir levando a sua cruz, o velho couraçado brasileiro, sentiu que sua prece fôra ouvida, por Netuno, o Rei do Mar, Senhor dos Ventos.

As ondas levantaram-se como outeiros. Os ventos ulularam ferozmente na vastidão do Mar encapelado. O céu cobriu a face, temeroso de que as estrêlas se apagassem com o espadanar das vagas furiosas que se erguiam como Alpes líquidos coroados com a neve das espumas. E o "S. Paulo" assim, sob as algemas dos captores que o levavam a ferros, agradeceu a Netuno o seu auxílio em palavras de prece **comovida:**

"O' Netuno, Rei do Mar, Senhor das Águas! No sibilar dos ventos que me envolvem e no ruído das vagas que se quebram beijando-me o costado, eu ouço as trombetas dos Tritões como a alvorada de minha redenção. As tempestades que sempre eu afrontei, me respeitaram com tôda a lealdade. Eu sempre desejei, ó soberano, recolher-me aos arcanos do teu seio, e jamais ser produto de sucata, que a vida de um navio de guerra não se pode confundir com trastes velhos que se jogam ao monturo dos quintais. A minha vida inteira eu dediquei à Pátria; os meus canhões sempre alertas estiveram na defesa das águas do Brasil. E' exato que na minha mocidade, meti-me em aventuras de políticos, e um dia refugiei-me noutras plagas; mas a meu bordo conduzi soberanos de nações amigas; repatriei os restos dos imperadores e levei da Guanabara a outros povos, as mensagens do Brasil, tão fraternais. Que me perdoem os desatinos de minha juventude, coisa comum nas épocas escolares; mas meus canhões nunca dispararam contra peitos irmãos, nem fraquejaram diante do perigo em guerras decisivas. Meu ideal sempre foi terminar como outros irmãos lá da Esquadra, em ação, em pleno mar, com os heróis marujos de Barroso e de Tamandaré. "Aquidabã", "Bahia", e tantos mais, que foram dormir seu derradeiro sono, ouvindo o cantar dulcíssimo das Nereidas, sem sofrer o opróbrio dos chamados "ferros velhos". E já que a sorte me traiu, deixando que eu morresse de velhice, tragai-me, Oceano proceloso, arrebentai, ó vagas gigantescas, os cabos que me arrastam para o nada, para a vergonha da sucata infame, pelourinho injusto das glórias de um encouraçado. Levai, ó ondas de Netuno amigo, até às águas do Brasil inesquecido, os últimos suspiros de meu corpo mutilado, e dizei-lhe que êste velho barco de tantas tradições, não servirá de pasto a outros povos, e que terá por sepultura o silêncio inviolável dos arcanos do Mar. Correi, ó ventos redentores, ó Sirocos e Simuns onipotentes. Ide e dizei à Guanabara onde estão meus irmãos ainda em pranto, que o velho "S. Paulo" arrebentou os ferros que o jungiam aos dois rebocadores, e que já vê a hora de sua redenção, escapando à vergonha dos monturos, descendo em pleno mar tempestuoso, saudado pelos roncos da procela, pelos raios de Vulcano poderoso e beijado pela bôca das Nereidas que povoam de poesia o Alto Mar. Adeus, amigos! Adeus Brasil! Adeus Esquadra!"

E quando a calma voltou à flor das águas, e os ventos amainaram totalmente, ainda se ouvia um clangor festivo a sair dos recessos do Oceano. Eram Sereias a cantar Hosanas, em homenagem ao velho barco invicto, ressuscitando no coração de todos.

RENATO DE ALENCAR

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Laureano nunca foi pai! (Abdias Rodrigues) 3/7
Será isto sexo fraco? (Levy Kleiman) 12/17
Conflito no espírito (José Azmar) 27/31
Trote em São Paulo (Domingos de Lucca Jr.) 54/57

LITERATURA

Invocação de "S. Paulo" (Renato de Alencar) 9
A morte não a quis (Geo William) 34
O céu mandou-me esta mulher (Arnaldo M. Marguerítti) 38
Semana Literária (Edmundo Lys) 50/51

ATUALIDADE

Amigos, amigos... política à parte 19/21

ROMANCE

A Insatisfeita (Irene Temple Bailey) 22/23

EXTRA

O Diário de James Forrestal 32/33

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 10/11
Personagem da Semana 11
Palavras Cruzadas 34
Puxe pelo cérebro 44
Tudo isto aconteceu 52/53

A REVISTA há 50 anos 58

HUMORISMO

Blackout (Theo) 8
Êste mundo louco 26

CINE-NOVELA

O fim do mundo 46

FEMININAS

Meninos e Meninas (Ramon) 36/37
Variedades 40/41
Week-End na Cozinha 42

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob 24/25
Uma pequena selvagem 35

FOTOS:

Abdias Rodrigues — Angelo Gomes — Keystone — Dario Terini — Avulsas — Arquivo.

ILUSTRADORES:

Jeronymo Monteiro — M. Queiroz — Rafael — Ramon



NA CAPA

Corinne Calvert

(Foto Paramount)

A SEMANA

Está para êles



DIARIAMENTE publicam os jornais as mais estranhas notícias de assaltos, roubos e tentativas de arrombamentos em casas comerciais, residenciais, e até em plena via pública os ladrões investem contra pessoas que se atrevem a andar pelas praças mais centrais e movimentadas. Faz poucos dias, na Praça da Bandeira, em frente ao SAPS, um popular foi intimado por dois ladrões, às 20 horas (oito horas da noite!) e forçado a entregar tudo o que levava nos bolsos. E era tão pouco! Quem salvou a situação foi um soldado da polícia militar que, desconfiando do que se estava passando, acercou-se do grupo e prendeu os gatunos. Levados para o distrito, a vítima chegou até a ter pena dêles... Mas a gatunagem sabe organizar suas investidas. O caso do Sr. José Francisco de Andrade, na rua Junqueira Freire, 157, é típico. O mesmo cidadão saiu com a espôsa para dar um passeio. Um seu filho adotivo, Otávio Ramos de Almeida, ficara em casa. Mas, como era da convenção familial, sempre que todos saíam, quem o fizesse por último deixaria a chave da porta da rua num recanto da varanda. Era um segrêdo. Só mesmo os de casa sabiam disso. No dia 11 de novembro, quando o casal saiu, o rapaz também não quis ficar sòzinho e resolveu tomar ares aí por fora. Nada mais natural. Fechou a porta principal e colocou a chave no lugar convencionado. Se os seus pais chegassem primeiro não se atrapalhariam. Mas os ladrões estavam de atalaia. Logo que a casa ficou sem defesa, apanharam a chave e... lá se foram dezesseis mil cruzeiros e objetos de valor, no total de mais cinco mil. Se forem presos, logo sairão. E repetirão os crimes.

Sampaio Marques

CAUSA lástima o que ocorre entre os Estados e a imprensa do Rio, especialmente no que toca aos do Nordeste. Não vem de lá notícia alguma que honre ou enobreça os filhos daquelas terras. Pode haver motivo para elogiar-se Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, etc., como sejam inaugurações de estradas de ferro, melhoramentos urbanos, realizações privadas no campo das indústrias, da pecuária, da assistência hospitalar, etc., que nada disso se saberá no Rio. Mas, se alguém meter a faca noutro ou verificar-se uma calamidade pública, tôda a imprensa divulga a má notícia, muitas vêzes até exagerando o acontecimento. O nordeste brasileiro, bem como o norte até Manaus, são merecedores de mais divulgação, do ponto-de-vista da civilização e do progresso. Há nomes que orgulhariam qualquer nação dêste mundo, e que desaparecem do número dos vivos e dêles não mais se sabe, nem mesmo através de modesto telegrama em recantinhos de páginas. Vejamos o que acaba de ocorrer com o grande Sampaio Marques. Êsse homem, uma das glórias do país, morreu com mais de 80 anos de idade, tendo ocupado cargos dos mais elevados em Alagoas, mas que não mereceu a menor homenagem, nem mesmo dos que representam aquêle Estado no Congresso Legislativo Nacional. Entretanto, Sampaio Marques, desde seus vinte e poucos anos, foi figura das de maior projeção no cenário político de Alagoas; governou o Estado; foi prefeito da Capital, realizando uma administração ímpar até hoje; foi deputado, estadista de escol, médico de grande cultura, higienista. Morreu. O Brasil ainda não soube. Mas, quando um vagabundo morre com um tiro na Levada, tôda a imprensa anuncia...



Arroz Amargo



OS jornais do dia 12 de novembro trouxeram uma reportagem telegráfica de S. Paulo, que despertou grande indignação a quantos a leram. O comerciante Janil Chiod, unindo-se a outros cúmplices, alguns dêles funcionários do Lóide Brasileiro, obteve lucros astronômicos com a venda de grandes partidas de arroz para o estrangeiro. Mas êsse espertalhão não possuía um grão do cereal. Vendeu milhões de sacas recorrendo à simulação, à trapaça, ao subôrno. Para isso, conseguia conhecimentos da mercadoria, mediante o que obtinha meios de negociar com interessados do exterior grandes partidas de arroz. Como a arrozada nunca chegava às mãos dos seus compradores, nem era mesmo possível chegar, veio o caso à polícia, e, daí, à justiça de S. Paulo. Depois de arroladas as testemunhas e condensadas as provas contra os traficantes, o juiz da Terceira Vara Criminal de S. Paulo lavrou as sentenças, condenando o espertalhão Chiod a oito anos de prisão e quinze mil cruzeiros de multa, por falsificação e utilização de documentos públicos. Seu comparsa, José Pires da Costa, que era o seu agente intermediário na obtenção de conhecimentos e praça em navios, também pegou oito anos e idêntica multa. Além dêsses, mais três funcionários do Lóide Brasileiro foram condenados a penas menores, cúmplices que eram na falcatrua. O caso teve repercussão internacional, pois que o bom nome do Brasil se viu envolvido na chantagem e na corrupção, enquanto tais meliantes se enchiam de dinheiro. O arroz, evidentemente, continua amargo...

EM REVISTA

Os vereadores de Belo Horizonte

ESCREVE-NOS um leitor residente em Belo Horizonte, bordando comentários sôbre uma das últimas sessões do legislativo do município da capital mineira, na qual houve grande agitação entre os representantes locais. O caso se ligava a um projeto de aumento de subsídios dos vereadores de Belo Horizonte, em cem por cento. Até agora, ganhava um legislador da capital, apenas três mil cruzeiros. Como a vida também tem subido muito em Minas, especialmente em Belo Horizonte, os vereadores acharam que não era nada de mais pleitear um aumentozinho de cem por cento, passando a ganhar seis mil cruzeiros mensais. Mas o tumulto da sessão do aumento se revestiu de aspectos inéditos: quando o vereador Francisco Ferreira de Carvalho, do PSD, falava justificando o aumento, as galerias se manifestaram e o vaiaram. O vereador, indignado, pediu ao Presidente que mandasse evacuar os manifestantes; mas a Mesa se limitou a advertir os populares e ameaçou com a expulsão do recinto, se continuassem com tais manifestações. Quando o vereador criticado voltou a falar, defendendo o projeto que era atacado pela bancada udenista, um popular tomou a palavra e começou a discursar! Foi a conta. O tumulto cresceu e os apupos redobraram. A Mesa mandou evacuar as galerias e a sessão foi suspensa por alguns minutos, até que se serenassem os ânimos. Reaberta, recrudesceu o alarido. Um popular foi prêso, chamaram a RP. A sessão se prolongou até alta madrugada, interessando vivamente a opinião pública. Mas foi aprovado o aumento.



A Holanda no Paraná



TREZENTAS e cinqüenta pessoas, constituindo cinqüenta famílias holandesas, já devem ter embarcado em um pôrto holandês com destino ao Brasil, ao sair êste tópico. Mas, que gente é essa? Algum cruzeiro turístico? Refugiados de guerra que não puderam voltar às suas respectivas pátrias? Não, leitor. Nada disso. Os holandeses que estão em marcha para o Brasil são camponeses, homens e mulheres afeitos à vida dos campos, da pecuária, dos lacticínios mais modernos, das plantações de batatas, trigo e outros produtos da terra. Mas não vêm pedir nada aos de cá. Pelo contrário: trazem de lá o que nos falta aqui. Trazem mil e duzentas cabeças de gado de pura raça; instalações completas para indústria de lacticínios, máquinas agrícolas, tratores, sementes selecionadas. E não fica nisso. Muitos dos integrantes dessa "invasão" benemérita vão instalar, no Paraná, fábricas de acordeões, pianos, máquinas agrícolas, etc., formando uma caravana das mais proveitosas para nossa cultura e desenvolvimento cultural, agrícola e fabril. E tudo foi organizado metódica e conscientemente, antes de decidida a vinda. Primeiramente veio ao Brasil um emissário, a fim de estudar a terra, o meio, as possibilidades. Voltando, deu contas de tudo e vinte famílias aderiram à mudança. Logo em seguida, mais trinta famílias se juntaram às anteriores. Cada participante contribuiria com cêrca de cem mil cruzeiros. E aí vêm êles em busca da terra de Canaan, o fertilíssimo e paradisíaco planalto paranaense. Que sejam bem-vindos!

Que surprêsa!

SEMPRE que chove, mais ou menos torrencialmente, em quase todos os bairros do Rio há inundações. Há mesmo sítios trágicos, como sucede com a Praça da Bandeira, onde já há mesmo uma casa de fazendas que tem o nome de "Casa das Enchentes", isto é, a casa que, logo que escoam as águas, os tecidos são vendidos a preços de salvados... O Catete, Botafogo, Maracanã, Engenho de Dentro e outros engenhos desta cidade maravilhosa, são conhecidos lugares de encher ruas e praças. Qual a causa de tudo isso? Os engenheiros davam entrevistas, os prefeitos vinham a público e ninguém estava mesmo certo, certíssimo sôbre as causas reais de tamanhas complicações entre os esgotos e as águas pluviais, ou sejam, as que nos vêm das nuvens. O atual prefeito, que é engenheiro, andou examinando os esgotos de várias zonas sujeitas a inundações, e mandou que os funcionários, a quem estão confiadas tais responsabilidades, isto é, as de não permitir enchentes, vasculhassem as entranhas da cidade maravilhosa, até que encontrassem as causas exatas de tamanhas tragédia. E turmas de operários andaram a descobrir os canais de escoamento das águas de chuva em diversos bairros da cidade. Bueiros, galerias, bôcas-de-lôbo, ralos, etc., tudo foi mexido e remexido. Muita sujeira ficou ao sol; mas, houve um fato em Botafogo que, ainda hoje, não teve explicação. Numa das galerias encontraram um barco e... uma mobília! Como explicar-se? Talvez se desse o seguinte: diante da falta de casa, alguma família se instalasse ali, e, para dar seus passeios, usasse uma iole... Tudo pode acontecer!



A PERSONAGEM DA SEMANA

QUEM passasse pela Cinelândia nos dias da semana que findou, veria exposto ao público, num dos passeios da Praça Floriano, pequenino avião de turismo. Era o aparelho da aviadora brasileira Ada Rogato, que, sòzinha no seu "teco-teco", acabava de realizar uma das mais sensacionais provas de perícia aeronáutica de que há memória nos registros da aviação mundial, a par da demonstração da coragem e do valor da mulher brasileira. Nesse vôo solitário, visitou 28 países das três Américas, perfazendo 51.064 quilômetros, extensão equivalente a mais de uma vez e um quarto, a volta da Terra. A audaz aviadora patrícia gastou 318 horas nessa peregrinação pelos ares, levando aos povos das Américas mensagem de fraternidade nas côres de nossa bandeira, símbolo da pátria do "Pai da Aviação". Ada Rogato, que recebeu o brevet da Aeronáutica Civil a 3 de maio de 1936, é uma apaixonada da aviação. Não satisfeita com êsse entusiasmo de andar pelas nuvens, Ada se exercitou em paraquedismo, sendo proclamada campeã brasileira dêsse desporto que requer nervos de aço e perícia de militar. Ada Rogato acaba de chegar ao Rio de volta de sua excursão pelos países das Américas, tendo levado às crianças de todos êles uma mensagem da Sra. Darcy Vargas, espôsa do Sr. Presidente da República. Se Santos Dumont fôsse vivo, teria experimentado uma das maiores alegrias de sua alma: ver que o avião estava servindo para as finalidades humanas com que sempre sonhara, em favor da paz entre os povos, robustecendo o intercâmbio social e a confiança entre as nações mais distantes, e que deverão ser sempre unidas pelos elos da fraternidade. Ada Rogato, pelo sensacional "raid" que fêz, afrontando tantos perigos em rotas desconhecidas, foi a figura máxima da semana que passou, atraindo para seu nome a admiração do Brasil, como um vínculo que uniu a Semana da Asa ao Dia da Bandeira.


Ada Rogato

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre.**

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome Ventre-Livre hoje, à noite.

• • •

Lembre se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

• • •

Tenha sempre em casa
alguns vidros de Ventre-Livre



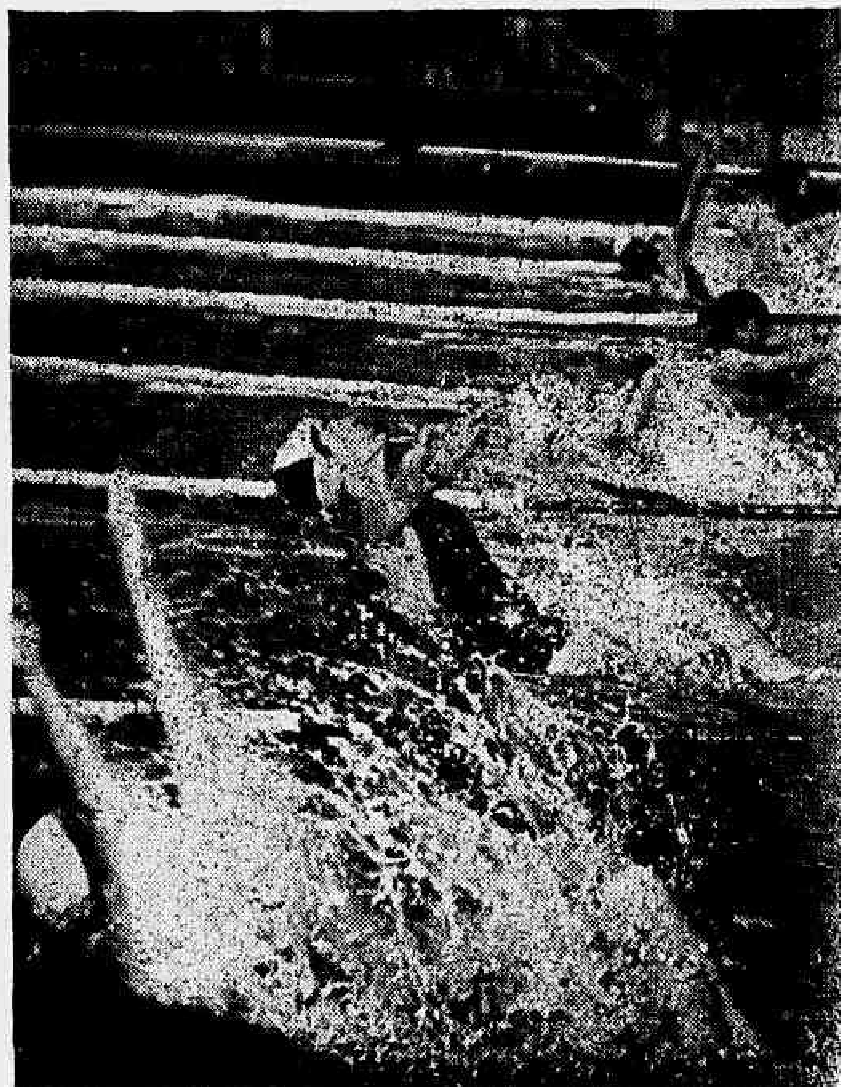
NEM NO PRIMEIRO campeonato sul-americano de volei realizado há poucas semanas no Rio, nem em qualquer outra partida de volei no mundo inteiro, se terá reunido maior assistência do que a da peleja entre as equipes dos Institutos de Educação e La-Fayette pelos «Jogos da Primavera», e a torcida maior era feminina.



O TÊNIS de mesa está na relação dos esportes menos violentos, e mais próprios para a mulher.



DUAS icaraienses que brilharam no ciclismo: Dirce do Couto, à direita a vencedora, e Zombinha.



SENSACIONAL prova de natação dos Jogos, outro esporte bem apropriado para o sexo frágil.

JOGOS DA PRIMAVERA DE 51

SERÁ ISTO SEXO FRÁGIL?

NÃO SÃO ESTIVADORAS MAS PRATICAM A LUTA-LIVRE ★ PROIBIDAS DE JOGAR FUTEBOL ★ ONDE ENTRAM BERTRAND RUSSELL, RAMALHO ORTIGÃO E AFRÂNIO PEIXOTO, NUMA TESE SÔBRE A MORAL, A MODA E A EDUCAÇÃO FÍSICA DA MULHER ★ MAIS DE MIL ATLETAS NA OLIMPÍADA FEMININA QUE FOI UMA VERDADEIRA GUERRA ★ UM PADRE DE BELO HORIZONTE MANDOU UMA EQUIPE DE COLEGIAIS DISPUTAR O CAMPEONATO DE VÓLEI E PARTICIPAR DO DESFILE, DE CALÇÕES CURTOS ★ DUELO FLA-FLU ATÉ NOS "JOGOS DA PRIMAVERA" ★ NO REMO, ELAS PARECIAM HOMENS

Texto de LEVY KLEIMAN

Fotos de ANGELO GOMES

O tema é velho. Será a mulher permanentemente enquadrada no sexo frágil? Os tempos mudam da noite para o dia, de hora em hora, de minuto em minuto nesta era atômica e os conceitos variam com o avançar dos ponteiros.

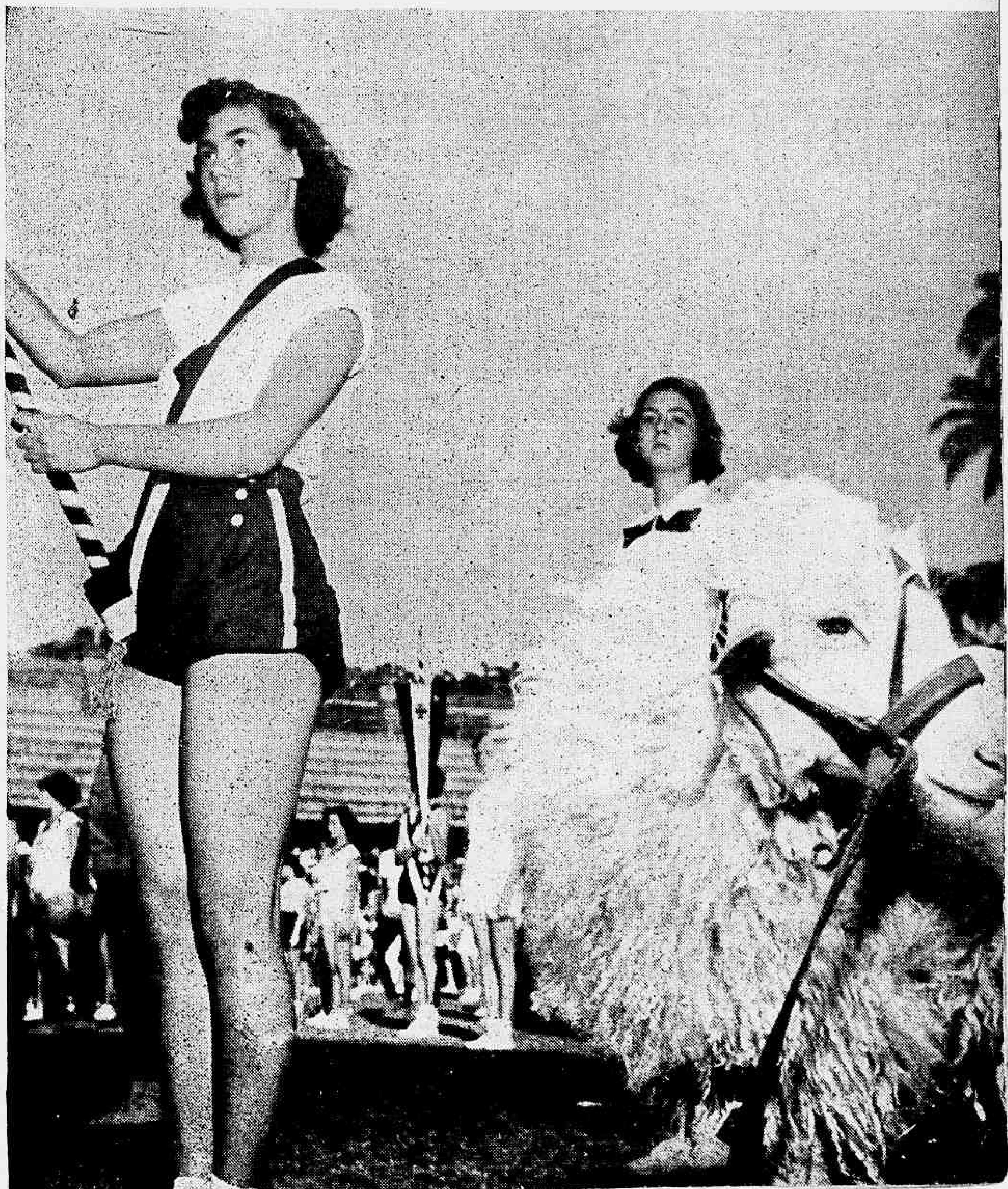
A grande verdade é que a mulher concorre com o homem na maioria das profissões, menos nas mais pesadas. Por exemplo, ainda não vimos mulheres trabalharem na estiva, carregando sacos de sessenta quilos de café, mas, em compensação, existem muitas que dirigem caminhões e que trabalham em outras tarefas consideradas pesadas e proibidas por lei trabalhista.

O esporte é, sem contestação, uma facêta vibrante da vida, especialmente para os que o praticam. Neste campo dinâmico a mulher procura também equiparar-se aos homens, apesar de que as leis esportivas lhes proibam certas modalidades esportivas, por considerá-las inadequadas ao físico feminino.

MULHERES BRIGAM DE VERDADE!

Não faz muito tempo, exibiram-se no Rio mulheres de diversos países da Europa em luta-livre, um dos esportes mais violentos e que até para o

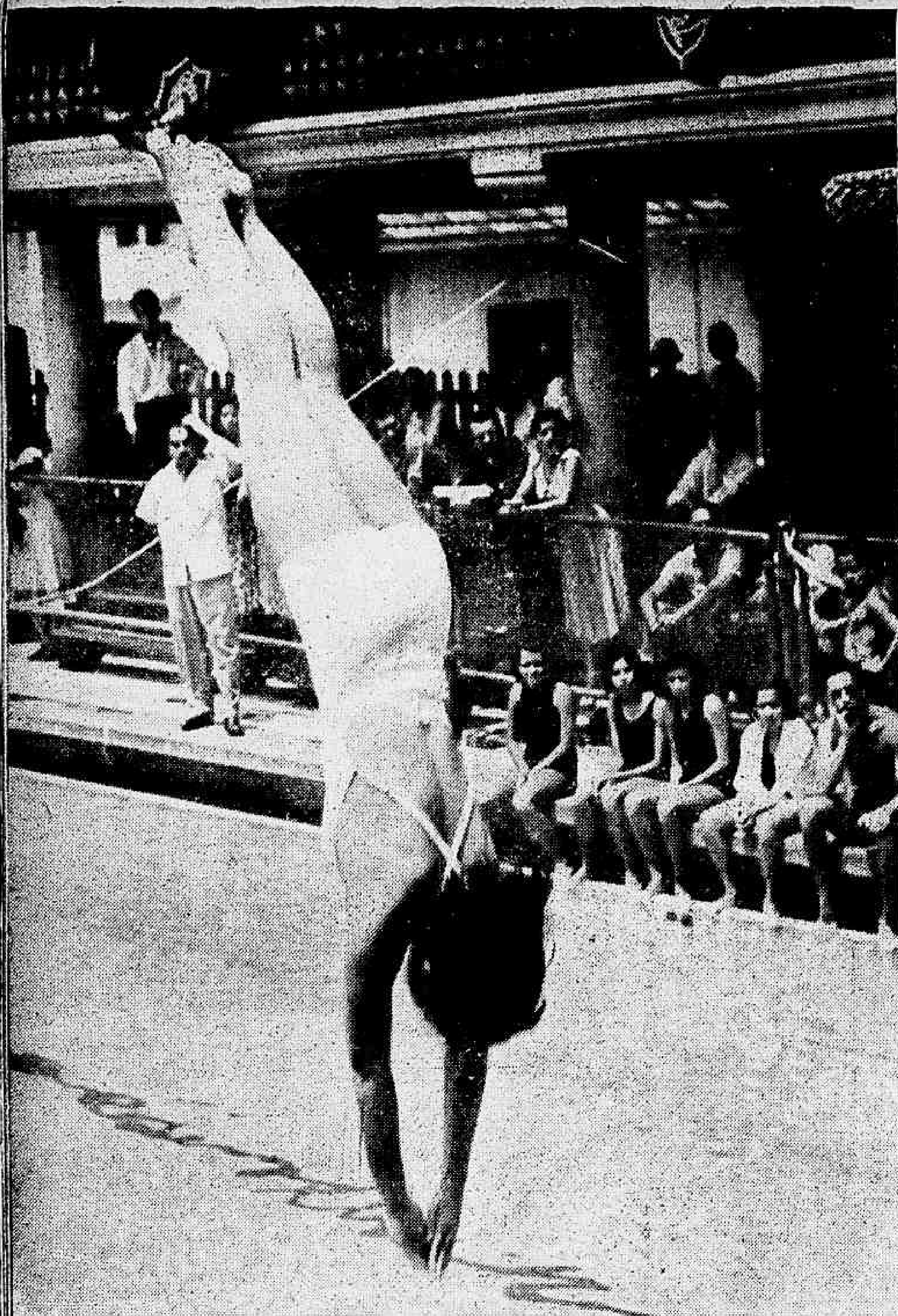
UM ASPECTO do desfile, com a porta-bandeira do Instituto de Educação e a mascote, um belo carneiro.





ANITA LICHT, campeã de vela, empenhando-se para vencer a prova para o seu clube: o Fluminense.

SERÁ ISTO SEXO FRÁGIL?



DILIA Acosta Almeida, do Fluminense, vencedora dos saltos ornamentais. Em baixo, duas estrêlas se confraternizam: Piedade Coutinho e Talita Rodrigues.

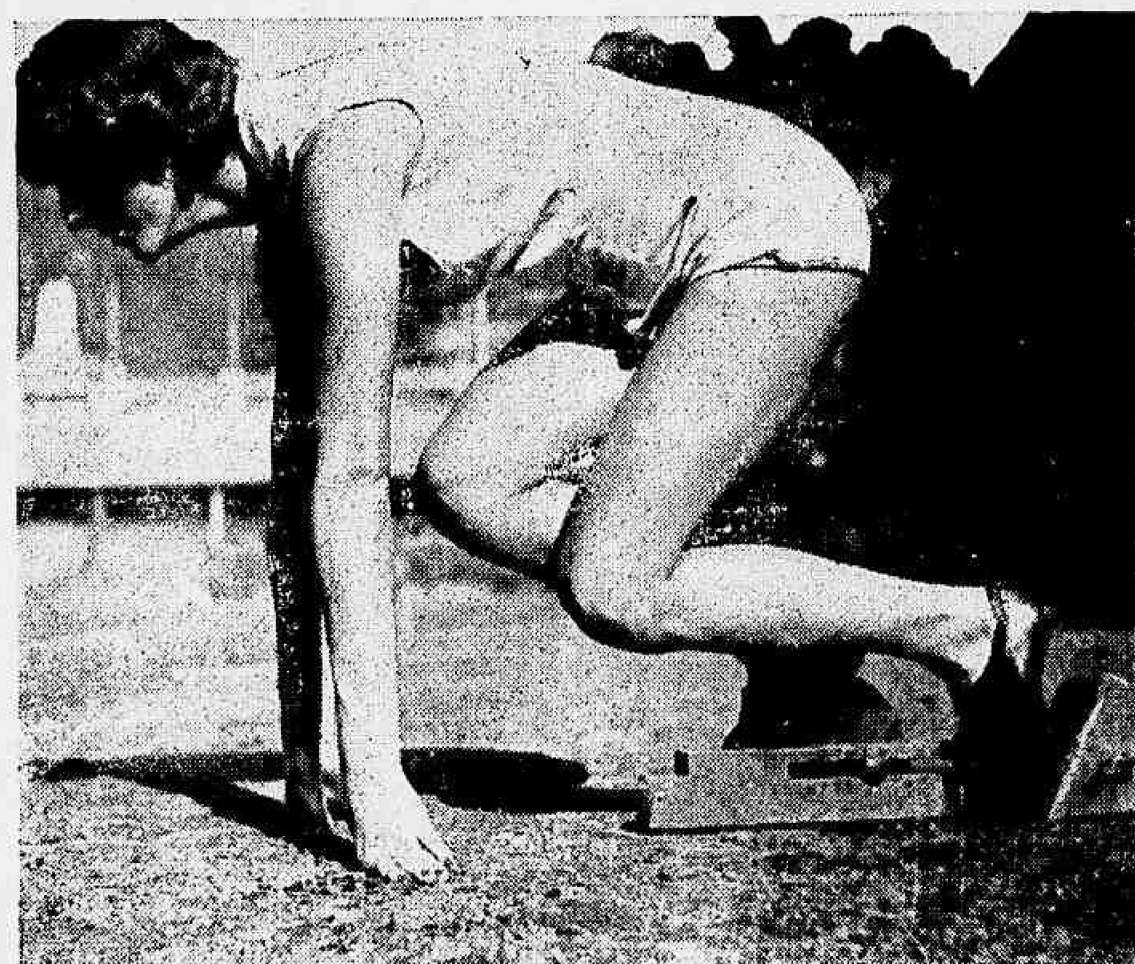




O TÊNIS também figura em destaque entre os esportes preferidos pelo elemento feminino. Eis uma destacada raquetista tricolor em ação: Inah Bustamante.



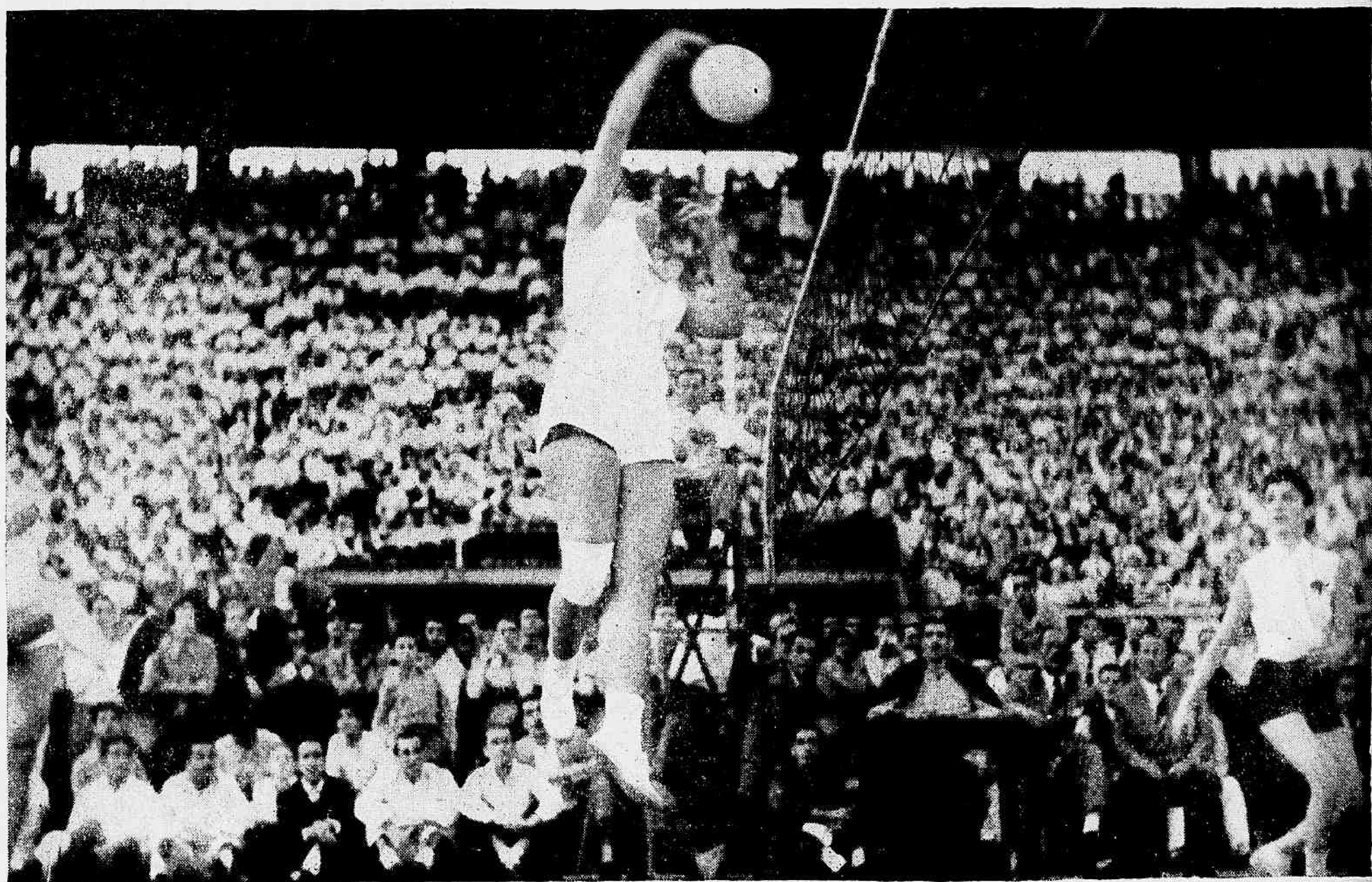
A ESGRIMA não é olhada com bons olhos pelos puritanos do esporte. Acham que é esporte para homem, porém Eva não se considera inferior ao sexo forte.



HELENA Cardoso de Menezes, a fitinha azul do atletismo feminino preparando-se para mais uma sensacional arrancada nas corridas de sua especialidade.



O BASKETBALL feminino também não é visto com bons olhos pelos defensores do físico da mulher. Eis uma fase violenta do jôgo Pinheiros x Botafogo. Em baixo, o esporte que consideram mais adequado para as moças, o volei, numa fase do jôgo que reuniu maior torcida no mundo, Instituto de Educação x La-Fayette.





SERÁ ISTO SEXO FRÁGIL?



A ATLETA tricolor Anita Licht laureou-se no arco e flexa. Êste sim é que é o tipo do esporte perigoso para a mulher. Pode dar flechadas no coração...

sexo forte é considerado perigoso porque, como o próprio nome diz, nêle vale tudo. Tratava-se de uma "troupe" bem ensaiada, que usava de todos os recursos, inclusive a clássica chave feminina (puxar os cabelos), fora outros golpes proibidos. O público se divertiu bastante.

NÃO DEIXARAM EVA JOGAR FUTEBOL

O futebol, por exemplo, chegou a ser praticado no Brasil entre o sexo frágil, numa demonstração de que elas também podiam dar os seus pontapés nas bolas. A violência de certos lances obrigou as autoridades esportivas a tornar ilegal esta modalidade, que só pode ser praticada pelo sexo forte e assim mesmo por elementos com capacidade física para resistir 90 minutos de corrida.

A MORAL DA MULHER ESPORTIVA

Nunca é demais ouvir-se a opinião abalizada de um grande estudioso da matéria sôbre a mulher no desporto e fomos escutar justamente o conceito de um homem, hoje afastado dessas lides e que até a bem pouco tempo foi a autoridade máxima no Brasil no assunto. Trata-se do Sr. João Lyra Filho, ex-presidente do Conselho Nacional de Desportos.

Inicialmente, perguntamos o que achava, do ponto-de-vista moral, sôbre a mulher que pratica o esporte, que comparece às praças desportivas com a sua vestimenta reduzida para melhor desenvolver suas "performances". A resposta foi esta:

— As contradições da vida moral ainda não harmonizam as idéias dos homens em relação aos problemas da educação da mulher. Houve tempo em que a lição era hostil à presença da mulher no campo de desportos. As saias compridas, os cabelos compridos, as meias compridas, fechavam as quentes intimidades do corpo feminino e abriam a curiosidade pecaminosa do olhar masculino. Mover a mulher à praça de desportos seria desdobrar-lhe o caminho da prostituição. Os moralistas não confiavam na sua capacidade de resistência às veladas insinuações do sexo. Eu prefiro ser fiel à adver-

(Cont. na pág. 48)

DILBA, atleta paranaense que concorreu ao certame de basketball, e que também foi candidata ao título de Rainha, representando a terra dos Pinherais.



MADAME NAIR ARANHA, representando o Vasco, triunfa na Ginkana do Hipismo. A mulher sempre admirou o hipismo, apesar das emoções fortes dos saltos.



FOI UM VERDADEIRO carnaval o desfile das equipes concorrentes aos «Jogos da Primavera» de 1951, que contaram com a presença do Presidente Vargas. Serpentinas e confetes marcaram a passagem triunfal da valorosa equipe do Fluminense F. C., efusivamente saudada pela sua torcida. Ganhou o desfile o Flamengo.



A CORRIDA de barcos a motor foi êste ano disputada pela primeira vez. Eis a primeira campeã desta nova modalidade, Iracema Lima, do Fluminense F. C.



QUEM FOI que disse que remo era só p'ra homem? Olhem estas colegiais do Anglo-Americano, que venceram a regata, como seguram com firmeza a baleeira.

CONQUISTA O BRASIL...

O HOMEM QUE FÊZ RUBINSTEIN GOSTAR DE TANGO!

OS BRASILEIROS ESTÃO GOSTANDO E A MÚSICA PORTENHA RECONQUISTA SUA ANTIGA POPULARIDADE NO BRASIL ★ ANIBAL TROILO COM SEUS CANTORES E BAILARINOS, CONSTITUINDO O CONJUNTO NÚMERO UM DA MÚSICA PORTENHA DO MOMENTO, ESTREOU TRIUNFALMENTE NA RÁDIO BANDEIRANTES DE SÃO PAULO!

Anibal Troilo, pessoalmente, faz o contrôle frente ao microfone. Com o pé, liga um microfone ao seu alcance, para os "solos". Da mesma maneira, desliga, quando se reúne ao numeroso e impressionante conjunto para obter da orquestra os mais belos efeitos

UM conjunto tão famoso quão numeroso parecia impossível se apresentar, numa temporada tão longa. Pois, a Rádio Bandeirantes de S. Paulo e a visão publicitária do Vinho Salton não hesitaram em superar essas dificuldades. E aí está o grande acontecimento — a apresentação, em São Paulo, de Anibal Troilo, seus notáveis músicos, seus cantores e seus insuperáveis bailarinos. O Brasil assim está sendo o primeiro país do mundo, depois da Argentina naturalmente, a ter a honra de hospedar e aplaudir êsse conjunto. Isso antes mesmo de Nova York, Londres, Paris, etc.. Porque jamais Anibal Troilo pôde deixar sua pátria, apesar de ser imensa a sua ânsia de levar a tôda parte a música portenha na interpretação de sua magistral orquestra. O mais bem pago diretor de orquestra, que durante tantos anos vem batendo recordes de venda de discos, que teve o condão de conquistar a admiração, entre tantos outros, do maior pianista da atualidade — Arthur Rubinstein — dificilmente pôde, até agora, apresentar-se a outro público que o argentino. Precedido com um "background" tão sólido e lisonjeiro é que Anibal Troilo foi a São Paulo, contratado pela Rádio Bandeirantes. No dia 20 de novembro último, o Braz Politeama, o grande teatro do populoso bairro do Braz estava à cunha. E ali o público paulistano, representado por milhares de pessoas, presenciou um acontecimento que está marcando o verdadeiro ressurgimento do tango argentino no coração dos fãs brasileiros de música popular. Êsse fato se evidenciou desde o primeiro momento em que Anibal Troilo enfrentou o microfone da PRH-9, à frente de um conjunto surpreendente pelo número e pelo elevado padrão da música que produz. Anibal Troilo sola e também reúne-se aos seus para a obtenção dos mais belos efeitos de que é tão rica a música argentina. Assim, por si só, já estava feito o espetáculo. Mas, não ficamos nisso. Sucediam-se as atrações. Primeiro Jorge Casal com sua simpatia. Depois, Raul Veron com sua arte. E com arte e simpatia ambos êsses notáveis cantores solistas se mostraram estar à altura do conjunto a que têm a honra de pertencer e ao qual emprestam o seu brilhante talento. Finalmente, para completar um grande espetáculo de música, canto e dança argentinos, lá estiveram os bailarinos Júlia e Lalo Bello, uma harmoniosa dupla de intérpretes das danças regionais e evocativas, das "milongas arrabaleras" de Buenos Aires. Foi assim que se apresentou em São Paulo, em sua noite de estréia, Anibal Troilo, sem dúvida o artista que mais ansiosamente foi aguardado na terra bandeirante; e se atentarmos para o fato de nos antecedermos a outros grandes centros no aplauso pessoal a "Pichuco", cremos não ser exagêro dizer-se que foi o maior evento artístico popular do ano em São Paulo. Além disso, a atuação de Anibal Troilo e o grupo de valores que o acompanham, fizeram êsse fato que nunca é demais repetir — o tango argentino, outrora tão ligado ao coração de nossa gente, mas que aos poucos vinha sendo superado por outras melodias, readquiriu em todo o seu vigor a antiga fama e preferência, registrando-se assim um verdadeiro ressurgimento.



Está é a dupla de bailarinos Julia e Lalo Bello que empolga S. Paulo com os passos dos mais belos tangos e das cadenciadas milongas!— Um espetáculo!



Eis o conjunto que o gênio popular de Anibal Troilo criou e desenvolveu, passando à história como um renovador da riquíssima música portenha. Com êsses homens, fêz êle um sucesso em São Paulo, que muito dificilmente poderá ser esquecido.

ACONTECEU EM LONDRES

"SURPRISE"! — Os dois juntos? Que razões misteriosas poderiam tão fraternalmente aproximar os velhos rivais? Quando o mundo acreditava que Churchill e Attlee se degladiassem, um querendo voltar a Down Street 10 e o outro a cantar o "daqui não saio" — como podem saír pelas ruas nessa estranha pose?

AMIGOS, AMIGOS... POLÍTICA À PARTE

UM "SKETCH" DO PALLADIUM FAZ FUROR CRITICANDO ATTLEE E CHURCHILL ★ DOIS BICUDOS NÃO SE BEIJAM ★ E O VELHINHO DO CHARUTO ACABA LEVANDO A MELHOR!

EM vésperas das eleições, na Inglaterra, o Palladium apresentou no seu programa de variedades, êsse interessante "sketch". Com o recurso de duas máscaras, o casal de excêntricos Medlock-Harlowe apareceu em cena, êle numa esplêndida caricatura de Winston Churchill, ela na de Attlee, e o público desmanchou-se em riso. O "sketch" era de um refinado senso de humor, legìtimamente britânico, e sem a menor ofensa, mas com muita ironia, manobrava com os dois "leaders" da opinião



NÃO É POSSÍVEL! — Êles se abraçam e trocam apertos de mão... Algo de sério vai acontecer...



AMIGOS . . . AMIGOS . . .



DUELO? — Agora tudo mudou. Munem-se de revólveres e vão contar os passos: um... dois... três...

pública do país. Churchill dançava com Attlee, caíam num passo de valsa bem gostoso, cumprimentavam-se, trocavam fortes apertos de mão, diziam-se amabilidades, jogavam "confetti" por atacado nas respectivas cabeças... mas cada um dêles procurava passar a perna no outro. Em dados momentos, Attlee levava a melhor, e uma parte do público aplaudia, enquanto a outra vaiava, por troça. Mas quando Churchill rematava a história com o seu famoso V, o teatro vinha abaixo. Era um nunca acabar de palmas, gritos, assobios, exclamações — e o público dividia-se. Por algumas vêzes foi preciso requisitar alguns "policemen", mas não houve nada de extraordinário. Veio o dia das eleições, soube-se o resultado, e o "sketch", já então motivo de comentários em tôdas as rodas, despertou ainda maior entusiasmo. Adeptos de Churchill e de Atlee continuaram abarrotando o Palladium, cada qual externando as suas simpatias e preferências. Mas como se trata de um público educado, que sabe portar-se à altura, tudo acabou bem. E o casal Medlock-Marlowe continuou repetindo o seu número, para um público sempre disposto a aplaudir e a vaiar... O empresário foi quem gostou do negócios. E vai, agora, esperar as próximas eleições para repetir a façanha.

— QUE É QUE HÁ, "BROTHER"? — Reparem no jeitão do velho. O outro topa o desafio e firma-se bem.



— ASSIM NÃO VALE! — Attlee mostra ao parceiro o "fez" perigoso. Vai querer mesmo, velhinho?...



ESTÁ MELHORANDO! — Aquelas poses em atitudes fraternais foram para inglês ver. Um quer derrubar o outro e a queda de braço será decisiva. Churchill nem chega a acender o charuto; leva a mão esquerda à cintura e finca o cotovelo direito no tampo da mesa. Attlee fica na defensiva. O velho é duro, mas Attlee confia...



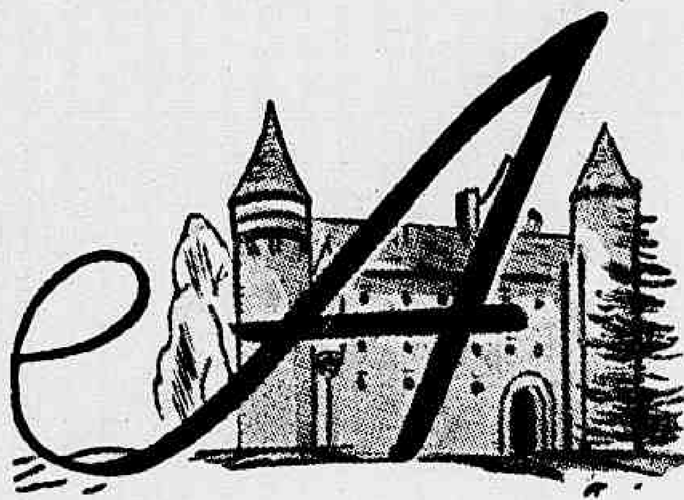
EM PASSO DE VALSA — Perde Attlee. E quando êle pensa que o "velhinho" está com o tempo contado...



CONHECEU, PAPUDO? — Churchill entrou e fêz o V da Vitória. E Attlee cumprimentou e foi embora...



OUTRA "SURPRISE"! — Os intérpretes são marido e mulher, Medlock e Marlowe, no palco do Palladium.



A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

— Porque o senhor é um homem. Oh! Eu deveria ter sido um homem em nossa família, e Barry e Constance, as duas mulheres.

Seus olhos chamejavam.

— Pensa então que o mundo lhe pertencerá? Já ouvi da senhorita esta declaração, naquela noite, na escada.

Mary empina a cabeça.

— Sim. Talvez que o senhor tenha que lutar para obter o que dá o mundo. Mas eu gostaria mais de morrer lutando, do que sucumbir incompreendida.

Roger começou a sorrir com um sorriso cheio de jovialidade.

— Será que Barry sabe que é êste o seu modo de ver as coisas?

— Tenho mêdo, diz ela com ar penalizado, temo que êle venha a sabê-lo, de qualquer forma. Êle não compreende, que, por muito me interessar isto, é que desejaria que fôsse êle como nosso pai foi.

Roger sorriu aos olhos ensombrados de Mary.

— Talvez que, se a senhorita não fôsse tão persistente em seus métodos...

— E' porque eu tenho sempre aborrecimentos com Barry. Todo mundo o amima. E quando eu procuro seguir caminho opôsto, diz Barry que eu o contrario sem cessar; mas êle não compreende.

Sua voz se quebra, e, por sutil intuição, percebeu Roger que o fardo daquela moça era muito mais pesado do que ela mesma queria admitir.

Ouviram-se então passos de dança na escada e Barry entra com alvorôço com a encantadora Leila.

— Mary — Exclama êle — estamos na hora de acender a árvore, e tia Frances está a ponto de ter um ataque porque você ainda não desceu! Poole, o senhor é um eremita bem egoista por estar lá em cima, com uma árvore de Natal sòmente para sua pessoa.

Roger Poole, que havia avançado alguns passos para cumprimentar Leila, move a cabeça:.

— Eu não mereço que me convidem, Todos têm sido muito bons para comigo!

— Oh! Mas não!

Leila falou com tôda a sua encantadora maneira infantil:

— Nós gostaríamos tanto de vê-lo! Todo mundo está louco pelo senhor!

Barry se mostrou ciumento com a expressão da jovem e indagou:

— Leila? Você está, verdadeiramente, louca por êle? Explique-me isso imediatamente para que minha agonia se vá!

A menina fica na ponta dos pés metidos num sapatinhos rosa e disse com tôda a simplicidade:

— Eu disse "todo mundo..."

Barry avança para ela toma-lhe a mão e, com ela, desce correndo com a mesma barulheira com que chegaram alí. Mary os seguiu, mas parou para dizer a Roger:

— Todos nós vamos sair amanhã. Devemos jantar em casa do general Dick. Mas irei à igreja pela manhã, para a missa das seis horas. E' adorável, com a neve e sob as estrêlas. Apenas eu e Barry. Não quer vir conosco?

Êle hesita. Em seguida diz:

— Não... não.

E, como temendo que ela não interpretasse bem sua negativa, julgando, talvez, que êle não apreciasse tão amável convite, ajuntou:

— Eu jamais vou à igreja.

Mary voltou para êle e parou perto do fogo:

— Não é crente?

Capítulo VI

NA véspera do Natal Mary e Susan Jenks armaram uma pequena árvore no apartamento de Roger. Nada mais era que um ramo de pinheiro, mas suas decorações cintilavam alegremente, seu odor aromático traduzia o cheiro da floresta e continha no seu topo um anjo de cera.

Em vão Mary, Barry e mesmo tia Isabelle tinham insistido com êle para que se fôsse reunir aos da casa, para tomar parte nos festejos que programaram para o grande dia da cristandade. Tia Frances, que já estava em vésperas de terminar sua "tournée", devia estar no castelo até ao Natal, devendo, pois, assistir também à alegre noite de festa. À parte Leila e o general Dick, bem como Porter, os demais presentes não deviam sair dos quadros estritamente familiais. Mas Roger recusou o convite.

— Eu não pertenço ao círculo da família, disse êle a Mary. Sou uma abelha, não uma borboleta. Nem mesmo no "Dia de Graças", eu deveria ter-me incorporado ao número das pessoas que aqui estiveram. Quando a senhorita estiver sòzinha, se m'o permitir, poderei descer; mas, peço-lhe encarecidamente, não me convide quando estiver recebendo os convidados.

Roger não queria misturar-se com os donos da casa, e sua voz naquele instante não possuia o humor que a animava quando declamou aquêle poema que tanto encantou à assistência. Também, à medida que os dias se passavam, todos o conheciam como um homem calmo, senhor de si mesmo, cujos olhos brilhavam por vêzes com luz estranha, quando um motivo qualquer o provocava ou o emudecia, mas que, na maior parte, mostravam uma serenidade admirável, pelo menos exteriormente. Todos da casa terminaram por gostar muito dêle e a ter confiança no mesmo. Tia Isabelle vinha pedir-lhe opinião. Êle possuia uma maneira tão atenta que encantava, e, quando falava, dava sua opinião com ar de autoridade reconfortante.

Mas sempre evitara Porter Bigelow, Leila e, sebretudo, evitava Delilah Jeliffe, se bem que a obstinada moça fôsse capaz de invadir-lhe o apartamento lá da tôrre, se Mary não a advertisse de que isso não ficaria bem.

— Êle é muito ocupado, Lilah, tinha dito Mary, e quando êle não está assim tão cheio de serviço, desce para cá.

— Você não sobe nunca?

Lilah tinha na voz um tom curioso.

— Não. Para que subir?

Delilah moveu com as espáduas.

— Se um homem não houvesse olhado como êle a olhou na noite do "Dia de Graças", eu não me interessaria tanto.

Mary ergueu a cabeça bem alto:

— Gosto muito de Roger Poole. Êle é um cavalheiro. Mas não me interessa o modo por que êle me olha.

Entretanto Mary pensava exatamente na maneira por que êle a olhava, pois as sementes semeadas por mulheres do gênero de Delilah, sempre costumam germinar. Ela pensava nêle, mas, apenas com um pouco de perplexidade, uma vez que Mary não estava ainda despertada pelo amor. As súplicas apaixonadas de Porter, a magia da voz de Roger, ainda não haviam tocado o coração da moça.

— Já que Mahomet não quis ir até à montanha, — disse Mary ao seu inquilino, enquanto Sujan depositava a árvore em seu lugar — foi a montanha que veio a Mahomet. E aqui está uma coroa para sua porta e ramos para sua janela.

Êle toma as ramagens das mãos de Mary:

— A senhorita parece com o próprio espírito do Natal, assim em seu vestido verde.

— Êste aqui?

Ela trajava um "robe" de veludo verde com um colar de rendas.

— Oh! Eu o possuo há uma eternidade! Mas gosto muito do mesmo.

A moça se interrompeu a fim de dizer com ar sonhador e triste!

— Parece que o senhor deveria descer, pois que vai sentir-se verdadeiramente só aqui.

— Eu sou, em verdade, muito só, diz Roger; mas, atualmente com a minha pequenina árvore esquecerei tudo o que não fôr sua bondade.

O senhor não gosta de Papai Noel? Tinha perguntado Mary. E' um período de simpatias, onde cada um pensa nos outros. Andei seca e meca à procura dêsse pequenino anjo de cera. Era preciso que fôsse assim pequenino, e eu não concebo árvore de Natal sem um anjinho dêsses. Quando eu era garotinha, minha mãe sempre dizia que o anjo trazia uma mensagem de paz e boa vontade para nossa casa.

— Se m'o e traz sua boa vontade, muito gostaria que êle pudesse cumprir sua missão.

— Oh! Mas é verdade que êle a trará! — Exclamou Mary com fervor. Sentimo-nos todos tão felizes por vê-lo aqui! Mesmo Barry. E o senhor sabe que, a princípio, êle achava odioso ter um inquilino conosco. Mas hoje, êle gosta muito do senhor.

— Também eu gosto bastante de Barry, respondeu Roger. Êle é a encarnação da própria juventude.

— E' um belo rapaz, concordou Mary.

Em seguida passa uma sombra por seus olhos.

— Mas êle é muito infantil e... muito amimado! Todo mundo lhe tem feito as vontades. Mamãe e papai, apesar de desejarem ser severos, o amimavam. Dos outros, Leila o amima, Constance, sempre fêz, o mesmo, e tia Isabelle o defende. A própria Susan Jenks lhe faz os gostos e advoga.

— E a senhorita? E a senhorita?

Roger sorria.

Mary solta um profundo suspiro.

— Eu procuro representar o papel da irmã mais velha, e algumas vêzes chego a temer que estou agindo como um irmão mais idoso. Não tenho paciência.

A atitude e a fisionomia de Roger tinham feito que Mary lhe fizesse confidências de família, e essa vontade da moça continuou em coisas mais íntimas. Roger lhe parecia uma pessoa que muito compreendia ou entendia de confidências, e, instintivamente, ela percebeu que outras pessoas já teriam recebido ajudas do mesmo.

— Ora, veja o senhor. Eu gostaria tanto que Barry estudasse Direito! Todos os homens de nossa família foram magistrados. Mas Barry não quis de forma nenhuma prosseguir em seus estudos e foi aceitar uma colocação no escritório dos registros de invenção. Assim vai gastando os seus melhores anos de vida como simples empregado.

Depois ela nota que está indo muito longe e se apressa em dizer com um tom cheio de confusão:

— Perdoi-me!

— Nada tenho que perdoar, responde êle. Penso que dispendo meus anos de vida como empregado de Finanças; mas há apenas esta diferença; é que a vida de seu irmão está à frente dêle, enquanto a minha já está atrás. Suas ambições ainda estão por realizar. Eu já não tenho ambição.

— O senhor não quer dizer isto! Foi isso mesmo que quis dizer?

— Por que não?

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

MARY Ballard, órfã de pai e mãe, vivia com umas tias numa casa acastelada. Quando sua irmã mais velha, Constante, casou, ela, à revelia das tias, alugou a um desconhecido, Roger Poole, funcionário público, um apartamento no andar superior. As tias, quando souberam, ficaram mal satisfeitas. Mary era constantemente importunada com declarações de amor de Porter Bigelow, jovem rico e influente. Um casamento dêles seria aplaudido por todos, inclusive pelo irmão de Mary, o jovem Barry. O novo inquilino ia vivendo em paz, sofrendo a solidão naquela imensa casa, quando Mary o convida para tomar parte nas comemorações íntimas do "Dia de Graças". À reunião acorrem famílias das relações de Mary, que, a êsse tempo, estava em companhia de uma das tias, Isabelle, solteirona e surda. A outra, Frances, estáva viajando. Procuraram afastar Mary do castelo proporcionando-lhe uma temporada em Nice; mas a jovem não aceitou e Porter lhe propôs o apelido de Mary Rebelde. Na noite do "Dia de Graças" Mary ficou encantada com um poema declamado por Roger Poole, enquanto Mr. Bigelow se queimava de ciúmes.

A jovem parecia perturbada com a negativa dêle e acrescentou:

— Não acredita nos anjos, nos pastores, nos reis Magos, nem no Menino-Jesus nascido no estábulo?

— Não, — diz êle surdamente, não creio em nada disso.

— Oh!

Essa exclamação; lhe escapou como um grito. E a moça prosseguiu:

— Então, que significa o Natal para o senhor? Que significação poderá ter quando não se acredita em Jesus, nem na estrêla do Oriente?

— Significa uma coisa, Mary Ballard, diz êle impetuosamente, que, afora minha incredulidade, eu creio em você, na sua bondade e que é a única estrêla a brilhar atualmente na noite de minha vida.

Não seria mulher se não sentisse emoção ao ouvir esta homenagem. Enrubesceu timidamente.

— Sinto-me feliz, respondeu ela a sorrir.

Mas, quando desceu, aquêle sorriso se desfêz. E as sombras da Torre como que estavam sôbre aquela jovem, e a solidão e a tristeza de Poole se acercassem dela. Parecia que o fardo da vida desse homem viera juntar-se ao dela.

Tia Frances, mais ranzinza que de costume, em trajes de ouro e ametista, presidia à cena por sôbre pilhas de caixas brancas que já tinham a altura de montanha, por detrás do que se erguia a árvore do Natal estendendo seus ramos onde nenhuma luz brilhava ainda.

— Minha querida, diz ela em tom de censura a Mary que acabava de entrar, eu só queria saber afinal, se é possível encontrar-se um motivo para que estejas presente na hora!

Porter, tomando-a pelo braço levou-a ao piano e murmura-lhe ao ouvido:

— Vamos ter um alegre Natal, ou um Natal de Mary Rebelde? Você está com cara de quem está suportando o pêso do mundo nos ombros.

Ela faz um movimento negativo com a cabeça. Pressentia-se que estava a ponto de chorar. Porter experimentou ciúmes e mordeu os lábios. Por que teria ela descido lá das "Câmaras da Tôrre" nesse estado de tristeza?

Barry apagou as luzes e, na obscuridade, Mary rompendo os primeiros acordes, começa a cantar: "Noite sagrada..."

À medida que sua voz enchia de harmonias o silêncio da sala, as pequenas estrêlas começavam a brilhar na árvore, até que se tornou tôda resplandecente de glória.

Lá de cima Roger ouvia Mary a cantar. Dirigiu-se à janela e correu as cortinas. Lá fora o mundo se envolvia em neve. As luzes das janelas inferiores se refletiam na fonte e destacavam a pequenina estátua de bronze envolta em um lençol luminoso. Mas não era o pequeno menino de bronze que Roger via. Era a um outro menino — êle mesmo — cantando na igreja penumbrosa de grande cidade e emprestando tôda a sua alma às palavras. E quando êsse menino se ajoelhava para fazer a prece, parecia-lhe que o mundo inteiro também orava. Estava banhado de respeito religioso. Na sua alma infantil, não havia um so lugar para qualquer parcela de incredulidade, nenhuma dúvida a respeito do mistério divino.

Novamente êle se reviu numa igreja, e era êle quem falava aos ouvintes, sôbre os pastores e a Estrêla de Belém. E sentia que lhes impunha sua fé, que lhes levava a certeza de que sua alma estava impregnada; de novo viu os sacerdotes no altar, de novo se reviu a cantar; ouvia o côro dos meninos a cantar e seu cântico era como aquêle que Mary também cantava...

Então, pela derradeira vez êle se reviu na igreja. Mas dessa vez êle não mais cantava. Não havia padres, não havia luzes, salvo aquela que se filtrava através dos vitrais. Êle estava só na obscuridade; em tôrno dêle os bancos vazios. Depois a luz se foi detras das janelas e êle se ajoelhou na escuridão, mas não para rezar. Sua cabeça estava ocultava entre os braços. Depois dêsse dia, jamais derramou uma lágrima, nem jamais entrou numa igreja.

★

O cântico de Mary foi seguido de outras canções de Natal, quando outras vozes se vieram juntar à dela: as de Porter, de Barry e de Leila, e, em seguida, a possante voz de tenor do general Dick, a mal segura de tia Isabelle e a nota dominante de tia Frances; como duas aves canoras, lá no hall, ouviam-se as vozes de Sujan Jenks e a de uma mocinha de côr que sempre vinha ajudar nessas grandes ocasiões.

Depois o general Dick representou o papel de Papai Noel, distribuindo presentes com pequenos discursos bem imaginados. Constance havia enviado de Londres uma grande caixa. Lá dentro havia bibelôs e miudezas de Paris oferecidas por Grace Clendenning, — a filha de tia Frances — e era evidente que esta última havia esvasiado a 5ª Avenida para trazer a essa noite todos os seus tesouros.

— Até parece uma loja de França, diz Leila muito contente com os presentes ganhos! Luvas, meias de sêda, brincos, e, especialmente pelo pequenino coração de pérolas que lhe ofereceu Barry.

(*Continua no próximo número*)

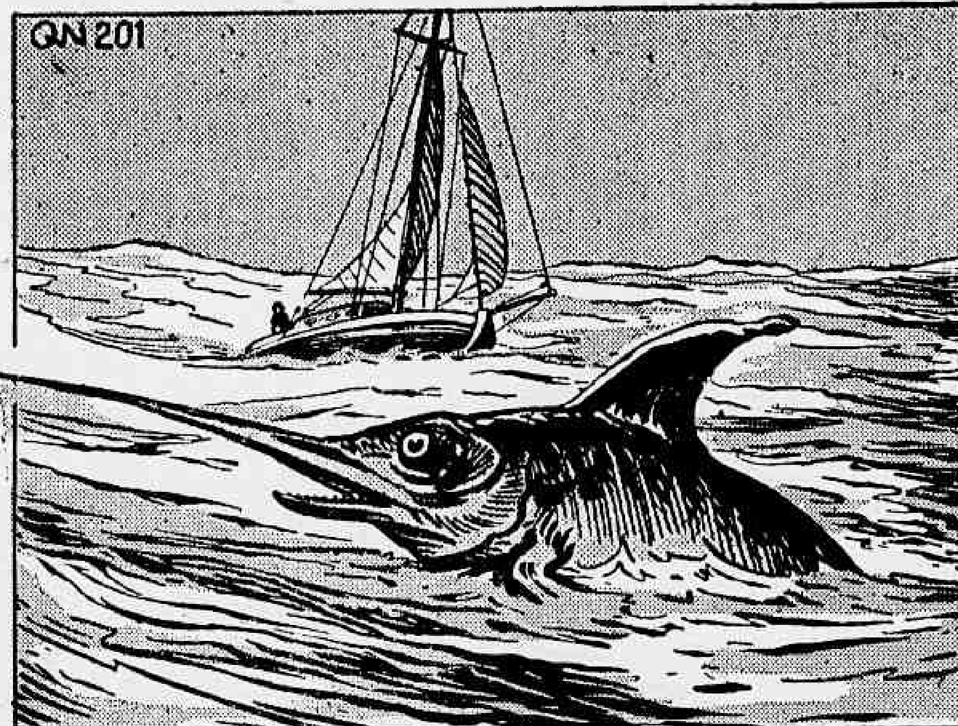
Tradução de **Renato de Alencar**

Ilustração de **Jerônymo Ribeiro**



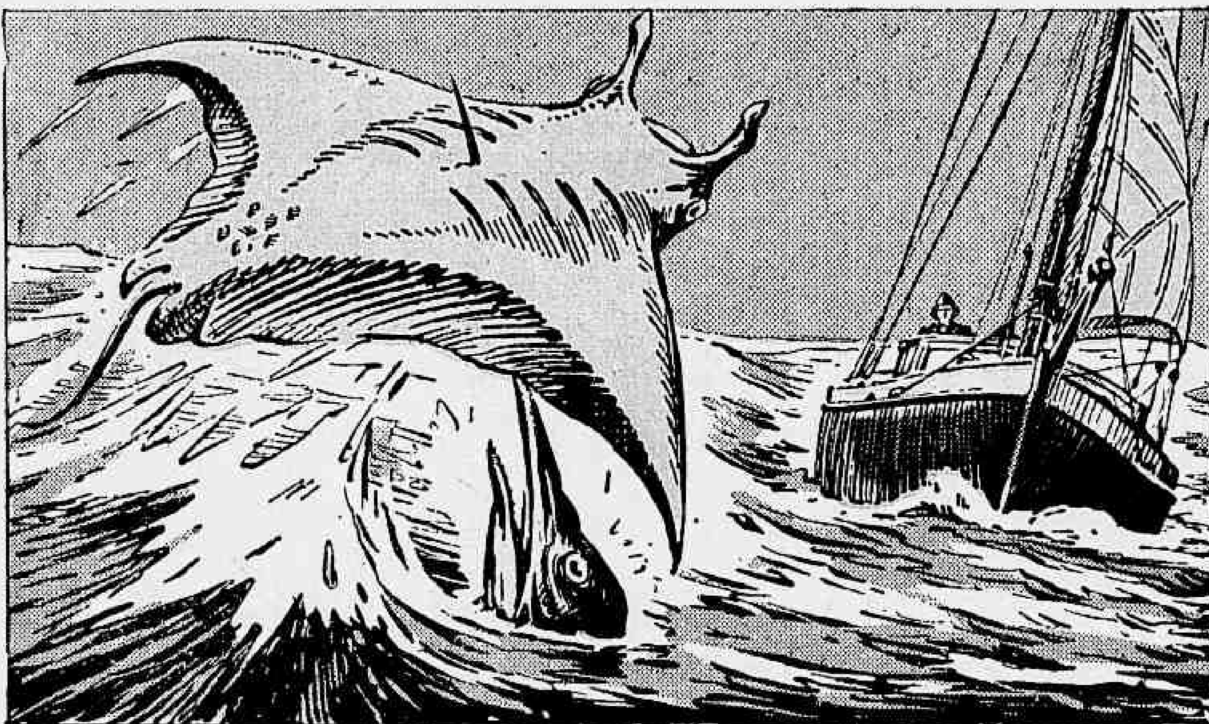
AVENTURAS DO CAPITÃO ROB



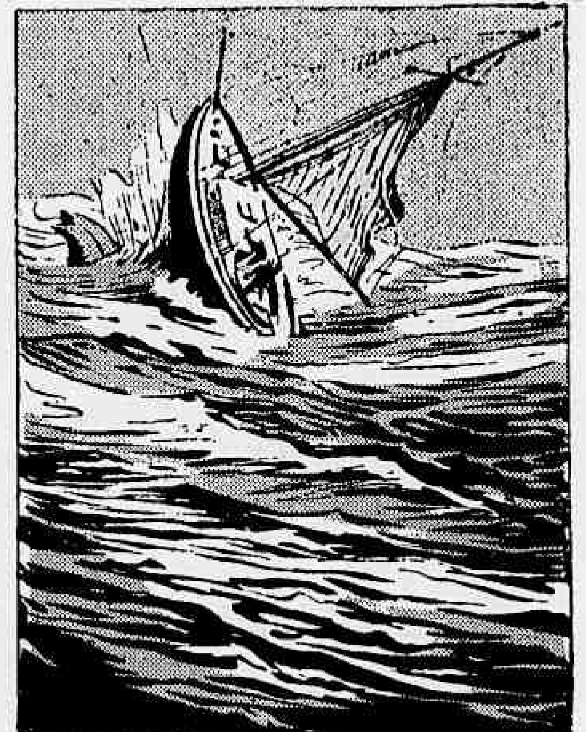




1 Dois dias depois de Rob ter zarpado de Dakar, o tempo, que estava excelente, transformou-se, sùbitamente, em tempestuoso, com ventos fortes. Nenhum navio à vista. Só água. Mas, mesmo para um solitário aventureiro como êle, tais ocasiões metem mêdo. Em dado instante, emerge das águas enorme peixe-espada à proa do "Liberty, e, segundos depois, Rob vê a cabeça de um monstruoso peixe semelhante à arraia, parecendo que os dois lutavam. Rob manobrou a sua embarcação para um lado, desviando-se do perigo iminente. O navegador está assombrado com o aspecto da arraia semelhante a vampiro.







2 No momento em que Rob procurava certificar-se da natureza do monstro que surgia com cabeça de vampiro, a luta dos dois fêz que um dêles surgisse acima d'água, mas o espadarte lhe vibrou um golpe mortal, atravessando-o. O monstro era uma arraia descomunal, de feitio horroroso. Caíram pesadamente ao mar. Mas a luta continuou. Rob, para acabar com a briga, faz fogo com uma "Veryliht". Tudo se aquietou de momento. Os monstros sumiram. Rob prosseguiu viagem, mas, súbito, os monstros surgem, novamente, sob o barco. Rob tinha a impressão de que seu barco ia soçobrar, tal era a violência da luta.



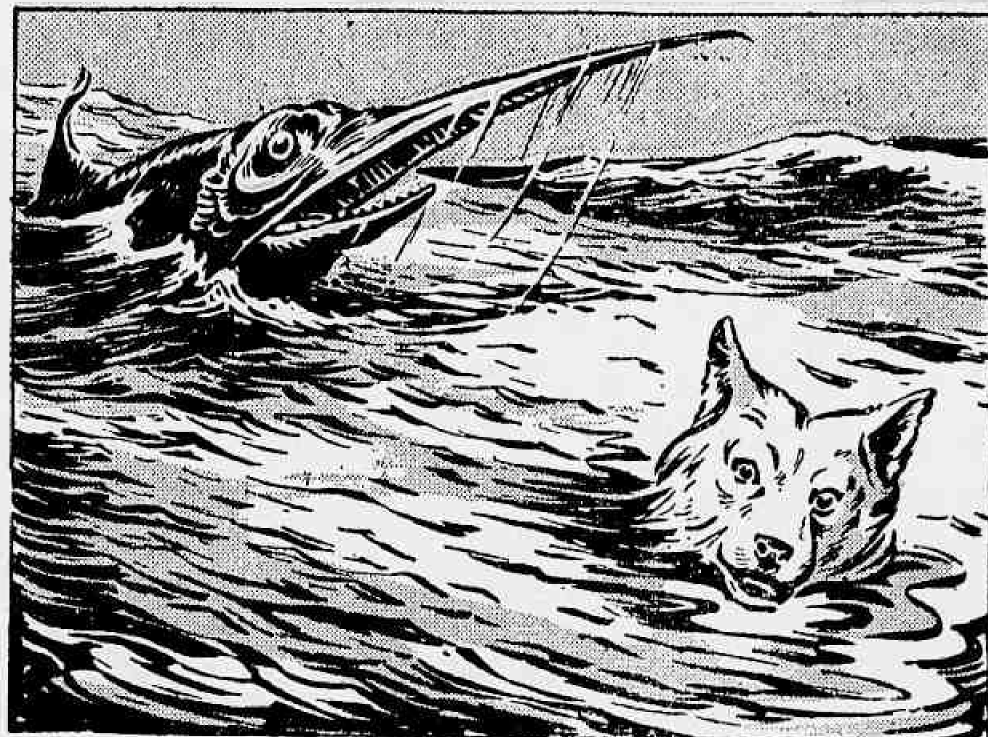




3 Afortunadamente, o "Liberty" pôde suportar o embate. Não estando Rob prevenido para o choque, desequilibrou-se e caíu no chão da cabine. Com os diabos! Que desagradável queda! Machucou-se um pouco, mas sem qualquer gravidade ou prejuizos materiais. Ficou meio tonto, mas tudo passou, afinal. E o seu cão "Skip"? Chamou-o, mas o animal não respondeu. Rob se inquieta e procura o cão. Preocupado, bordeja à procura de "Skip", que, com certeza, caíra n'água. E Rob, aflito, pesaroso, continuava a chamar: "Skip"! Mas o seu fiel amigo não dava sinal de vida. Teria sido devorado pelos peixes?

ONDE IRÁ PARAR A EMBARCAÇÃO DE ROB ?



4 Aí vem "Skip"! Tendo sido jogado n'água, o cão nada desesperadamente para alcançar o barco à procura do dono. Rob o avista com a cabeça emergindo da água gelada e procura socorrê-lo. O cão está exausto. O navegador solitário dirige o barco para seu lado. "Skip" parece estar atordoado, mas ouve os gritos de seu dono: "Coragem, Skip!". De súbito, a uns quarenta metros por detrás de "Skip", surge o terrível peixe-espada, ameaçadoramente, perseguindo o cão que, prevendo a iminência do perigo, redobra de esforços, a ganir. "Skip" tinha a intuição do perigo iminente e nadava desesperadamente para Rob.





5 O mostro marinho vinha diretamente sôbre o cão; mas Rob já havia colocado o barco em condições de apanhar "Skip" antes de ser trespassado pelo espadarte. No instante em que Rob suspende o seu fiel amigo para bordo, o enorme peixe vibra o golpe mortal. "Depressa, que não há tempo a perder!" — grita Rob. Furioso pelo fato de haver perdido o golpe, o monstro dos mares ataca o casco do "Liberty", que não pode deixar de correr grande perigo. Rob ouve o ruído do enorme peixe sob o barco e procura fugir ao ataque. "Skip" estava salvo e Rob o abraça. Agora era tratar de escapar ao naufrágio.



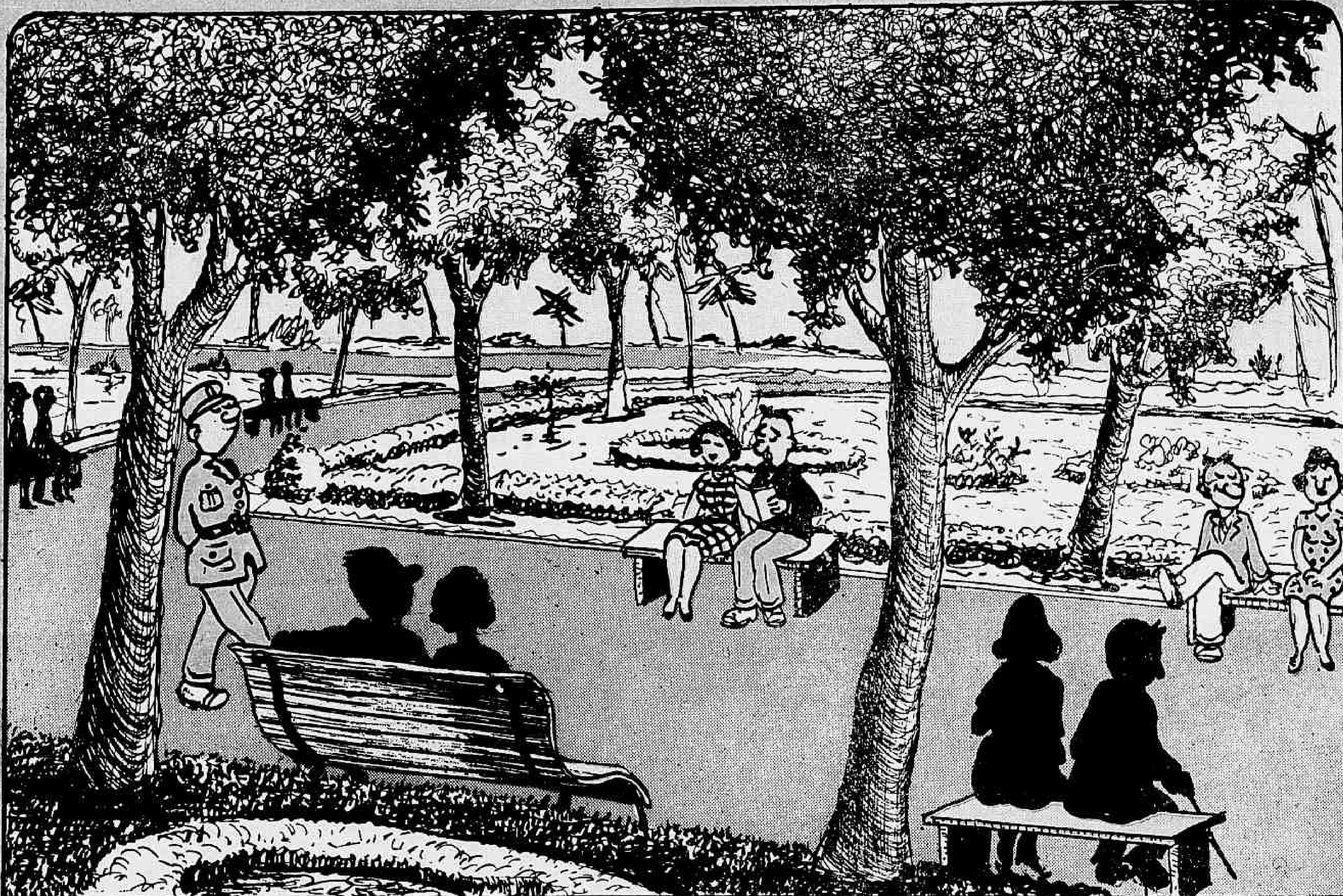


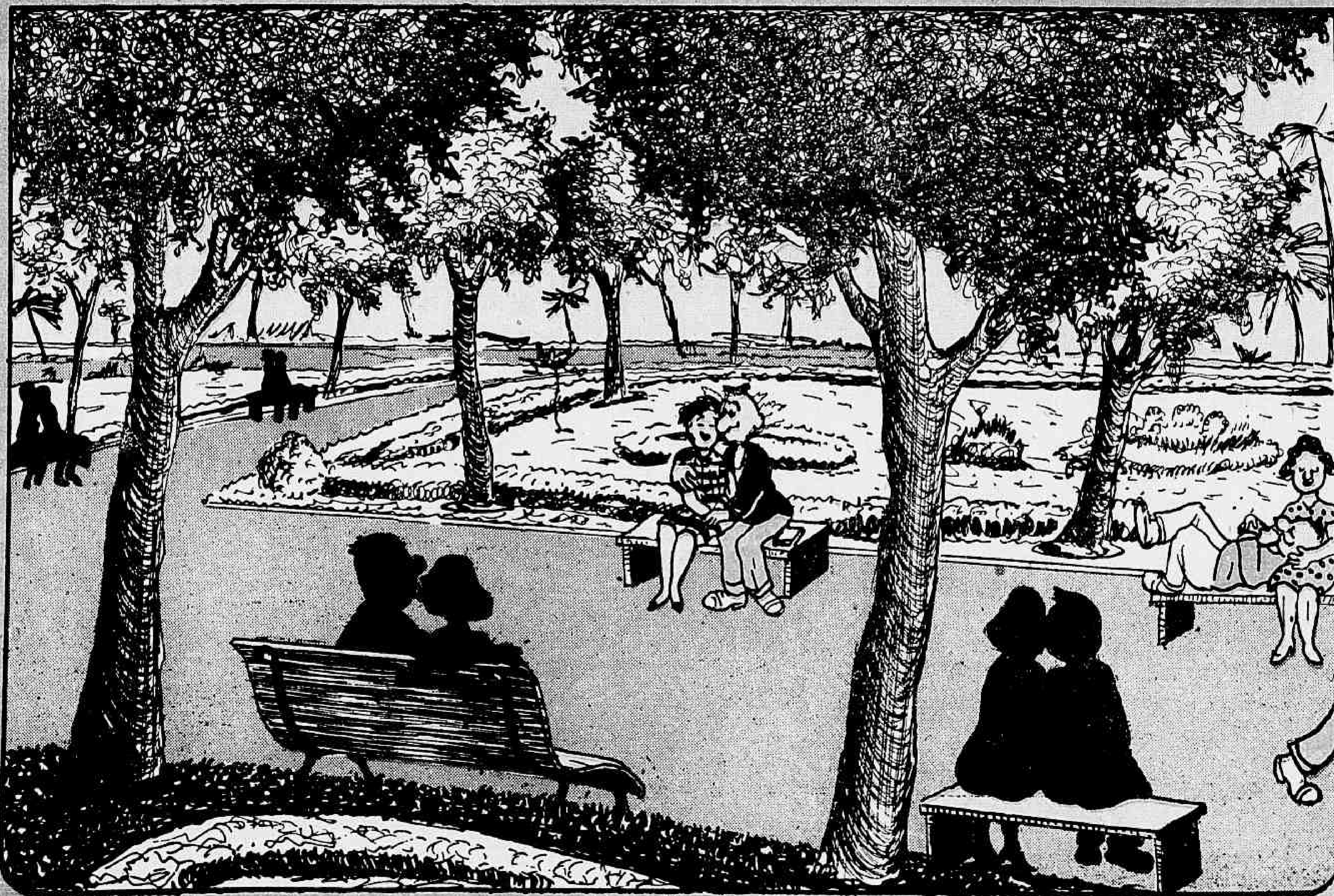
6 A "arraia-vampiro" e o peixe-espada, juntos, continuaram a atacar o barco e êste começou a fazer água. Mas Rob conseguiu dominar a situação e, passada a borrasca, foi cuidar de "Skip", que estava enregelado, quase desfalecido. Agasalhado o cão, Rob tratou de retomar seu curso, mas notou nesse instante, pelos instrumentos de bordo, que sua direção não combinava com os mesmos. Entretanto verificou que êstes estavam em ordem. Rob ficou espantado com o que ocorria, fato inédito em tôda a sua vida de marinheiro. Rob não podia explicar aquela irregularidade registrada entre seus instrumentos.

ESTE MUNDO E O OUTRO

CRIAÇÃO DE DARCY

NO PAÍS DO "PRESENTE"
5 - JARDINS PÚBLICOS





CONFLITO NO ESPÍRITO

AQUELA OPERÁRIA têxtil estava atenta ao serviço de todos os dias, quando seus cabelos foram colhidos pela máquina em que trabalhava. Tudo foi rápido e tão violento que foi arrancado quase todo o couro da cabeça. O cirurgião começou, então, a agir, preparando a parte da perda de substância para uma intervenção.

O SONHO DA PERFEIÇÃO

A CIRURGIA PLÁSTICA NÃO REALIZA "MILAGRES": TÔDA ALTERAÇÃO FISIONÔMICA É POSSÍVEL ★ FIQUE EVA CONTENTE PORQUE OS HOMENS A ELA SE IGUALAM... PELO MENOS NUM CASO, ★ A CIRURGIA PLÁSTICA PODE AUXILIAR O REAJUSTAMENTO SOCIAL

Texto de JOSÉ ASMAR

NEM o Serviço Federal de Bioestatística, nem outras fontes de estatísticas brasileiras puderam informar ao repórter, assim de imediato — ou mesmo depois e com precisão — o número de pessoas que diàriamente vão para os hospitais de pronto socorro, no Rio e no país, a fim de medicar-se de membros quebrados, queimaduras, cortes, etc.. É que a natureza dos casos requer mais pressa e mais habilidade do que os simplesmente patológicos. A questão é esta: salvar a pessoa sã. Dêsse modo, vale mais a cirurgia do que a clínica. Ocorre, porém, que os estabelecimentos de assistência geralmente estão sempre aquem das necessidades. Assim por alto, pode-se dizer que só o Hospital de Pronto Socorro do Rio de Janeiro recebe uma média de seis queimados por dia, a maior parte crianças. Os atropelados, os esfaqueados, os anavalhados, os acidentados em geral são tantos que acabaram por deixar muito atrás a estatística

A realidade, todavia, é que grande percentagem dessas vítimas escapam mutiladas ou prejudicadas na sua estética. E quase tôdas permanecem com a atenção prêsa ao defeito legado pelo acidente. Daí o começo de um drama íntimo, um conflito mental que perturbará as suas ações. Complica-se o caso e só a psiquiatria poderá identificar o motivo de tudo isso. O observador leigo e habituado a dar palpite sem [illegible] limitar-se-á a dizer:

— Fulano não é mais capaz de controlar-se porque ficou feio.

— Mas feio é tanta gente!... — objetará qualquer outro.

— E então? — indagará o espectador.

Então — pode-se agora acrescentar — a feiura, o defeito, acabará dependendo apenas de uma intervenção da cirurgia plástica, que tem os seus precursores na história antiga mas que, só de pouco para cá, vem alcançando maior repercussão. Sim, a cirurgia plástica, que erradamente uns chamam de cirurgia a serviço da vaidade.

A BUSCA DA SATISFAÇÃO INTERIOR

Que seja, mesmo, cirurgia a serviço da vaidade. Nem assim a cirurgia plástica perderia o seu mérito. O seu objetivo, em todos os aspectos, é integrar ou



O PROF. MIRA y Lopez declara: "A cirurgia plástica é uma grande colaboradora do espírito".

O SONHO DA PERFEIÇÃO



O DR. DAVID ADLER também já restituiu o nariz a um indivíduo que o teve completamente decepado!

reintegrar o indivíduo na normalidade física, desatando-lhe o pensamento dos seus defeitos.

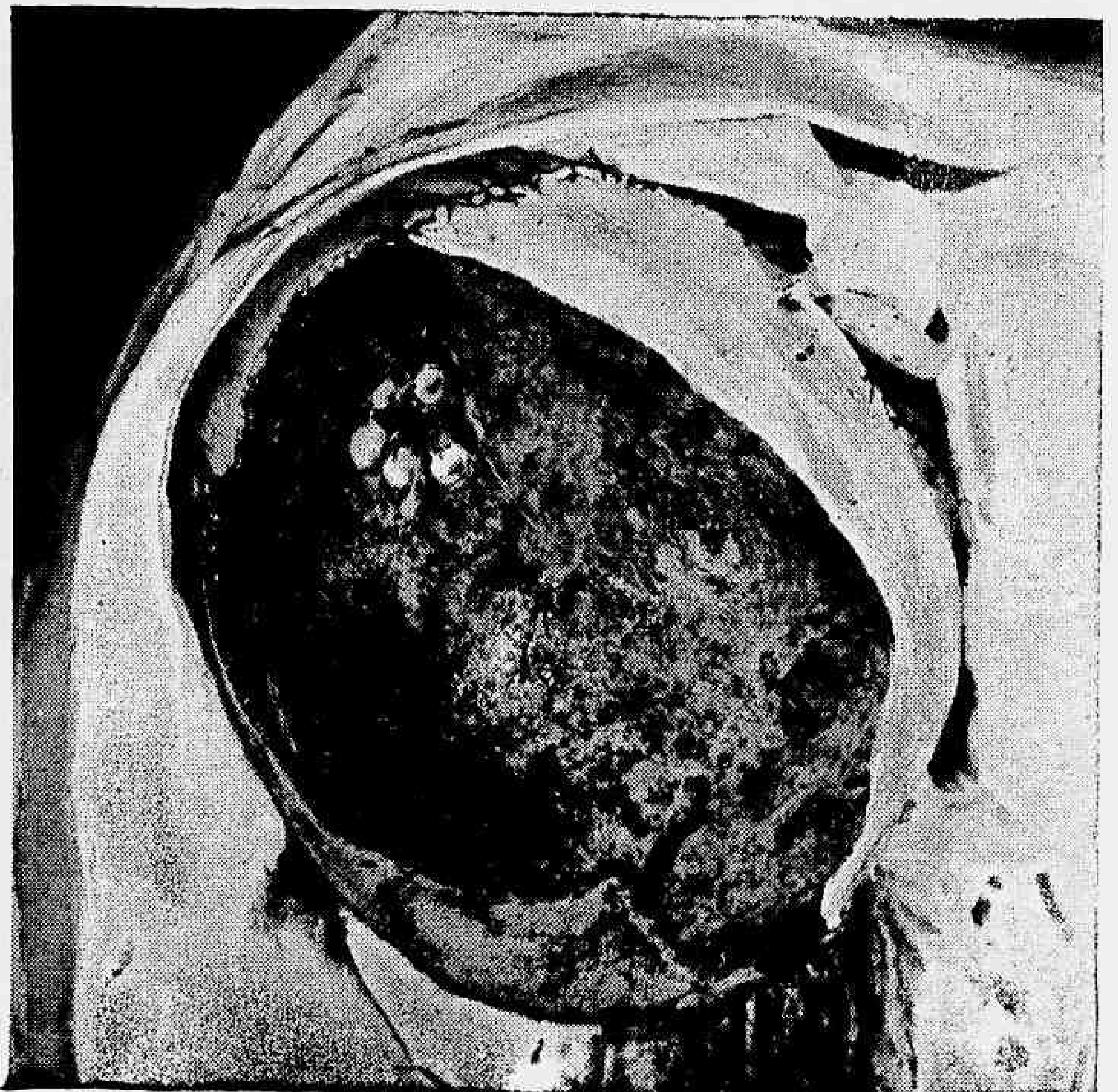
— Já é tempo — observa o cirurgião plástico David Adler — de evidenciar ao povo que a cirurgia plástica não é um recurso exclusivo daqueles que se preocupam com a sua beleza. E', antes, um avanço da ciência para corrigir defeitos físicos que aniquilam os seus portadores, mais pelos complexos que adquirem do que pelos movimentos de que são tolhidos.

«Veja, a propósito, isto: — o doutor exibe ao repórter uma fotografia, dessas tipo «antes e depois», de um homem que teve as mãos queimadas por fogos juninos — a assistência médica que lhe foi prestada errou até que a pele se retraiu, os tendões se contraíram e as articulações se impossibilitaram. A vítima, nessa altura, já se considerava um elemento inútil, um verdadeiro fardo para os que o sustentavam. A cirurgia plástica, procedida embora tardiamente, restituiu ao paciente os recursos para movimentos bastantes a fim de executar trabalhos que servissem de base do seu ganho. Não foi, então, um caso de beleza. Foi de necessidade. E mesmo que fôsse de beleza — esta é, algumas vêzes, também uma necessidade.

TUDO FOI COMO um pesadelo... A paciente submeteu-se à delicada operação, e longe estava de tudo que a rodeava. Era como se não tivesse mais nenhum fio que a prendesse ao mundo em que vivera.



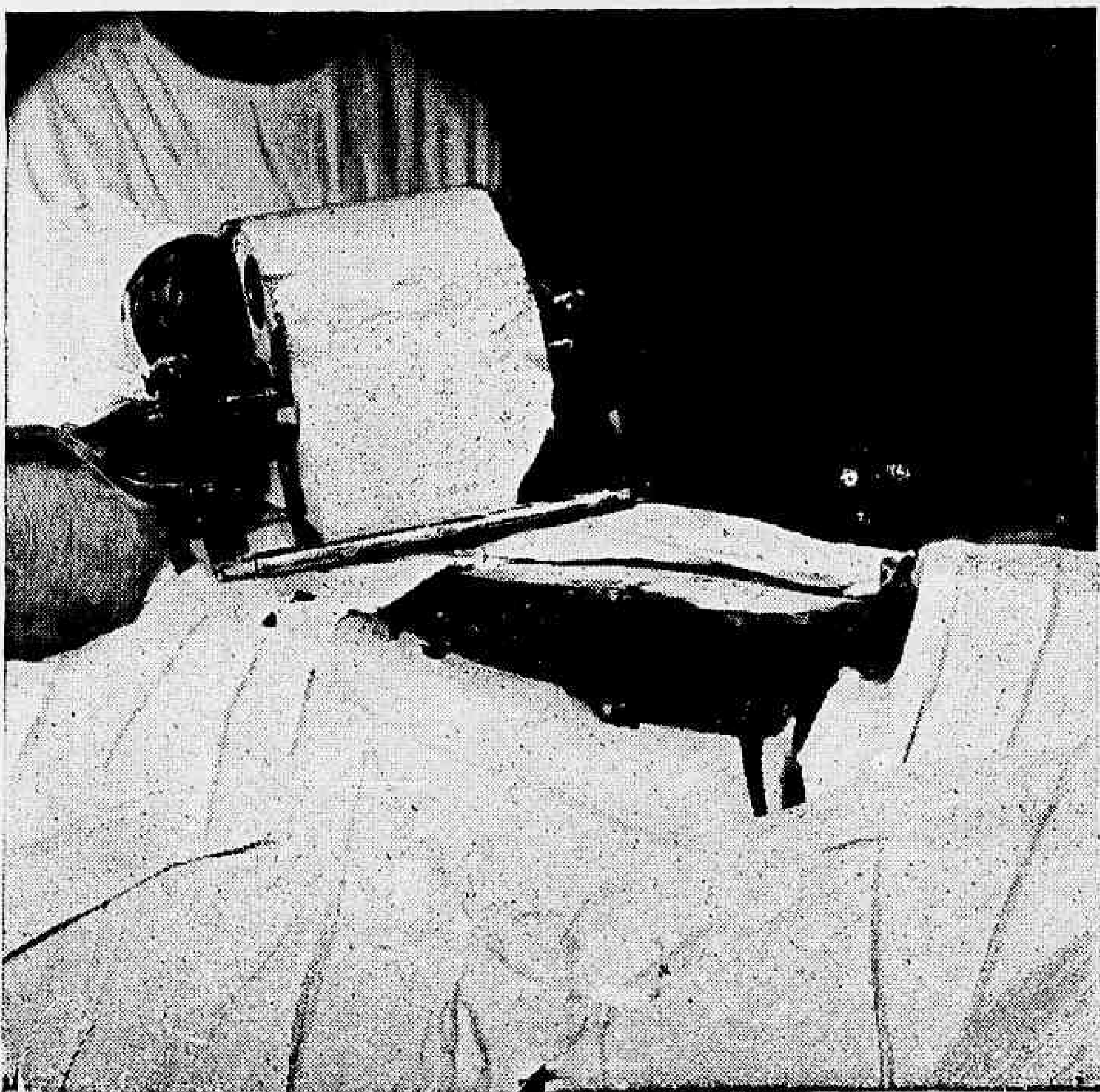
AGORA FAZ-SE uma trepanação óssea para que se obtenha tecido de granulação capaz de garantir a pegada do enxêrto. Isso, outrora, era impossível...



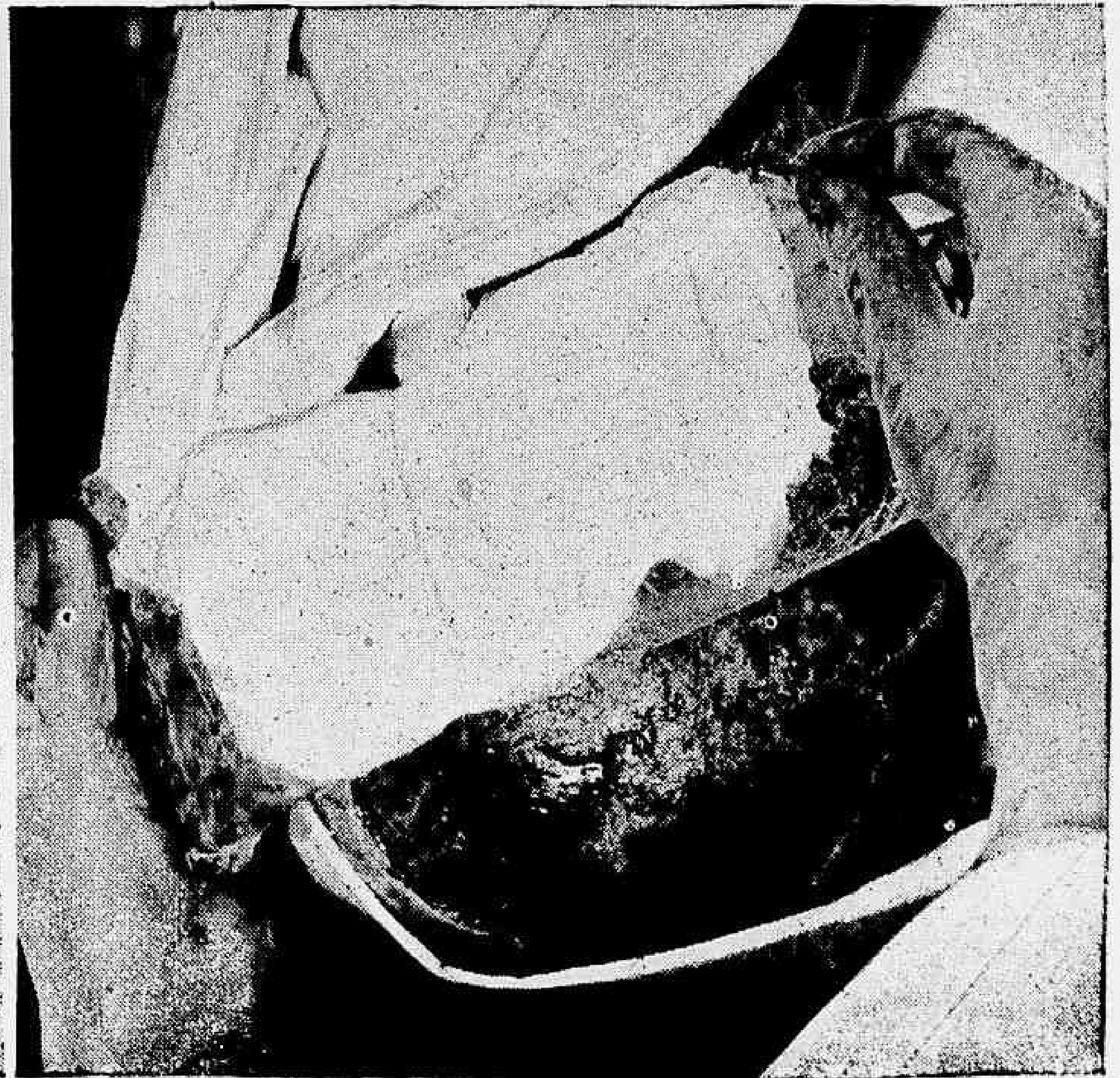
CINCO PERFURAÇÕES no crânio de um ser humano! Em outras circunstâncias isso seria mais que suficiente para matá-lo. Entretanto, aqui, restituem a vida



A ÁREA DA intervenção, agora, ficou preparada. Mas de onde se vai tirar o enxêrto? O corpo ali está, à disposição dos cirurgiões, para dar o que falta ao crânio. E o que vai ser retirado de outra parte, nesse não fará falta, enquanto que, sobreposta na área da intervenção, fará com que a paciente se restabeleça da lesão.



DO ABDOMEN, ora essa! E por que não? A pele se renovará! A natureza aí está pronta a dar a sua preciosa colaboração para o completo êxito da prova!



O PRIMEIRO RETALHO já está sendo aplicado. Médicos especializados nesse gênero de intervenções, cada movimento dos dedos é justo, preciso, exato!



O SEGUNDO RETALHO completa a cobertura. Essa intervenção exige tempo, e enquanto ela se desenrola, outros médicos, os anestesistas, acompanham o estado geral da paciente. Um descuido pode ser fatal.

AS CICATRIZES

Ninguém deseja ser marcado, como animal. Os golpes de navalha, os cortes a faca ou por vidro, todos legam cicatrizes. E as cicatrizes inspiram muitas suspeitas. Nem tôdas as pessoas que têm cicatrizes, principalmente no rosto, têm oportunidade de explicar a sua causa. Acaba, logo, por distinguir em todo indivíduo com que depara, um observador irônico, malicioso. A desconfiança se acumula e o desabafo não se faz. Origina-se, daí, uma rebelião íntima que Sigmond Freud simplificaria a esta denominação: um complexo. Hoje a cirurgia plástica considera a cicatriz como das operações mais fáceis. E, com a extração delas, pode-se até aliviar um criminoso de seu inconformismo e reconduzi-lo à sociedade, sem maiores esforços à sombra do Direito Penal moderno.

O CASO DAS MULHERES

O Dr. David Adler discorda dos que admitem que Eva é mais sensível às conseqüências dos detalhes que lhe enfeiam as faces ou impedem que o corpo seja bem constituído:

— A reação é a mesma em ambos os sexos. Os homens estão na mesma pendência — por que a todos é justo buscar a aproximação do perfeito.

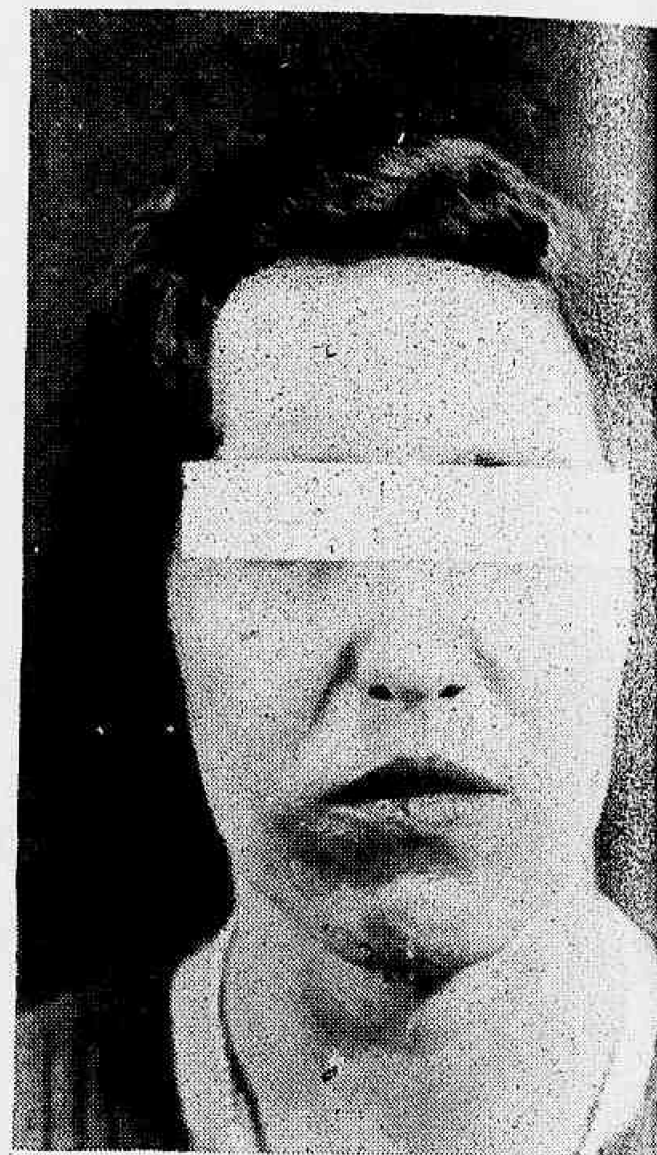
A EVOLUÇÃO

Quando terminava a última guerra mundial, aventou-se que Hitler podia ter-se submetido a uma operação plástica, adquirindo outra fisionomia.

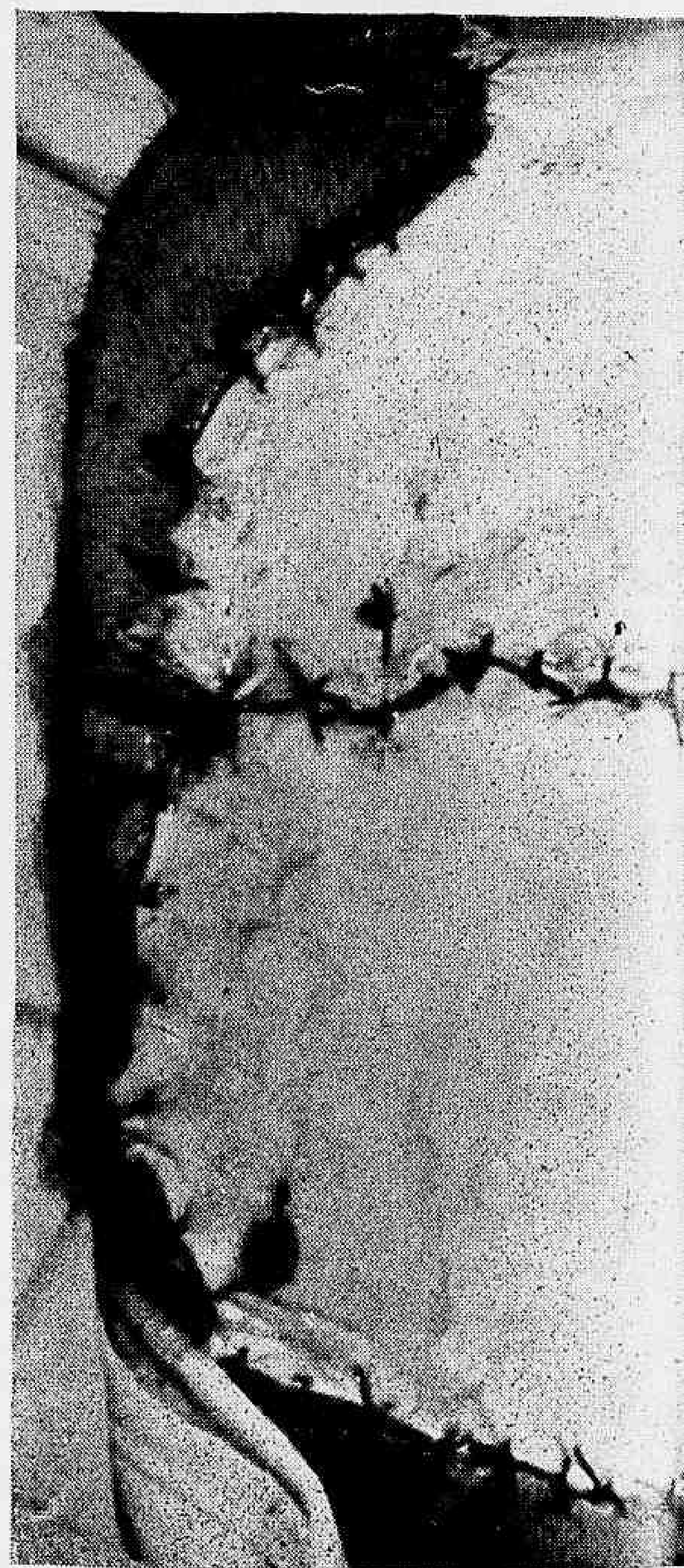
— E' possível, científicamente possível — opina ainda o Dr. David Adler.

De 1945 para cá a cirurgia plástica já evoluiu talvez mais do que o passado todo. No caso de enxertias, por exemplo, antes de 1941, os cirurgiões se valiam de instrumentos rudimentares. Após, surgiu o «Dermátomo manual», que melhorou a retirada de peles de uma região para cobertura da parte afe-

O SONHO DA PERFEIÇÃO



TEMPOS DEPOIS, uma bem feita cabeleira es... vestígios e ela mesma será a primeira a esq...



PARECE UM REMENDO em bola de futebol, mas ... lado da paciente. Observem com que precisão ...



...u tu'o e a operária voltou a's teares. Ninguém descobrirá ... o transe por que passou. Volta à sua vida de sempre!



...realidade são os pontos aplicados pelo cirurgião no couro cabe... ...itas as costuras — e tudo isso desaparece com a convalescença,



DO ALTO, ficou assim. Os pont s foram dados e o resto foi só esperar que a própria natureza completasse a grande obra. A parte do cirurgião está concluída! Agora êle passará a tratar de outros casos.

tada. E, hoje, aparece o «Dermátomo Elétrico», um de cujos primeiros exemplares é trazido para o Brasil pelo Dr. David Adler e que proporciona a extração de enxertos uniformes e de qualqu r espessura, em minutos. Favorece, enfim, a perfeição.

UM MUNDO COMPLICADO

Qual seria, porém, a extensão dos complexos adquiridos por uma pessoa que t ve a sua estética danificada? O professor Mira y Lopez, êsse pesquisador da alma, que veio da Espanha e radicou-se no Rio, assevera:

— E' difícil prever. Mas é raro aquêle que, nesse caso, escapa à regra geral e tem espírito forte para superar a crise. Mesmo assim, tem de freqüentemente adotar um derivativo.

Cita, em seguida:

— O Dr. Alfred Adler, que realizou notáveis estudos sôbre tais consequências, incluiu na sua obra um aspecto extraordinário: que um defeito físico pode abrir as portas da delinqüência. Por isso, creio que a cirurgia plástica, sendo a mais psicológica das cirurgias, possa realizar intervenções importantíssimas que evitam um d scalabro social.

O ROMPIMENTO

Infelizmente a cirurgia plástica possui poucos especialistas. No interior chega a ser uma cirurgia de elite. Nos dias que correm, quando as guerras consecutivas produz m mais mutilados e os acidentes nas ruas de cidades como esta d São Sebastião do Rio de Janeiro, convertem-se num espetáculo monótono, aleijando gente de tôdas as class s — nos dias que corr m, a cirurgia plástica está se tornando mais discutida e procurada. Está se tornando mais popular. De qualquer forma, é uma especialidade da ciência que está se desenvolvendo no Brasil, onde a legião dos defeituosos vai compondo um quadro tão comovente quanto o de um desgraçado matando a fome — de vez em quando!

O DIARIO DE JAMES FORRESTAL

OS ESTADOS UNIDOS AGEM PRONTAMENTE EM OPOSIÇÃO AO BLOQUEIO VERMELHO DE BERLIM — LOUVORES À ATITUDE FIRME DE TRUMAN DURANTE A CRISE

Tradução de OCTAVIO A. DE AZEVEDO

(Exclusividade para o Brasil adquirida pela REVISTA DA SEMANA — Interditada a reprodução no todo ou em parte).

17. DESAFIO EM BERLIM

NO princípio de maio de 1948, o embaixador Bedell Smith em Moscou expos ao Kremlin a política americana e o desejo de um entendimento pacífico,. Molotov habilmente deturpou o sentido das palavras e mandou publicar a correspondência de modo que continuou a guerra fria contra os Estados Unidos. Henry Wallace, agora candidato do partido Progressista à Presidência, complicou ainda mais a situação dirigindo uma carta a Stalin delineando seus têrmos de paz e dando a Stalin franca oportunidade para aceitá-los. No dia seguinte Washington amanheceu preocupada.

18 de maio de 1948 — Relações russo-americanas

"HOJE de manhã trocamos idéias com Sidney Souers, secretário do Conselho Nacional de Segurança a respeito da nossa posição em face da Rússia. Souers declarou que tinha estado na Casa Branca para informar ao Presidente que a sua preocupação era grande em virtude do desenvolvimento que estava tomando no espírito público a confusão em conseqüência, 1 a) da declaração de Molotov à meia noite sôbre as conversações que teve com Smith; b) a carta de Wallace a Stalin; e 1 c) a resposta de Stalin na segunda-feira à noite. Ponderei que tais conjecturas poderiam concorrer para o mau êxito da convocação militar.

Ferdinand Eberstadt que estava presente disse que a situação real no momento é que o desenvolvimento e a realidade da nossa política frente à Rússia estão sendo desviados dos meios governamentais e passando a ser um assunto discutido em palestra entre um cidadão qualquer e um governador de Estado. Na sua opinião o govêrno devia reunir-se com o propósito de discutir todos os pontos da questão".

Conversei depois com o subsecretário Lovett exprimindo-lhe o meu ressentimento quanto ao sucesso da propaganda russa..."

A VANTAGEM DAS BOAS FINANÇAS

O Presidente, que estava de partida para uma excursão pelo oeste para fazer uma série de discursos, convocou uma reunião da máxima importância a fim de se orientar para a campanha propagandista.

21 de maio de 1948 — Reunião na Casa Branca

MARSHALL salientou a necessidade da continuidade política e da unificação de todas as fôrças para apoiá-la...

Lovett disse que a política internacional é como um plano de guerra, visto não se poder projetá-la num único discurso... mas que deve ser uma seqüência de orações e fatos com um objetivo central...

Harriman disse que o povo e a imprensa não perceberam que os russos foram obrigados a mudar a tática em virtude da política americana iniciada há um ano e muito firme em diversos pontos.

Expus a minha idéia mostrando a necessidade que tem o país de divulgar mais assiduamente os seus objetivos e a magnitude da nossa tarefa e não devemos cuidar das nossas responsabilidades internacionais tomando atitudes improvisadas. Nossa atitude tem que ser resoluta e firme... Nesta trajetória podemos ficar convicto de que somos social e financeiramente absolutos. Um benfeitor falido pouco pode fazer por uma comunidade e ninguem leva em conta a boa vontade e os benefícios que êle faz.

OS RUSSOS BLOQUEIAM BERLIM

MENOR seria a preocupação se fôsse possível saber quando seria iniciada pelos russos uma propaganda pró paz. No dia 24 de junho, data em que Thomas E. Dewey foi eleito candidato à Presidência, em Filadelfia, pela Convenção Nacional, os russos estabeleceram um bloqueio cerrado nos setores ocidentais de Berlim. No domingo, dia 27, houve uma reunião das altas autoridades das Secretarias do Estado e da Defesa, no gabinete de Royall secretário da guerra.

27 de junho de 1948 — A situação em Berlim

TENDO em vista os estoques de mantimentos existentes além dos fornecimentos que poderão ser feitos por via aérea, não haverá grande escassez de alimentos antes de trinta dias mais ou menos e para o prazo de sessenta dias ou mais, a população alemã poderá provàvelmente se manter se remetermos alimentos concentrados. Sôbre o assunto discutiram ainda os três pontos seguintes: — 1) tomar decisão de nos retirarmos da nossa posição em Berlim, em combinação com as outras nações ocidentais, numa ocasião propícia que será provàvelmente no momento em que for convocada na assembléia constituinte para um govêrno ocidental alemão, no dia 1º de setembro e fazermos um plano de acôrdo; 2) tomar a decisão de retermos por enquanto a posição em Berlim por todos os meios, com a inclusão do abastecimento da cidade por meio de combôio ou por qualquer outro processo empregado até mesmo à fôrça, como último recurso, depois de já terem sido empregadas tôdas as tentativas diplomáticas e outras para permanecermos em Berlim, sem apelarmos para a fôrça a fim de ser evitada uma guerra, mas acentuando a necessidade da mesma como conseqüência; 3) manter uma atitude não provocante, mas firme empregando primeiramente todos os meios existentes no local e subseqüentemente os diplomáticos a fim de que sejam reconhecidos e confirmados os nossos direitos enquanto se protelam a decisão sôbre a nossa permanencia ou retirada de Berlim.

O secretário Royall foi favorável à permanência pois na sua opinião as nossas atividades futuras dependeriam desta decisão...

Houve alguns debates preliminares sôbre as medidas a serem tomadas no caso de têrmos que abreviar ou cobrir a nossa retirada de Berlim ou ainda a possibilidade de têrmos que ampliar a nossa posição em face dos russos. Cogitou-se também da possível transferência de duas esquadrilhas B-29 agora em Groose Bay para a Alemanha e a conveniência de uma base para dois grupos B-29 na Inglaterra.

As conclusões propostas foram apresentadas ao Presidente no dia seguinte.

LOUVORES A ATITUDE FIRME DO PRESIDENTE

28 de junho de 1948 — Reunião na Casa Branca
A situação em Birlim

Presentes: — eu, Lovett e Royall.

LOVETT leu os detalhes da reunião realizada no Departamento do Exército, no domingo à tarde. Quando ia entrar em discussão a questão capital, isto é, qual a nossa política futura na Alemanha, se deviamos ou não permanecer em Berlim, o Presidente interrompeu para dizer que o assunto não precisava ser mais discutido porque iamos permanecer em Berlim.

O Presidente, como sempre acontece nos momentos críticos, mostrou-se admirávelmente firme e quando alguém manifestou dúvidas sob as possíveis eventualidades, êle apenas disse: — "Temos que enfrentar a situação como se apresentar". Mas os meios para tal atitude tinham ainda que ser estudados.

2 de julho de 1948 — Gabinete

O general Marshall discutiu a situação em Berlim, lendo a cópia de uma mensagem que o Departamento do Estado redigiu para Stalin; enumera as considerações legais e morais relativas à permanência dos aliados ocidentais em Berlim e reafirma o propósito das nações aliadas em alí ficarem...

Noticiou o refôrço de uma esquadrilha B-29 para cada grupo na Alemanha. Disse também que os inglêses tinham sido consultados a respeito da remessa de mais dois grupos B-29 para a Inglaterra e que Bevin respondera afirmativamente. Douglas, o embaixador americano, tinha instruções para perguntar a Bevin se êle havia sondado e meditado bastante sôbre o efeito que iria causar na opinião pública inglêsa a chegada dos dois grupos referidos. Marshall estava encarregado de avaliar o efeito causado aos russos e as complicações e conseqüências que surgiriam com a dita remessa para a Inglaterra. Disse Marshall que a impressão russa seria o reflexo daquilo que aos olhos do nosso povo parece uma provocação.

O diário não tráz explicações sôbre as "complicações" que Marshall tinha em mente, mas algumas podem ser imaginadas. Os B-29 eram conhecidos no mundo inteiro como bombardeiros atômicos e o estacionamento de um forte grupo dêles nas bases inglêsas era o mesmo que trazê-los para mais perto de Moscou. O rápido desenrolar do caso de Berlim, nas semanas seguintes, provocou sérias cogitações sôbre a bomba e o seu verdadeiro lugar na política americana e na estratégia.

EM 1948 TRUMAN DECLAROU QUE A BOMBA ATÔMICA FICARIA NAS MÃOS DOS CIVIS EM PARTE DEVIDO A "CONSIDERAÇÕES POLITICAS"

18. ENTRA A BOMBA ATÔMICA

O bloqueio soviético de Berlim em junho de 1948 provocou o estacionamento de dois grupos de B-29, bombardeiros atômicos, na Inglaterra, causando imediatamente questões importantes acêrca das bombas, cuja guarda estava a cargo da Comissão Civil de Energia Atômica. Anotação de Forrestal.

15 de julho de 1948 — Reunião: — Bomba Atômica

"HOJE de manhã informei ao Presidente que na semana vindoura solicitaria uma audiência para juntos tratarmos da questão da guarda das armas atômicas. Disse-lhe que não tinha intenção de pedir-lhe sua decisão quanto ao uso das mesmas armas, porque sabia de antemão que a sua resposta seria exata em qualquer circunstância. Disse o Presidente que era seu desejo estudar o assunto cuidadosamente e propunha reservar para si a decisão quanto ao emprêgo da bomba, mas não propôs que algum intrépido tenente-coronel ficasse encarregado de dizer o momento oportuno para laçamento da bomba".

Eu disse ao Presidente que no exército todos estavam de acôrdo com a sua liberdade

de ação quanto ao assunto, mas que o perigo residia na confiança que se iria depositar em alguém que não fôsse interessado em emprêgo da bomba, assegurando a integridade e a utilidade da mesma. Todavia, declarei que não achava justo discutir unilateralmente as dificuldades do caso, mas que precisavamos encontrar uma solução o mais breve possível.

Poucos dias depois uma reunião das autoridades da defesa e dos membros da C. E. A. (Comissão de Energia Atômica) na Casa Branca para discussão do assunto. Lilienthal, presidente da C. E. A. argumentou fortemente a favor da continuação da energia atômica aos cuidados dos civis, enquanto que o Presidente susteve a decisão. No dia 23 de julho, depois da reunião do secretariado, o Presidente disse a Forrestal para não se retirar, pois ia dar uma decisão negativa à questão da transferência da guarda das bombas atômicas e que assim agia influenciado por considerações políticas do momento. Afirmou que depois das eleições é bem possível que se considere o assunto novamente.

O EMPRÊGO DA BOMBA NA GUERRA

NO dia seguinte, num manifesto público, o Presidente declarou que a energia atômica em todos os seus aspectos, inclusive a guarda das bombas, era uma função puramente civil. Ficou assim resolvida a questão da guarda das bombas por algum tempo, mas não a possibilidade de usá-la. No dia 28 Forrestal almoçou com Marshall, Royall e Bradley.

28 de julho de 1948 — Emprêgo da Bomba-A na guerra — Almôço

DECLAREI que em vista da forte tensão na situação européia achava difícil exercer as minhas funções sem estar resolvida a questão do emprêgo ou não da bomba-A na guerra. Acrescentei ainda que me parecia que o secretário do Estado tinha interêsse no assunto porque caso houvesse alguma dúvida sôbre o emprêgo desta arma, automàticamente lhe estavam negando uma das mais poderosas de que êle dispunha nas negociações.

Forrestal só conseguiu uma resposta favorável em setembro. No dia 13 de setembro a questão foi novamente discutida numa reunião com o Presidente e êste disse que era seu desejo nunca mais ter que tomar uma decisão como esta, mas que, em caso de necessidade , ninguém tivesse receio, pois êle o faria. Durante o verão e o outono Forrestal andou consultando eminentes personagens nacionais e estrangeiros a fim de saber como seria recebido pela opinião pública o emprêgo da bomba na guerra e nunca mais teve necessidade de falar sôbre o assunto com o Presidente.

A emergência da bomba atômica passou a ser o cerne da potência militar americana, sendo a única fórma de fôrça militar remanescente depois da decepção orçamentária de abril e veio provocar rivalidades entre os serviços administrativos. Os ajustes de Key West e das discussões orçamentárias impuseram apenas uma tregua cheia de incertezas. Forrestal defendeu os direitos de Symington quando sugerindo uma fôrça aérea mais poderosa às comissões congressistas. Deve ter sido grande surprêsa quando leram no "The New York Times" de 18 de julho, domingo, uma reportagem sôbre uma conversa às claras perante quinhentos engenheiros da aeronáutica, que Symington havia pronunciado em Los Angeles dois dias antes.

"Sabe-se", dizia o jornal, "que ontem à noite, o Sr. Symington, ao saltar do avião que o levou a Los Angeles, recebeu um discurso preparado, que se presume ter sido aprovado pelo Departamento da Defesa, transmitido para aqui pelo telégrafo e impresso em grande quantidade para distribuição. Symington achando-o incoerente demais, dizem que, o recusou e falou de improviso empregando freqüentemente um fraseado rispido.

Tiranos agressores consagrados aos métodos bélicos antiquados afirmaram que a expansão da fôrça aérea pode provocar o desequilibrio das três armas e o Sr. Symington declarou que a fôrça aérea não pode ser equilibrada com o exército ou a marinha, mas sim com a fôrça potencial inimiga e que o povo americano tem contribuido monetariamente para o valor da aviação.

PERGUNTAS QUE SYMINGTON RESPONDE

AINDA havia mais sôbre o assunto. Forrestal colou no diário recortes de jornais no reverso da fôlha onde fêz esta anotação:

18 de julho de 1948 — Ciumadas pela Bomba Atômica

Enviei hoje a seguinte comunicação a Symington.

"SE o texto de seu discurso pronunciado em Los Angeles na sexta-feira à noite é realmente o que diz a transcrição feita por Gladwin Hill no New York Times de hoje, tratase de um ato de insubordinação oficial e deslealdade pessoal. Aguardo explicações".

Fui hoje à tarde ver o Presidente e disselhe que pediria a demissão do Sr. Symington caso êle não explicasse satisfatòriamente a sua conduta em Los Angeles. Disse também que me contrangia ter que tomar tal atitude, mas que esta era a conclusão que o caso merecia. O Presidente concordou e pediu-me para cientificá-lo do desenrolar do assunto.

Se a transcrição do discurso é verdadeira, o caso deve ser resolvido com a demissão. Entretanto, no dia seguinte Forrestal jantava com Symington, Sullivan, secretário da Marinha e Royall, num ambiente de cordialidade. Aparentemente Forrestal estava mais interessado em fazer desaparecer a causa do incidente de que no ato de indisciplina. As razões estavam na rivalidade que havia no contrôle das armas atômicas, conforme "ficou esclarecido". As notas de Forrestal sôbre êste jantar dizem que "a razão do desentendimento entre a Fôrça Aérea Terrestre e a Fôrça Aérea Naval é fundamentalmente causada pela chamada guerra estratégica e consequentemente o uso da bomba atômica". Forrestal preparou um rascunho transferindo a bomba atômica para a Fôrça Aérea "por se tratar de interesse superior" e ao mesmo tempo com a concessão de ser usada pela Marinha contra "alvos puramente navais" ou em operações estratégicas dirigidas pela Fôrça Aérea. Este ajuste pouco tempo depois entrava em vigor. Entrementes Symington deu explicações a respeito do discurso em Los Angeles e Forrestal, levando Symington em sua companhia, foi ver o Presidente para declarar que em vista da insignificância do fato êle retirava a idéia da demissão.

CLAY CONFIA EM BERLIM

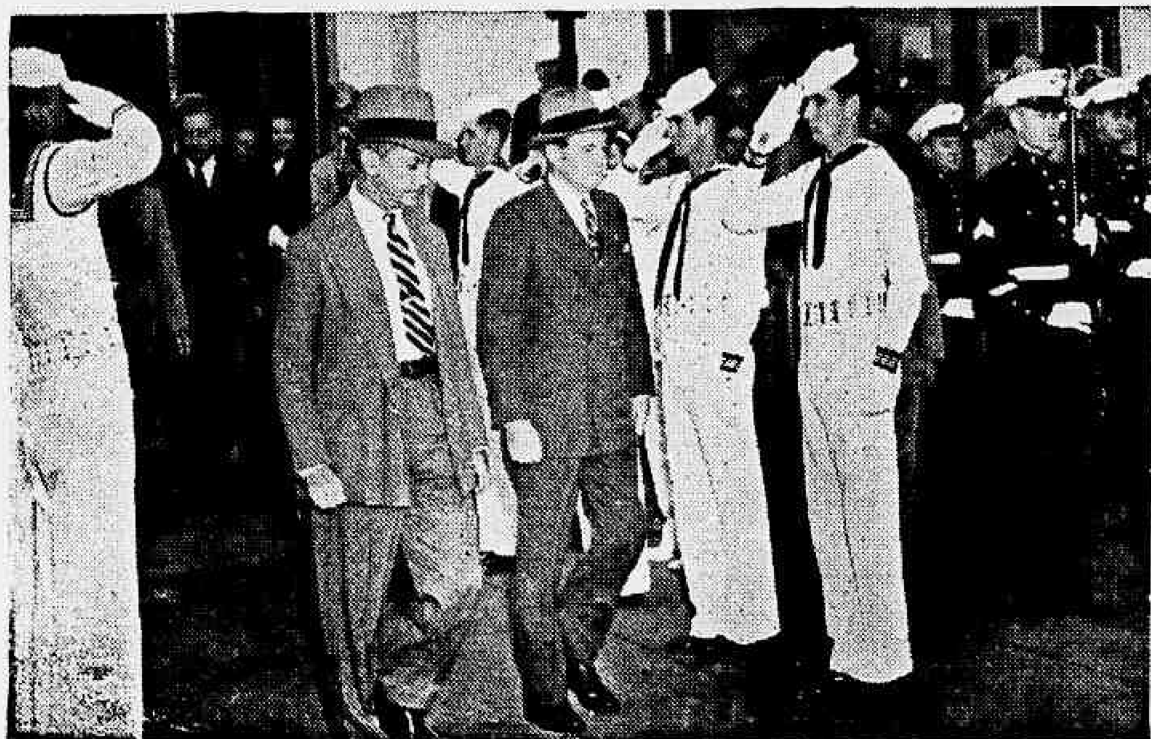
NA mesma ocasião a crise berlinense parecia piorar; o general Clay voou para Berlim para sindicar e não parecia pessimista.

21 de julho de 1948 — Jantar com o general Clay

PONTOS capitais: — 1) Disse que estava confiante e que há três semanas conseguiu fazer passar um comboio blindado sem embaraços. As dificuldades são neste momento maiores, mesmo assim ainda acredita que se possa fazer alguma coisa sem provocar crises. As oportunidades serão mínimas, pois a situação em Berlim tende a aumentar extraordinariamente de pressão e está sujeita a um número cada vez maior de entendimentos diplomáticos; a razão evidente é que tudo concorre para colocar a situação em foco perante a opinião mundial, tornando assim ainda mais difícil a retirada dos russos de uma posição que tomaram de maneira tão notória; 2) as possibilidades de uma guerra são hoje de uma contra quatro; 3) diz que não acredita que tenhamos de fazer uma invasão imediata na França; 4) acredita que os franceses se decidam a combater e que vinte boas divisões poderão reter os russos no Reno; 5) os alemães, claramente a favor dos Estados Unidos, tudo farão em nosso auxílio.

Embora em tudo isso houvesse otimismo, constatava-se o fato de que não havia 'vinte boas divisões" na Europa e se houvesse realmente a possibilidade de um contra quatro, os Estados Unidos mal poderiam fornecer uma divisão como refôrços. A importância que esta situação deu à bomba atômica foi evidente e daí em diante ela passou a ser o problema capital no pensamento estratégico americano.

O próximo artigo — "A batalha do Bloqueio".



CERIMÔNIA da transmissão do cargo de Secretário da Marinha, de Forrestal, na pessoa de Sullivan, quando Forrestal foi assumir no Pentágono, novas funções



SERVIÇO de salvamento e buscas nas ruinas da rua Ben Yehuda, de Jerusalém, quando morreram, na explosão, 52 pessoas, esmagadas pela destruição das casas.

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — Que significa abantesma:

— Uma ave da Índia?
— Teia de aranha?
— O mesmo que fantasma?

2 — Como se chama o bastão episcopal:

— Báculo?
— Estola?
— Ostensório?

3 — O bambu é:

— Uma gramínea?
— Uma cucurbitácea?
— Um cereal?

4 — Qual o nome daquelas farpas que se cravam no cachaço dos touros nas corridas?

— Espéculo?
— Bandarilha?
— Espátula?

5 — Que nome se dava à nostalgia dos negros que vinham da África ao tempo da escravidão, e que muitos morriam da mesma:

— Quilombo?
— Candomblé?
— Banzo?

6 — No ramo protestante dos «batistas», o batismo só é ministrado aos:

— Recém-nascidos?
— Aos adultos?
— Aos mortos?

7 — Uma reunião de cônegos de uma catedral é:

— Cabido?
— Consistório?
— Conclave?

8 — Detergir é sinônimo de:

— Escupir?
— Limpar?
— Embrulhar?

9 — Em que livro sagrado está o Deuteronômio:

— No Send-Avesta?
— No Corão?
— Na Bíblia?

10 — Qual o nome da órbita que a terra descreve, cada ano, em volta do sol:

— Equador?
— Eclíptica?
— Meridiana?

11 — Quem escreveu a «Prosopopéia», a primeira obra poética produzida no Brasil:

— Anchieta?
— Bartolomeu de Gusmão?
— Bento Teixeira?

12 — Rui Barbosa deixou obra poética:

— Insignificante?
— Regular?
— Nula?

13 — Que nome tinham os doutores, entre os judeus, que liam e interpretavam as leis:

— Escribas?
— Rabi?
— Fariseus?

14 — Que quer dizer férula:

— O mesmo que fécula?
— Corr ia de transmissão?
— Sinônimo de palmatória?

15 — Qual o significado de «peixe fóssil»:

— O petrificado pelo tempo?
— O que vive em grandes profundidades do mar?
— O que não tem escamas?

(Respostas na página 49)

O PEQUENO CONTO

A MORTE NÃO O QUIS

GEO WILLIAM



JOHN Sullivan era um vencido! Tentara tudo na vida e sempre fracassara miseràvelmente. Experimentara tôdas as profissões, desde guarda-noturno num internato até vendedor de limonada ao longo do Tâmisa. O azar perseguia-o, indiscutìvelmente. De nada adiantava sua boa vontade de querer se tornar útil ou agradável. Parecia sempre em seus propósitos. Quando guarda - noturno, não soube perceber a intromissão dos "penoseiros" dentro do galinheiro do Ateneu. Foi despedido. Quando vendedor de limonada, deixou-a azedar e foi pôsto no ôlho da rua. Assim, fizesse o que fizesse, sempre acabava acabrunhado perambulando dentro do "fog" londrinense, que lhe era refúgio e danação ao mesmo tempo.

Cansado de tanto padecer, resolveu, certo dia, dar um pontapé na vida, dizer adeus ao vale de lágrimas, despedir-se da urbe e, com ela, da cinzenta Albion que lhe fôra tão madrasta. Quando monologava consigo mesmo, não sabia decifrar a razão do sucesso de Churchill enquanto que êle, filho da mesma terra e feito do mesmo barro, naufragava continuadamente...

— Agora vou terminar de uma vez! Sou tão azarento que até o suicídio é capaz de me sair às avessas. Portanto, devo tomar todos os cuidados a fim de não fracassar, pelo menos desta feita!

Somou os magros "shillings" que tinha no bôlso. Dava para a "coisa" que tinha em mente. Num ferro-velho comprou a navalha. Na farmácia, um pouco de veneno, para "matar ratos", conforme dissera. Na loja de ferragem uns palmos de corda fina e resistente.

— Com todos êstes ingredientes, se eu não fôr à glória, nunca mais alguém morrerá sôbre a face da terra.

★

Andou bastante, alcançando lugar solitário às margens do rio. Buscou com os olhos, até encontrá-lo, um galho robusto que transformaria em forca. Dava, êsse ramo nodoso, para as águas do Tâmisa.

Nele passou a corda, armou o laço. Feito isso, bebeu de um trago o veneno, meteu a cabeça no "cículo mortal", sacou da navalha e deu um pulo.

Quando ergueu a mão armada para seccionar a carótida, a corda, com o peso, esticou. O golpe que lhe deveria abrir respeitável fenda no pescoço, foi atingir a corda, cortando-a como se fôra um fio de cabelo. Despencou para dentro da água. Bebeu, dela, a largos tragos. Um barqueiro que passava acidentalmente pela margem, arrancou-o do elemento liquido, fazendo-o vomitar. Restituiu o veneno e viu-se salvo de sua tríplice e conjunta tentativa de morte!

Um pastor de almas, atraído pelo acontecido, fêz-lhe longa preleção, citando-lhe versículos evangélicos e trechos da Bíblia. Reconfortou-o, injetando-lhe nova coragem e novas esperanças. Depois o abençoou e mandou que seguisse rumo ao lar. Lá se foi John Sullivan, decidido, firme e resoluto, coração cheio de júbilo e alma transbordando de nova luz

★

Ao atravessar a estrada, foi apanhado por um grande caminhão que o transformou numa bolacha...

UMA PEQUENA SELVAGEM





















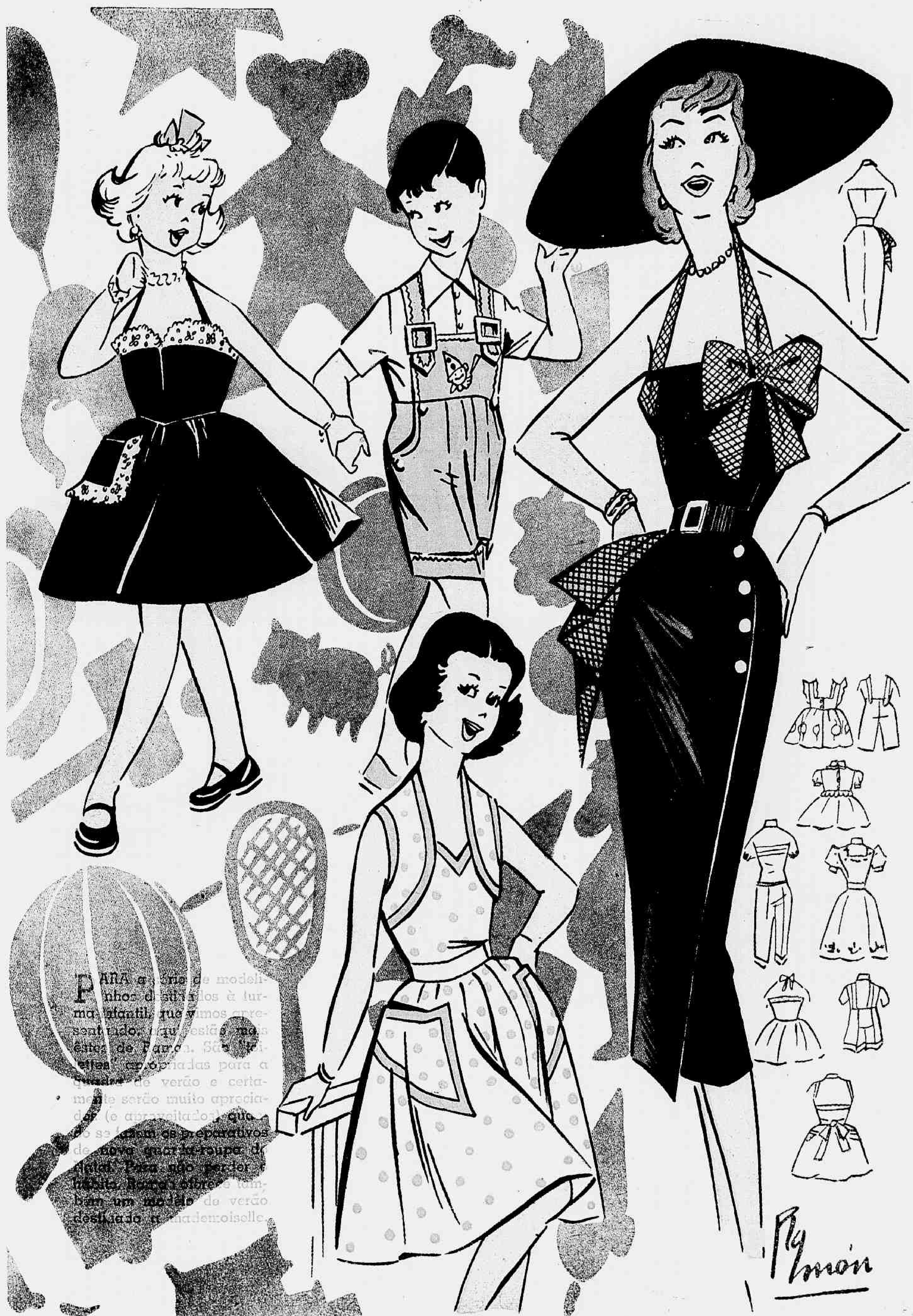









MENINOS
e
MENINAS



PARA a série de modelinhos destinados à turma infantil, que vimos apresentando, aqui estão mais êstes de Ramon. São "toilettes" apropriadas para a quadra de verão e certamente serão muito apreciadas (e aproveitadas) quando se fazem os preparativos de nova guarda-roupa d[illegible]. Para não perder o hábito, Ramon oferece também um modelo de verão destinado a mademoiselle.

O CÉU MANDOU-ME ESTA MULHER

Digo, sem constrangimento, que o céu me enviou uma mulher. No entanto, só compreendi êste milagre quando me escravizei exclusivamente a seu amor. Todos irão rir-se de mim, é natural, mas não importa, vive comigo a mulher que Deus me deu.

— Sim! Vivo para você, Antenor! Por isso, mereço uma explicação! Nunca fui tão humilhada! Que significam essas manchas de baton, no seu lenço?

— Ora, Alia! Você conhece os trens da Central, à tarde! Uma jovem esbarrou-me, na confusão, manchando-me o paletó com o baton de seus lábios. Daí ter utilizado o lenço para remover a nódoa.

Justifiquei-me, prontamente, com lisura e sinceridade, ante a suspeita de infidelidade que dominou minha espôsa. Minhas palavras, entretanto, pareceram mortas e artificiais, não encontraram eco no seu coração; e, como causa principal, percebi que ela criara um rosário de dúvidas quanto à minha honestidade. Assim, sem a mais leve razão, uma atmosfera de incompreensão e desconfiança instalou-se definitivamente entre nós, ameaçando estagnar a nossa felicidade. E a situação permaneceu incontrolável, por uma insignificância à-toa, mesmo diante do meu insistente apêlo para recompô-la.

Foi logo após o nosso matrimônio, quando se representou a cena. Desde então, Alia alterou precipitadamente o seu "modus vivendi", antes tão agradável, transformando nossa união sagrada num autêntico inferno. Acostumou-se até, delicadamente, a todos os meus hábitos e, na minha ausência, revolvia os meus pertences, na ânsia incontida de encontrar alguma prova que revelasse uma deslealdade conjugal.

Francamente, nesse período, comecei a andar saudoso da fase de rapaz. Havia de sentir essa inovação repentina. Eu não casara para tolerar atribuições pessimistas que minha espôsa ditava resistentemente. Outrora, na agitação da vida de solteiro, se me contasse êste fato, talvez muito me risse, pois não me convencia das belíssimas conclusões que se extraíam acêrca do matrimônio. Existia, porém, um contraste sensível: naquela época não se amava profundamente; apenas pelo prazer, viviam-se algumas páginas de amor. Pensando assim, desvirtuei daquela senda, ansioso de sentir emoções remoçadas. Enectei namorando à pés juntos, fiquei noivo, fui ao altar e construí um lar, à custa de sacrifício.

Isto não bastou, confesso, para abafar a chama do meu passado, fazer com que, vez por outra, não fôsse visitá-lo pessoalmente, ao menos como um ilustre desconhecido. Isto não! Mas que contornou a situação, é verdade de fé. Mesmo porque sempre fui venerável, acima de tudo leal, e diligenciei bastante para compor um lar, oferecer à espôsa o máximo de confôrto. E' lógico que sou humano e, como a maioria dos mortais, pecador, nem me insinuo mascarar de tal. Alia está ciente, dela nada oculto, faço até com que averigue o meu princípio de vida, é dificílimo subjugá-lo.

Às vêzes me entusiasmo tanto e enveredo por outro trâmite. Mas observem! Se não me engano, afirmei que a minha vida ninguém poderia modificá-la, não foi? Grande balela! Pagamos com juros o que dizemos irrefletidamente. Alia não só modificou minha existência, como também me arrebatou à sua paixão. As mulheres são impiedosas por capricho, gostam de assoberbar os homens. Elas têm um poder indecifrável, pois choram quando não querem, sorriem quando não devem.

Desta maneira, a intenção viva de Alia não morria de simples particularidade, ia muitíssimo além, procurando acrescentar novas surprêsas. Depois, controlou automàticamente os meus passos, tal como o patrão regula os do empregado, desde a minha ida para o escritório até ao regresso. Assim, diàriamente, durante o afã cotidiano, se recebesse um chamado telefônico, infalìvelmente às mesmas horas, com a precisão de um cronômetro, não devia surpreender-me, sabia que era dela! Ignoram a sua ingênua finalidade? Certificar-se de que, realmente, eu havia comparecido ao escritório! E ouvia, apático, sua voz ao telefone: — "Está trabalhando, querido? Então até logo!"

E eu, idiotamente, não sei por que, atendi serviçalmente a tôdas as suas imposições, lembrando um animalzinho domesticado. Basta dizer que ela estabeleceu, para mim, um rigoroso horário de chegada a casa! Adianta eu me manifestar que não contive um gesto de desaprovação, achando ridículo mesmo sua incoerência permanente, se aturei tudo resignadamente?

Nos dias fixos de pagamento, então, os quais ela sabia de memória, obrigava-me a regressar um pouco mais cedo. Por certo com receio de que eu fôsse esbanjar o dinheiro na boêmia, ao lado da "outra", que só figurava na sua imaginação criadora. Ora, eu nunca me acostumara, nem podia concordar, com método tão rígido. Mormente nos dias de pagamento, quando gostava de apreciar o movimento da metrópole, a fim de adquirir algo para nosso uso ou manutenção em nossa vivenda. Mas era impossível contrariá-la! Uma onda de lamúrias a invadia, colhendo o meu bom-humor, caso não cumprisse o estabelecido.



Estavam provadas as conseqüências terríveis daquelas malditas manchas! Por que eu não escondera aquêle lenço? Por quê?

Os acontecimentos irritavam-me, apagando em mim a tranqüilidade absoluta dos primeiros dias de casado. Bom tempo aquêle! Éramos felicíssimos, sabe, confiávamos mùtuamente, confessávamo-nos sempre, aos domingos íamos até à missa das nove. À noitinha, com certa freqüência, adorávamos passear pela Cinelândia, comparecendo a seus cinemas. Afirmo mais, não me arrependia sequer da vida que levava. Hoje, principalmente, seria horrível se tivesse de acostumar-me com outra. Gostaria de possuir, num estro sublime, fôrça descritiva para explicá-la, mas qual, sempre careci de filosofia. Considero-a, sòmente, deliciosa e empolgante, capaz de tolher qualquer pensamento que não se relacione com ela.

Os momentos agradáveis foram restritos. Veio a tempestade, o ânimo abateu-se ante tais divertimentos. Pois, ao alcançar a soleira da porta, Alia crivava-me de perguntas esquisitas, perseguindo-me injustamente.

— Que demora foi essa, Antenor? Por que não permaneceu no escritório quando telefonei pela segunda vez?

— Eu... Alia! Alia!

Novas celeumas e ameaças envolvia-nos, perigosas como os tentáculos de um polvo horrendo; vivíamos, dêsse modo, em acaloradas discussões.

Tinha convicção intensa, era lógico, de que Alia estava obcecada por violento ciúme, distingüido como a sua única herança materna (visto que sua mãe sofria do mesmo mal), capaz de resultados cruéis e desmedidos. Sempre temi esta concretização em minha espôsa, se bem que, durante o noivado, de nada houvesse suspeitado. Alia já não apresentava o tipo fiel para inspiração de uma poesia sentimental, dessas em que se observa a verve eterna do poeta. Longe está! Nem pode espelhar-se agora!

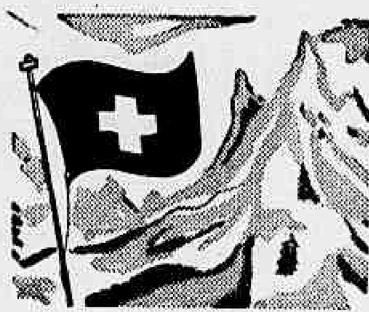
Alguém, certamente, afirmará ser eu um doente mental, não duvido. — "Então seria esta a mulher que o céu lhe enviou?" — poderão indagar-me pasmados e incompreensíveis. E eu retrucarei, lépido e fervoroso: — "Sim! Perfeitamente!"

Explico, afinal: aquela disposição meio atrevida de minha espôsa, com o decorrer dos dias, se foi refletindo em mim de um modo original, singular e estranho! Afinal, Alia tentava, sòmente, defender a sua felicidade, mesmo contra inimigos supostos e fictícios, lutando destemida e incansável, com mêdo de perdê-la. Parecia atormentá-la um fantasma de mulher que, supunha, vivesse comigo. Contudo, Alia não se assemelhava às outras mulheres, as quais, por opinião própria, não procederam do céu, originaram-se de um inferno de mulheres. Não falo com ideologismo fanático. Para mim, Alia não trazia no olhar a traição, nem no corpo a maldição. Sabia que não estava sendo iludido friamente, tão pouco me havia casado com um demônio!...

Por uns momentos, acolhi deduções fantásticas. Alia guardava certa dose de respeito, reunindo, graciosamente, seu amor ao meu. Era exatamente assim o anjo enternecedor dos meus sonhos; jamais pensei em possuí-lo. E, era incrível, ainda existia gente assim nesta humanidade viciada. Atualmente, eu morro de ciúmes por ela, há muito já depositei meu destino em suas mãos. Alia não zomba da minha aflição, em acesso de vertigem, porque eu a (Cont. na pág. 44)

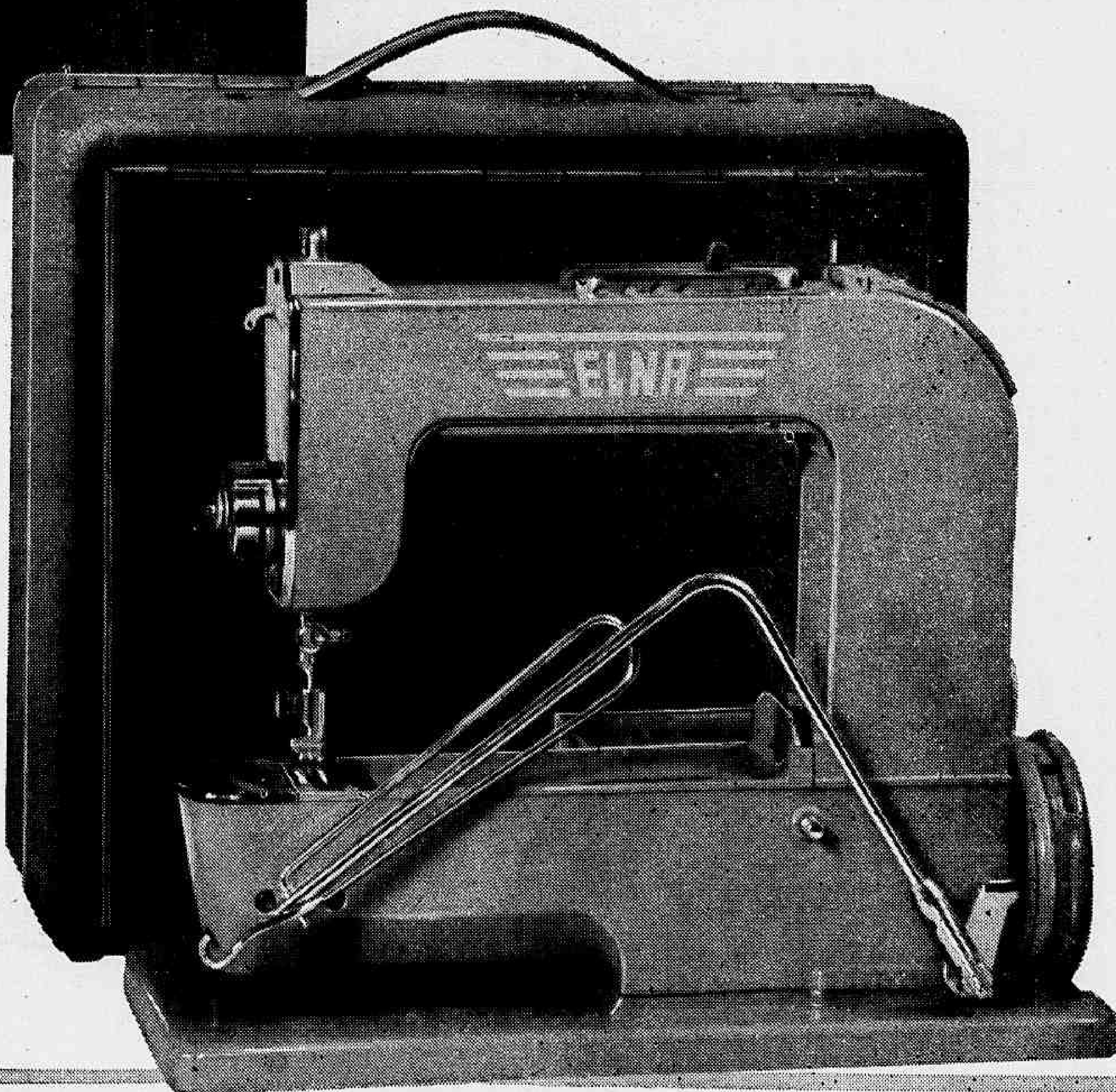
CONTO DE ARNALDO BITTENCOURT MARCHETTI ★ ILUSTRAÇÃO DE M. QUEIROZ

SEM ENTRADA INICIAL!


Precisão Suiça.

. . . sim, pela primeira vez e durante uma temporada especial, a sra. poderá comprar uma máquina da qualidade de ELNA, sem entrada inicial e pagando-a suavemente em pequenas prestações mensais. Visite sem demora a loja de ELNA para solicitar uma demonstração e inscrever-se nesse novo sistema de pagamento, antes que seja tarde.

ELNA




Assistencia técnica permanente.


Demonstrações em sua casa, sem compromisso.

ELNA É MODERNA, ELÉTRICA, PORTATIL.

COMPANHIA DE MÁQUINAS ELNA DO BRASIL

Rio de Janeiro	Av. Calógeras, 23 - Tel. 32-6642
São Paulo	Rua 7 de Abril, 248 - Tel. 34-8151
Belo Horizonte	Rua Tamoios, 90 - Tel. 2-1930
Porto Alegre	Rua dos Andradas, 1538 - Tel. 9-1643
Recife	Rua da Concordia, 143
Curitiba	Rua Barão do Rio Branco, 41 - sala 515 - Tel. 4174
Juiz de Fora	Rua Marechal Deodoro, 385 - sala 103 - Tel. 1636
Santos	Rua João Pessoa, 16 - 4.º andar - Tel. 2-7458
Salvador	Ed. Sul América - Trav. Bonifacio Costa, 2 - salas 513/515
Bauru	CASA DOS FIOS - Rua Batista de Carvalho, 5-26
Fortaleza	CASA PARENTE - R. Guilherme da Rocha, 203/213 - Tel 1503
Campinas	CASA DOS FIOS - Rua 13 de Maio, 729

Solicite-nos sem compromisso uma demonstração de ELNA em sua residencia.



Nome: ....

Endereço: ....

Cidade: ....

Estado: .... Tel.: ....

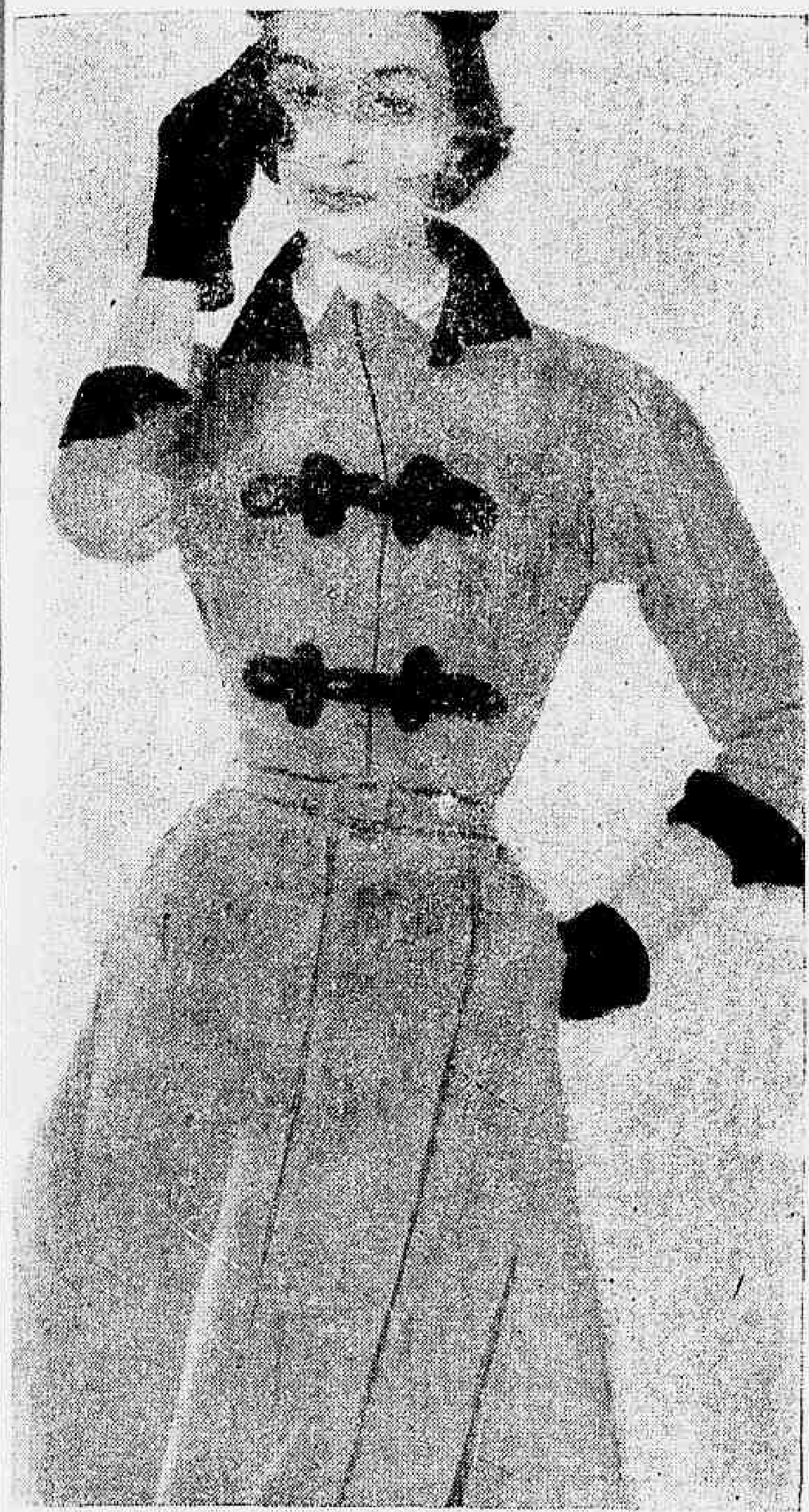




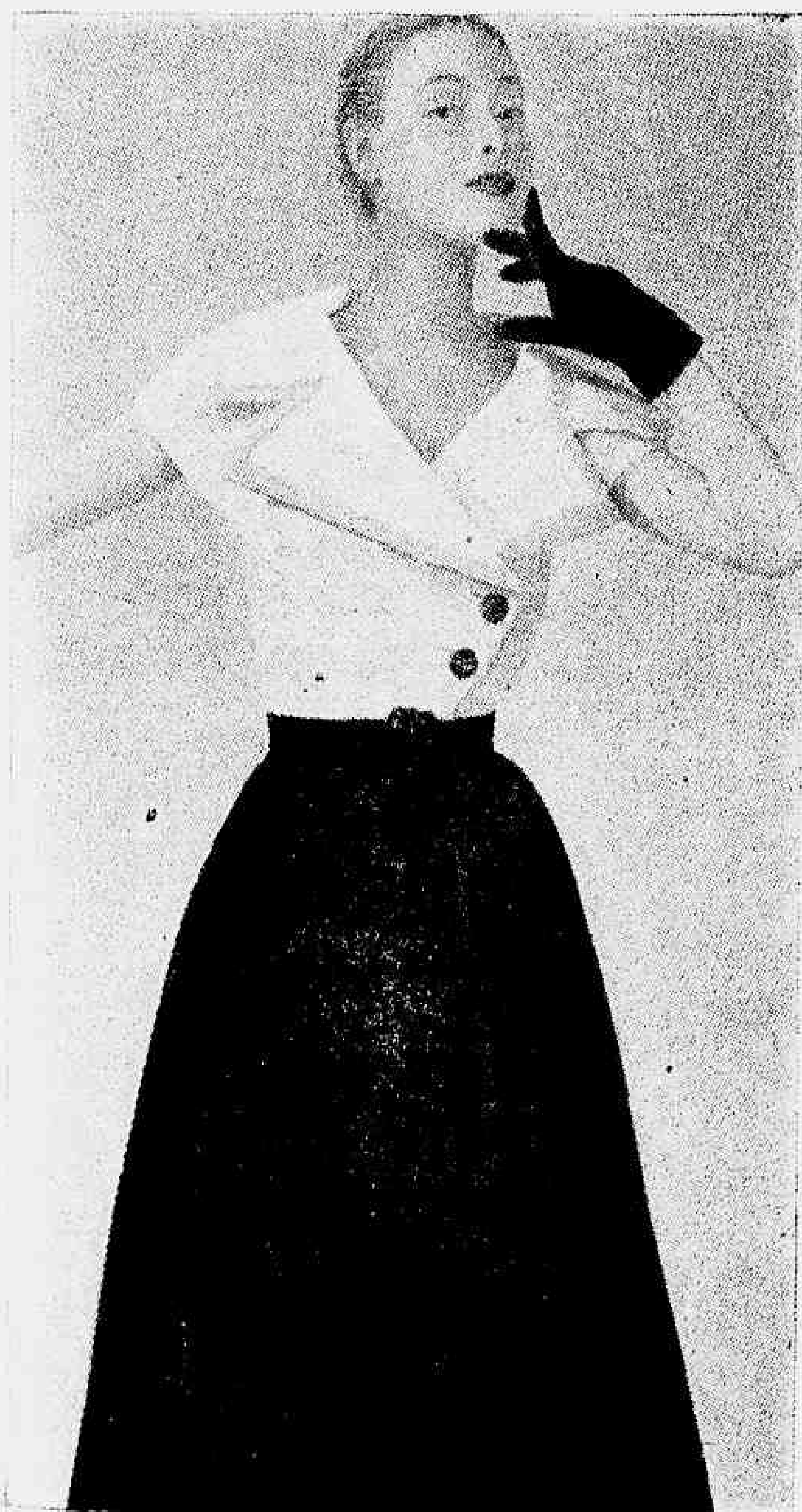


Variedades

UMA sugestiva e variada coleção de modelos, apresentamos às nossas leitoras, nestas duas páginas. Ao alto, à esquerda, elegante modêlo esportivo, para passeio, em linho azul marinho, com punhos e gola de fustão branco. À direita, dois gracioso modelos para "cock-tail", ambos em tafetá escuro. A seguir, mais duas elegantes sugestões, para passeio, a primeira em tafetá verde, a segunda, um duas-peças, em sêda branca e veludo. Por fim, dois elegantes chapéus, o primeiro em feltro cinza, com véu branco, e o segundo, em fina palha branca, com sugestiva renda preta, terminando em laço.



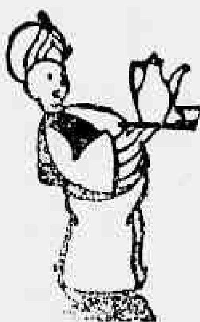






WEEK-END NA COZINHA

SALADA RUSSA



COZINHA-SE *em água com sal cenouras, batatas, fôlhas de repolho, vagens, couve-flor, e deixa-se esfriar, cortando-se depois tudo em pedacinhos, sendo o repolho em tirinhas e a couve-flor pelos buquês. Tudo em vasilhas separadas, temperando-se também separadamente com môlho para saladas comuns. Abre-se uma lata de palmito, escorre-se a água e tempera-se também com o mesmo môlho, também em separado. Abre-se em seguida uma lata de "petits-pois" outra de atum e pica-se um pouco de presunto, alface e azeitonas. Toma-se, então, uma travessa bem grande e arruma-se no centro os camarões, à volta dêstes os espargos, intercalados com montinhos de "petit-pois" depois o atum e por fim o palmito cortado em rodelas grossas. Arruma-se depois as diversas verduras que foram temperadas, combinando-se as côres de modo a dar ao prato bonito aspecto. Prepara-se um môlho de maionese e faz-se com êle uma cercadura, separando-se as verduras, arruma-se os montinhos de maionese sôbre os camarões ou faz-se um outro enfeite que mais agrade. A volta da travessa faz-se uma guarnição de alface picadinha temperada com môlho de saladas enfeitando-se com azeitonas e presunto picado.*

BOLINHOS DE BACALHAU

Aferventa-se 300 grs. de bacalhau, passa-se na máquina e leva-se ao fogo com azeite, cebola picadinha, salsa batidinha, alho amassado e pimenta do reino: refoga-se tudo bem. Junta-se a êsse refogado, fora do fogo, um pirão feito com 8 batatas cozidas e amassadas, 1/2 colher de manteiga, 1 de farinha de trigo, 1/2 xícara de leite e 4 ovos batidos. Mistura-se tudo muito bem e frita-se às colheradas, em azeite ou gordura quente.

SOPA ARISTOCRATA

Faz um caldo de carne ou de galinha. Leva-se ao fogo uma panela com cinco colheres de farinha de trigo e, sempre mexendo, deixa-se que a farinha toste, em fogo brando, até tomar uma côr alourada, não muito escura. Tostada a farinha de trigo, retira-se do fogo e engrossa-se com ela o caldo feito. Serve-se com pedacinhos de pão torrado. Enfeita-se a sopa com rodelas de ovos cozidos.

ARROZ COM CAMARÃO E CÔCO

Faça 1 kg. de camarões ensopados e junte o leite de 2 côcos, tirado sem água. Junte 6 xícaras de água a ferver no bagaço do côco e esprema bem por um pano. Refogue, em banha de côco ou outra gordura, 1 colher de cebola picada, tomates sem peles nem sementes (ou 1 colher de massa de tomate). Junte 1/2 kg. de arroz, molhe com as 6 xícaras de água de côco, tempere de sal e leve a ferver até secar o líquido. Retire então para secar ao lado do fogo. Pronto, arrume em um prato em camadas, arroz e os camarões ensopados com o próprio môlho. Leve à bôca do forno para não esfriar e sirva.

SOUFFLE DE PEIXE COM BATATAS

Tome pedaços de peixe cozido ou assado, tire tôdas as espinhas e peles. Faça um pirão com 250 grs. de batatas cozidas, sal e 1 colher de manteiga, toste 2 colheres de farinha de trigo com 1 colher de manteiga. Molhe com 2 xícaras de leite, para fazer um mingau, junte 3 gemas e leve novamente ao fogo, guarde as 3 claras. Estenda então o pirão de batatas numa fôrma funda de porcelana, coloque as lascas de peixe por cima e guarde. Meia hora antes de servir, bata as 3 claras em neve, junte ao creme e despeje por cima do peixe: polvilhe com queijo ralado e leve ao forno para tostar. Deve crescer bastante.

ESPINAFRE COM TORRADAS

Faz-se um creme de espinafres, com todos os temperos, sem esquecer de acrescentar uma pitada de nozmoscada, depois de aferventar com um pouco de bicarbonato e de refogar na manteiga ou azeite. Engrossa-se com maizena e meia xícara de leite. Basta uma colher de maizena. Serve-se sôbre torradas finas, que foram ao forno com manteiga e queijo ralado.

MÔLHO BRANCO

2 xícaras de leite, 2 colheres de maizena, 2 colheres de manteiga, 2 gemas (que se podem omitir), sal, noz-moscada. Desmancha-se a maizena num pouco de leite frio e quando o resto do leite estiver fervendo, acrescentam-se todos os ingredientes e, por fim, a maizena dissolvida e duas gemas, que se podem dispensar.

SODA EGG-NOGG

1 copo mal cheio de gêlo picado, 1 ôvo, 2 colheres de açúcar, caldo de 1 limão pequeno e soda até encher o "shaker". Sacoleja-se e serve-se.

NOGG DE RUM

Enche-se um têrço do "shaker" com gêlo picado. Juntam-se 2 ovos, 2 colheres de açúcar e uma dose de rum. Sacode-se, polvilhando com canela ou com noz moscada.

TORTA DE PERAS SÊCAS

Peras sêcas, açúcar, canela e 3 colheres de sopa de vinho branco. Para o creme: 1/2 pão de leite, 125 grs. de açúcar, 3 ovos, 1/2 litro de leite e 1 colherinha de canela. Cozinha-se bem as peras com bastante canela e vinho até formar uma massa que se coloca em fôrma de pudim, forrada com uma massa qualquer e despeja-se o creme por cima. Faz-se o creme da seguinte maneira: amolece-se no leite o miolo do pão, espreme-se bem e junta-se com as gemas e o açúcar, formando um mingau. Mistura-se com claras batidas e põe-se por cima do pudim, antes de ir ao forno, e leva-se a assar em forno quente.

GALANTINE À LA BELLE MERE

Parte em quadradinhos de 1 cm. a carne de 1 frango assado e cozido, 150 grs. de presunto e 1 colher de sopa de beterraba cozida. Abra 1 lata de "petits-pois", escorra, junte 1 colher de chá de açúcar, adicione ao resto e misture com um garfo. Dissolva 4 fôlhas de gelatina em 2 xícaras de água, junte o caldo de 1/2 limão, sal e 1 cálice de vinho. Coe, despeje sôbre a primeira mistura, mexa e vá enchendo forminhas bem pequeninas, untadas de azeite e leve a gelar. Corte rodelas de pão de fôrma, de 1 cm. de espessura, passe por cima uma camada de môlho de maionese e aplique as forminhas em cima de cada uma.

CASQUINHAS COM DOCE DE OVOS

Faça uma massa com 300 grs. de farinha, 150 de manteiga, 100 grs. de açúcar e 1 ôvo. Forre as forminhas e leve a assar no forno. Prontas, encha até ao meio com o doce abaixo ou com geléia. Pode guardar as casquinhas em lata, e só encher à proporção que fôr tendo necessidade.

CHARUTINHOS DE MUNCHEN

150 grs. de amêndoas picadas, e tostadas, 150 grs. de açúcar, 50 grs. de laranjas cristalizadas, picada, casca ralada de limão, 300 grs. de farinha de trigo, 250 grs. de manteiga. Com êsses ingredientes faz-se uma massa bem consistente formam-se rolinhos do feitio de charutos, põem-se em assadeira untada, pincelam-se com gemas batidas e levam-se ao forno quente. Por serem delicados êstes biscoitos, deve-se ter cuidado ao retirá-los da fôrma.

CREME DE MAIZENA

1 litro de leite, 3 colheres-de-sopa de maizena, 30 gr de açúcar, uma pitada de sal, 2 gemas.

Desmancha-se a maizena em um pouco de leite frio, junta-se ao leite bem quente e deixa-se cozinhar durante 5 minutos, mexendo-se sempre.

Tira-se a caçarola do fogo, juntam-se as gemas, desmanchadas, o sal e o açúcar, leva-se novamente ao fogo, retirando-se pouco antes de ferver.

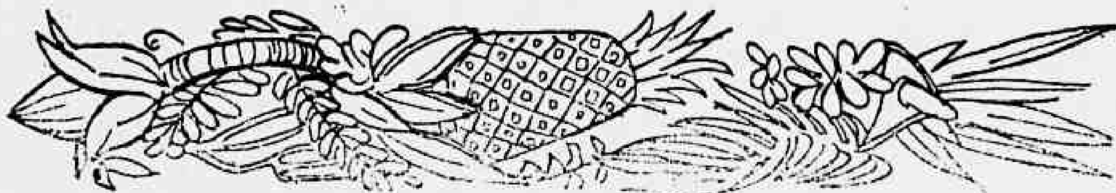
Despeja-se em fôrma molhada e, quando frio, vira-se em um prato e serve-se com calda de frutas. Pode também ser servido com compota de fruta, com creme de baunilha ou de chocolate.

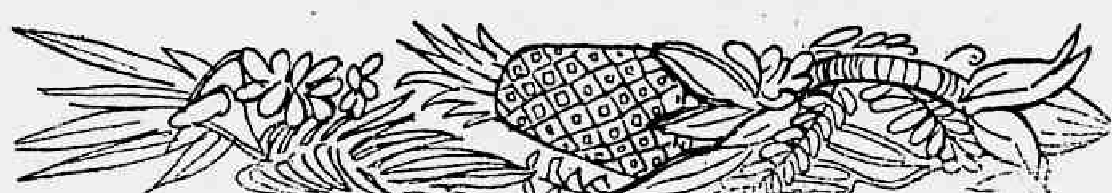
SOPA DE LIMÕES

1 litro de água ou cerveja branca, 1 garrafa de vinho de maçãs ou vinho da Mosella, caldo de 2 limões pequenos, casca ralada de ½ limão, três gemas e açúcar à vontade. Ferve-se a cerveja ou água com o vinho e o açúcar. Batem-se as gemas com um pouco de água fria e 1 colher de farinha de trigo, junta-se isto ao caldo fervendo e deixa-se ferver mais um pouco em fogo fraquinho. Passa-se, então, por um passador, mistura-se o caldo e a casca ralada do limão e põe-se na geladeira. Serve-se com biscoitos.

PUDIM DE SAGU

Leve a cozinhar 160 gr de sagu em 4 xícaras de leite e 1 pitada de sal. Retire do fogo, junte ½ colher de manteiga, 150 gr de açúcar, 2 gemas, 1 punhado de passas e 2 claras em neve. Leve a assar no forno numa fôrma untada. Sirva simples ou com doce de fruta em calda.







Distribuição de prêmios aos soldados do 1.º Batalhão da Policia do Exército que mais se destacaram, a critério do respectivo comando, na eficiência militar e na disciplina. Estão presentes o general Zenóbio da Costa, comandante da 1.ª Região Militar, o tenente-coronel Emanuel de Almeida Morais, comandante daquela unidade, o sr. Ariosto Pinto, presidente da Caixa Econômica, o sr. Jeronymo Castilho, diretor da carteira de penhores dessa instituição, oficialidade e funcionários da Caixa.

PREMIANDO O SABER E A DISCIPLINA COMO INCENTIVO À ECONOMIA



A tradicional Semana da Economia, levada a efeito pela Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro na última semana de outubro, período universalmente dedicado ao estímulo da poupança, tem entre nós, ao lado de aspectos profundamente humanos, como sejam a liberação de máquinas de costura penhoradas e de pequenos penhores, o ensejo de premiar aquêles que se distinguem pelo saber, pela eficiência e pela disciplina, nas escolas, nos quartéis, nos centros de trabalho, buscando por êsse meio difundir a prática da economia. E' uma penetração inteligente e proveitosa, sempre bem recebida, tão simpática e tão elevada que é. Neste ano, como nos anteriores, a Semana da Economia decorreu movimentada, culminando com a maratona intelectual realizada entre alunos de vários educandários da Capital, certame cultural que desperta sempre o entusiasmo e o interêsse dos nossos estudantes. Espalhando prêmios aos que se destacam pelo mérito e benefícios aos menos favorecidos da sorte, a Caixa Econômica vai ao mesmo tempo ensinando que a poupança é condição essencial ao êxito na vida. Nesta página apresentamos alguns flagrantes da Semana da Economia de 1951, mostrando fases da maratona intelectual e da distribuição de prêmios a militares.

★

Três fases da maratona intelectual, vendo-se, à esquerda, a banca examinadora em ação; à direita, colegiais em prova, e, em baixo, alunas do Instituto de Educação que participaram da interessante competição estudantil promovida pela Caixa Econômica.

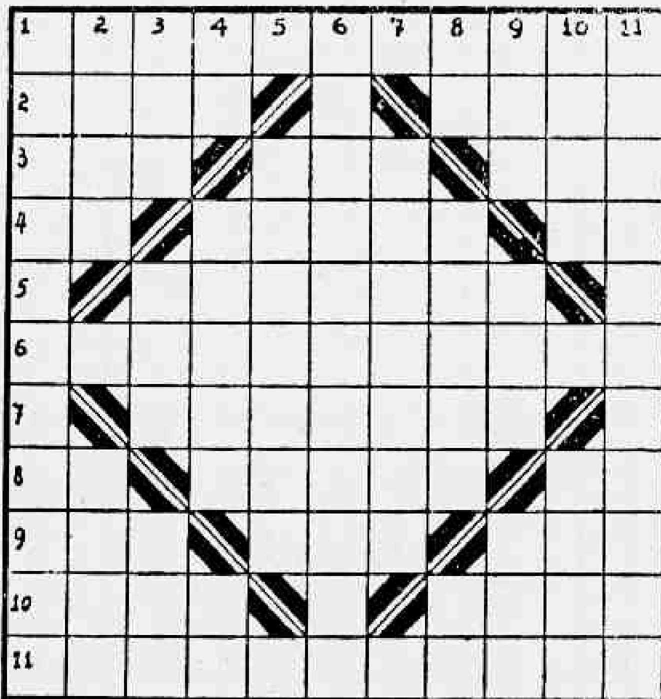




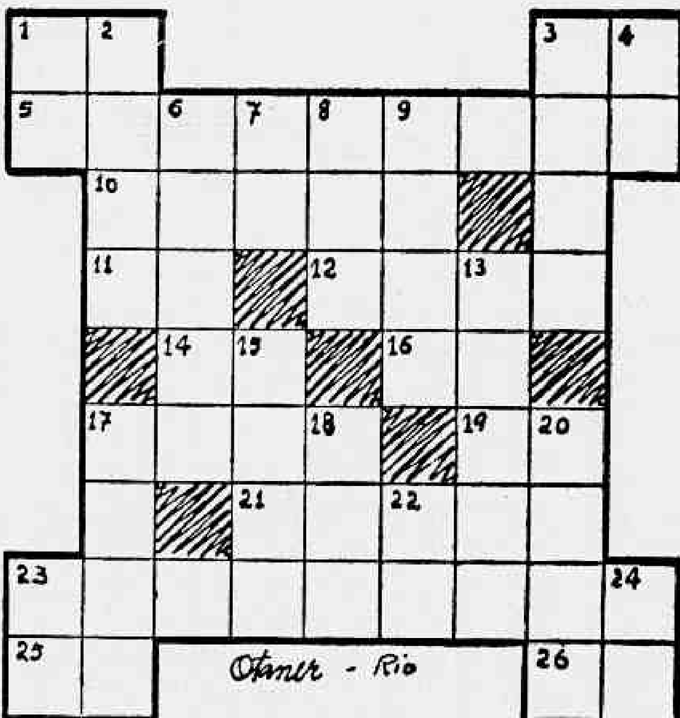
PALAVRAS CRUZADAS

Problema N.° 81 para Veteranos

HORIZONTAIS E VERTICAIS: — 1. Grosseiros — 2. Dificilmente. Ação vistosa para impressionar — 3. A plebe. Mil e duzentos. Ilha da Inglaterra, no mar da Irlanda — 4. Pai de Hupim e Supim. Azteca. Gigante do qual os assírios fizeram um deus — 5. Embriagar-se-ia — 6. Palavreado pretencioso e enfadonho — 7. Raspar — 8. Ilha da França. Ai de mim! Grande quantidade — 9. Espécie de algodão. Rio da Suiça. Parto — 10. Moeda grega. Repetir — 11. Parte do braço oposta ao cotovelo.



Problema N.° 81 para Novatos



HORIZONTAIS: — 1. Perversa — 3. Aqui — 5. Propensos à ira — 10. Cái doente de cama — 11. Batráquio — 12. Ligar — 14 Basta! — 16. Atmosfera — 17. Canoa de casca de madeira usada pelos índios do Amazonas — 19. Outra coisa — 21. Agrido — 23. Da América — 25 Ali — 26. Brisa.

VERTICAIS: — 1. Nota musical — 2. Lavrar — 3. Filtrar — 4. Artigo plural —6. Respeita — 7. Neste lugar — 8. Única — 9. Parte gorda do leite, de que se faz manteiga — 13. Aguardente extraída do arroz fermentado — 15. Unir — 17. Espírito — 18. Ave da familia dos Larídeos — 20. Tecido forte de que se fazem toldos — 22. Antes de Cristo — 23. Outra coisa — 24. Sufixo designativo de agente.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 80 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Sadismo — Taifa — Auiti — Abrilhantar — Aia — Amuos — Ar — Supôs — Mi — Rés — Mar — Ab — Tucão — Na — Erica — Uai! — Abanamoscas — Remir — Tirso — Saibrão.

VERTICAIS: — Ata — Siri — Afias — Dal — Saamona — Munus — Oito — Tir — Abarébebê — Tasmânias — Hap — Ara — Urucari — Ira — Tinia — Cam — Ousia — Rams — Acro — Aro — Otr — Sol.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Amazonas — Mar — Are — Estripar — Isto — Ias — Lei — Tome — Aras.

VERTICAIS: — América — Mas — Artista — Nápoles — Ara — Sergipe — Rs — It — Or — Má.

Colaboração e correspondência para: REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.

O CÉU MANDOU-ME...

(Cont. da pág. 38)

adoro perdidamente. Se ela quisesse, bastaria uma menção sua de abandono ou desprêzo, em qualquer ocasião, para desgraçar meu coração apaixonado. E vivo a recear, em transe doloroso e febril, que ela venha a repudiar-me; eu não me conformaria viver longe dela.

Vejam como o destino é ingrato! Eu, logo eu, nunca alcancei a graça de receber um filho! Carrego esta obstinação comigo, com a mesma preocupação como quem conduz um tesouro inestimável!

Como iria remediar a situação, traduzindo-a para a estabilidade normal? Então haveria, ainda, uma réstea de luz para tornar cálida a minha existência? Dia e noite a dentro, um fito único e sólido aguilhoou todos os meus sentidos... Sim! Eu podia e queria ser feliz!

Foi com essa idéia que arquitetei um plano. Chamar-se-ia o grito da felicidade. Por outro lado sabia que, instantâneamente, êle não surtiria o efeito desejado. Pelo contrário, era quase provável aumentar o meu desgôsto. Tentaria, não custava nada. Depois, porém, eu me assegurava do seu sucesso, pois todos os males seriam sanados, de um jacto.

No dia fatal, próprio para a execução do plano, cheguei a casa bem mais tarde da hora prevista por minha espôsa. A primeira coisa que notei nela, no limiar da porta, foi o seu aspecto nervoso, contínuo, os olhos pareciam crepitar contra mim.

— "Certamente estava em colóquios com a "outra"! — devia deduzir, errôneamente. A lanço tentei dissimular o meu descontrôle, no mesmo instante em que procurava ocultar um pequeno envólucro, que trazia comigo, envôlto num papel fino acetinado. Mas o meu golpe traçado de presto se modificou, quando Ália se adiantou, interceptando-me a dianteira, desesperada pelo imprevisto.

— Que é isto, Antenor? Que procura esconder de mim?

Silenciei, não lhe quis responder. Aquela mulher parecia postular que eu não lhe fôsse cruel, minorando-lhe o sofrimento, poupando-lhe as lágrimas que nasciam de seus olhos azuis. Fiquei iluminado, melhor, apiedado, uma fúria apoderou-se-me e tive vontade veemente de abraçá-la, enfim, cobri-la de beijos. Agiganteime, irresistível. Era feliz por ser amado, por ver que minha espôsa se preocupava firmemente comigo. Mas resisti à comoção e disse, severamente:

— Ália! A que ponto pretende chegar?

Ela suplicou, então:

— Você esconde algo de mim! Mostre-me, Antenor! Mostre-me, por favor!

— Desde quando tenho que lhe dar satisfação, até dos meus mínimos atos?

— Desde que se casou comigo. Você me pertence, Antenor, você é parte do meu ser!

Tudo havia de passar-se assim mesmo. Examinei-a longamente, de cima a baixo, fingindo um ódio calado, que o meu coração já não podia mais disfarçar. Vi que o meu silêncio refletia nela amargamente, tornando-a indignada e impaciente. Eu não precisava reagir, venceria calmamente, pois minha imobilidade a prendia estupefata. Então, aproveitando-me do seu momento de desânimo e humilhação, saquei do bôlso o pacote e, atirando-lhe às mãos, falei, duramente:

— Pode ver! Veja bem! Não suporto mais! Deixarei esta casa, hoje mesmo!

Não sei como consegui pronunciar estas palavras, tudo mentira. Ela demonstrou não ouvir a minha decisão derradeira, mantendo-se preocupada por saber do conteúdo do envólucro. Êste ricocheteou em suas mãos, foi ao chão, tendo a fita que o atava desenlaçada. Afastei-me brutamente da sala, atitude falsa, deixando-a resolver sua questão emocional e cerreime no meu aposento.

Antes, pude vê-la curvar-se, ràpidamente, para apanhar o pacote. Satisfeito o desejo, a surprêsa estampou-se nitidamente nas suas faces descoradas, os lábios trêmulos. Tomara, num golpe de ansiedade, um estôjo nas mãos delicadas. Dentro dêste, magnífico anel de ouro, com pedra de turmalina, era apresentado por um cartãozinho, com os dizeres gravados: "Como lembrança do primeiro aniversário de casados. Antenor!"

Foi o suficiente para ela transigir, capitulando à realidade dos fatos, e tentar a justa reconciliação. O presente fôra a escusa muda da minha demora. Devia concluir: — "Êle ainda me ama! Nunca se esqueceu de mim!"

Ália, agitada, partiu a meu encontro, banhada em lágrimas. Seus gritos aflitos repercutiram em meus ouvidos:

— Antenor! Antenor! Perdoe-me, perdoe-me, sim? Fui uma inconsciente!

Venci, finalmente, depois de grandes decepções, a tremenda batalha do amor, o meu drama íntimo. O meu plano fôra talhado e moldado com mestria. Liberto, tive de perdoá-la! Beijá-la, também, efusivamente, com uma vontade imensa, nos seus lábios sensuais. A felicidade voltava depois de longa ausência, viria morar eternamente conosco.

Hoje, ela nos consome, arrebata as nossas vidas. Às vêzes até fico a meditar como devem existir milhares de sêres infelizes pelo universo. A humanidade é bem desproporcional nos sentimentos. Enquanto tantos homens desposam mulheres infiéis eu atesto, orgulhoso, os predicados elogiáveis de Ália. O céu mandou-me esta mulher!...

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

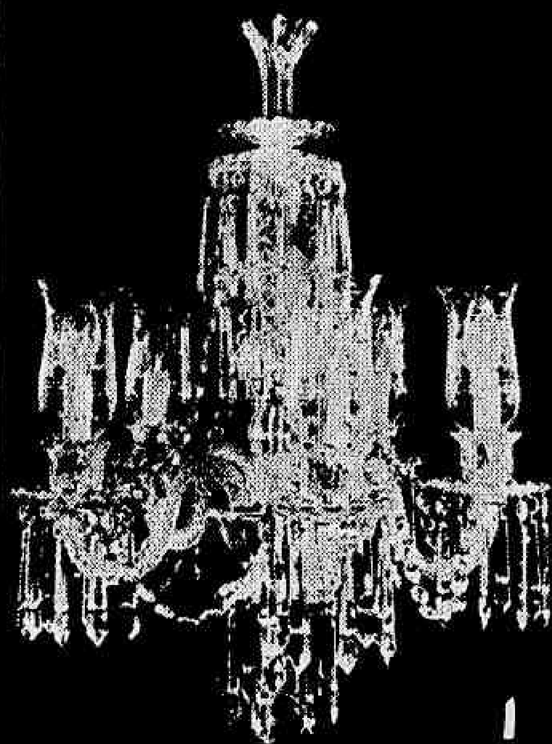
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

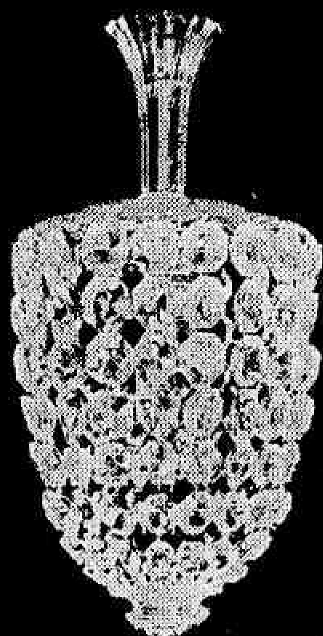
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

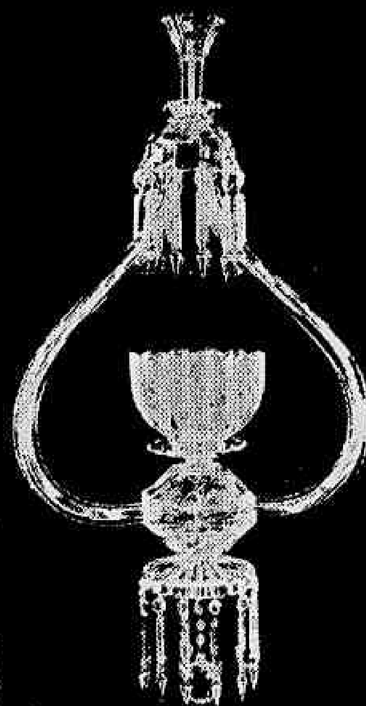
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

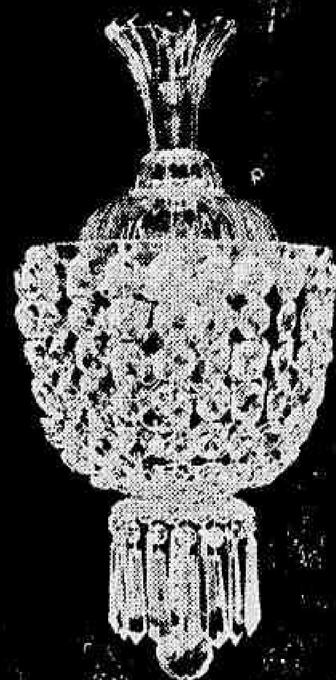
GALERIA SÃO PEDRO

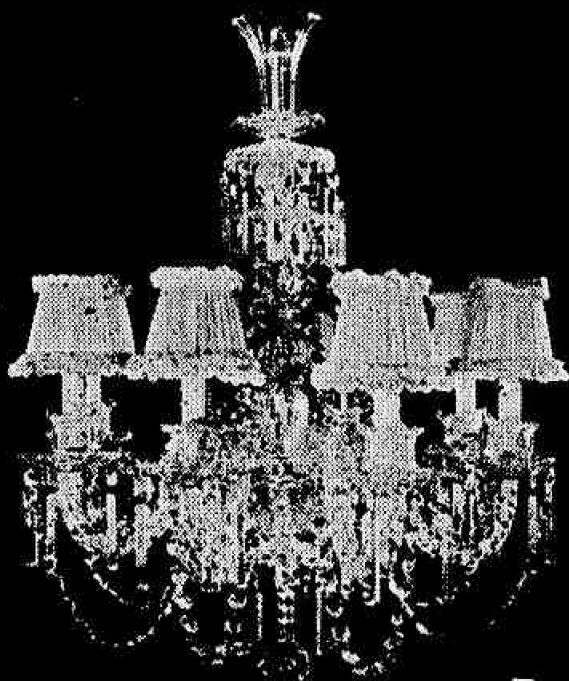
AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428

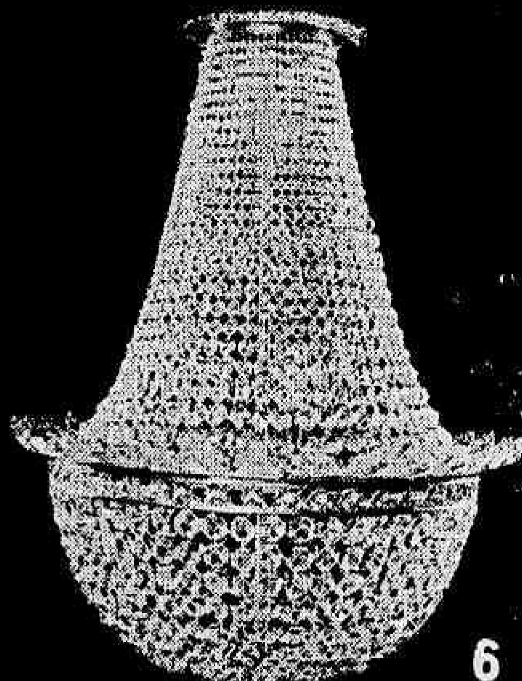

1


2

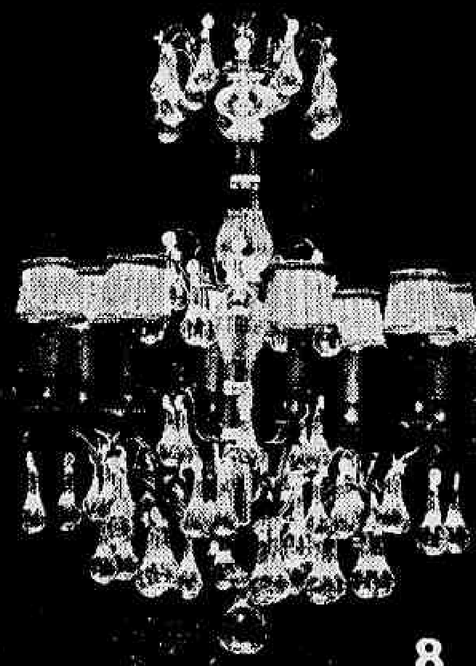

3

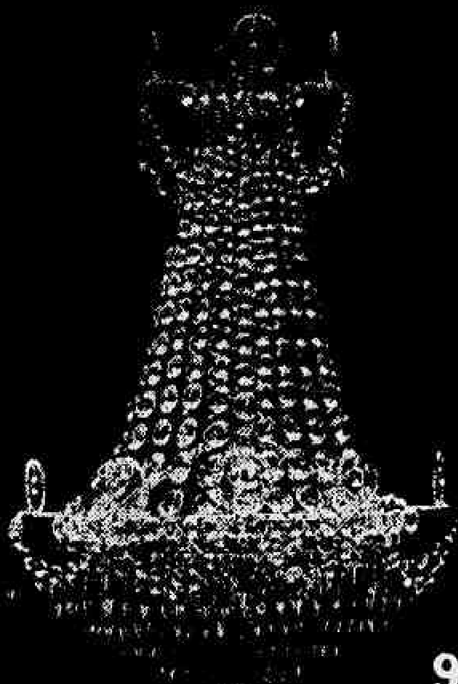

4

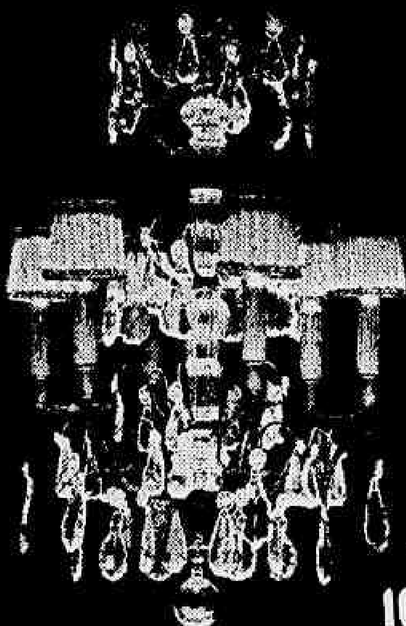

5

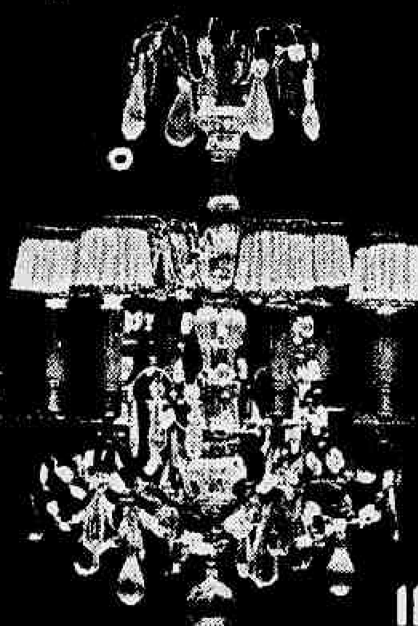

6


7


8


9


10


11

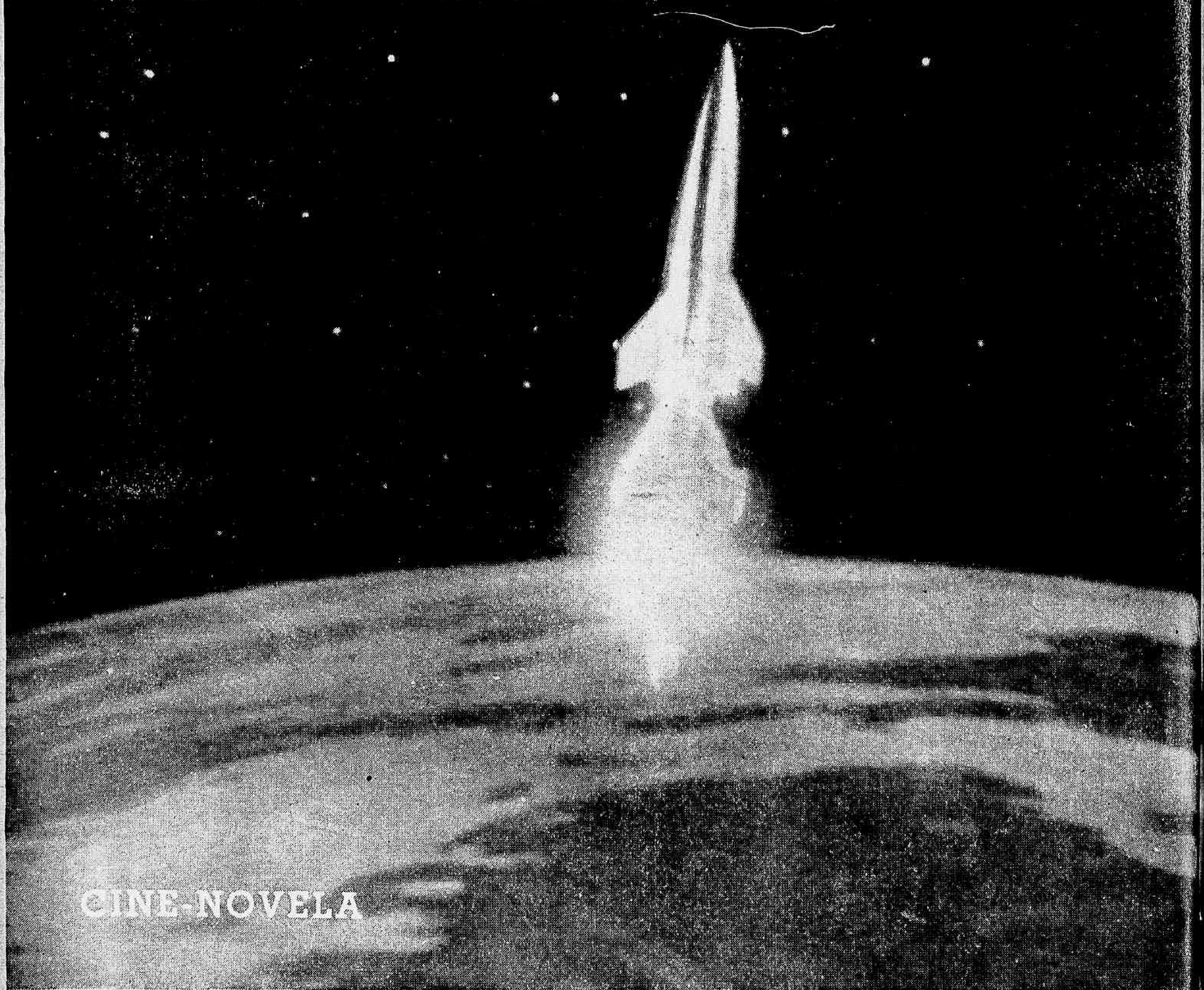

12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFICIOS, HOTÉIS, ETC.

Nao compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

O FIM DO MUNDO



O Dr. Bronson, eminente cientista do Observatório de Monte Kenna, na África do Sul, faz a estarrecedora descoberta de que a estrêla "Bellus" e o novo planêta "Zyra" rumam em direção à Terra, numa velocidade de milhares de quilômetros por hora, prevendo-se pois que, num máximo de nove meses, o planêta passará rente ao nosso mundo, provocando furacões, terremotos e incêndios e, dezenove dias depois, quando a estrêla "Bellus" colidir com a terra, haverá a destruição de tudo.

Um aviador, que faz a linha da África do Sul, Dave Randall, recebe a incumbência de ir aos Estados Unidos levar um relatório da descoberta ao mundialmente famoso astrônomo do Observatório de Nova York, professor Hendron. Randall é recebido pela amável e bonita filha do professor, que o leva ao gabinete do pai. Êste, após receber o documento e comprovar os resultados, chega à conclusão de que o outro astrônomo tinha razão.

Dias depois chegam a Nova York o Professor Frye, diretor do Instituto de Tecnologia de New England, e o próprio Dr. Bronson, os quais, juntamente com o Professor Hendron, levam ao Comité das Nações Unidas a comunicação do estranho fenômeno, fazendo ao mesmo tempo um veemente apêlo para que enérgicas e urgentes medidas sejam tomadas para amenizar os terriveis efeitos do cataclismo iminente.

Mas os componentes daquela assembléia internacional se mostram céticos e indiferentes, preferindo dar crédito ao cientista Ottinger, que afirma ser destituida de base e inteiramente absurda a pseuda descoberta feita a respeito de "Bellus" e "Zyra".

A imprensa, de um modo geral, não leva a sério a advertência alarmante do Dr. Bronson; alguns jornais chegam mesmo a fazer humorismo em tôrno das pesquisas e observações do Sr. Bronson. Entretanto, se bem que em pequeno número, algumas pessoas ficam impressionadas com a terrivel descoberta.

O Dr. Bronson afirma que há vegetação no planêta "Zyra", o que faz supor a possibilidade de entes hu-

(When Worlds Collide)

Elenco:

Dave Randall	*RICHARD DERR*
Joyce	*BARBARA RUSH*
Tony	*PETER HANSON*
Stanton	*JOHN HOYT*
Dr. Hendron	*LARRY KEATING*
Julie Cummings	*JUDITH AMES*
Dean Frye	*STEPHEN CHASE*
Harold Ferris	*FRANK CADY*
Dr. Bronson	*HAYDEN RORKE*
Ottinger	*SANDRO GIGLIO*
Estudante	*MARY MURPHY*

Produção de George Pal. ★ Direção de Rudolph Maté. ★ Côres por Technicolor. ★ Screenplay de Sidney Boehm. ★ Baseado numa novela de Edwin Balmer. ★ Apresentação da Paramount







manos poderem viver em suas terras. O Professor Hendron sugere, então, que seja construído um gigantesco "avião-foguete", para atingir o planêta quando o mesmo passar próximo à Terra. Como passageiros e carga seguirão 44 pessoas, vários casais de bichos e tôdas as espécies de sementes, numa verdadeira versão modernizada da Arca de Noé!

O multimilionário Stanton, cujo mundo se confina a uma cadeira de rodas, devido a um ataque de paralisia que lhe tolheu os movimentos, prontifica-se a fornecer os recursos pecuniários que possibilitam a construção do navio-aéreo.

Enquanto isso, a filha do Professor Hendron, a encantadora Joyce, se vê diante de um dilema: atender ao pedido do seu noivo, Dr. Tony Drake — que deseja casar imediatamente, ou levar em consideração as juras de amor feitas por Randall, que se confessa apaixonado por ela.

Num ponto próximo a Nova York, no tôpo de um monte, trabalha-se dia e noite, numa frenética luta contra o tempo, para aprontar o mais rápido possível o arrojado transporte interplanetário. Centenas de homens e mulheres labutam sob as ordens diretas de Joyce e seu pai, tratando de mil e um pormenores, inclusive a preservação de documentos históricos.

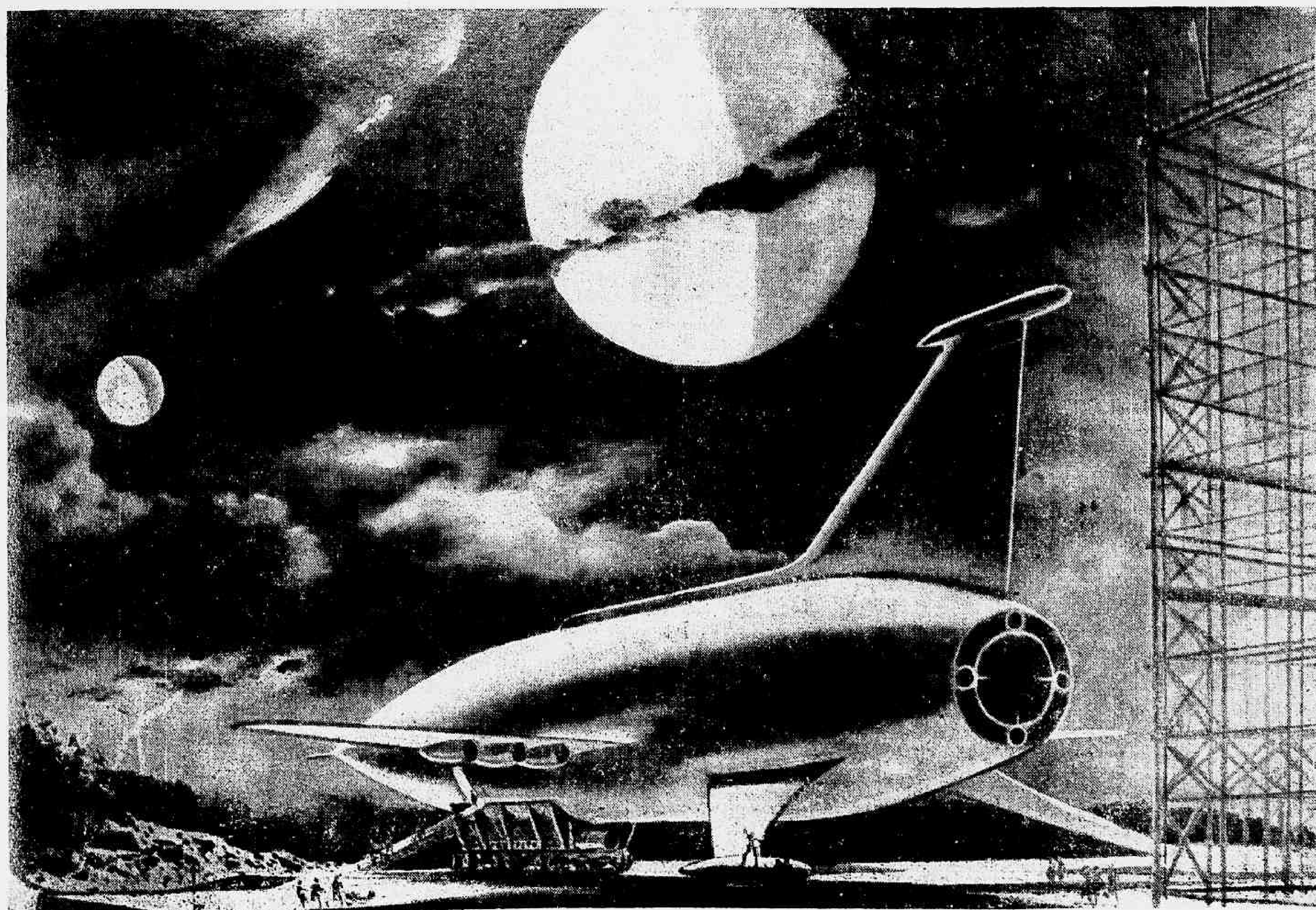
À medida que os dias passam, o Dr. Tony Drake se vai convencendo de que Joyce está retribuindo as demonstrações de afeto de Dave. Mas, em vez de ficar irritado, encara os fatos com esportividade, e continua a trabalhar em comum com os dois.

Tal como Bronson e Randall haviam previsto, a aproximação do planêta Zyra convulsiona o globo terrestre, registrando-se terremotos, ciclones e inundações nos mais diversos pontos do mundo. O próprio Bronson vem a ser vítima da tragédia, perdendo a vida quando um enorme guindaste, deslocado pelo tremor, cai em cima dêle.

Redobram-se os esforços para a rápida conclusão dos trabalhos do "avião-foguete". Providências são tomadas para a realização do sorteio que decidirá quais as pessoas que, além de Hendron, Joyce, Tony, Frye e Stanton, deverão seguir rumo ao mundo desconhecido.

Dave pondera que êle não é melhor do que qualquer um dos outros, devendo, portanto, entrar no sorteio. Mas Tony, não ignorando a felicidade futura de Joyce, que dependerá da viagem normal do aparelho até ao seu destino, faz ver a todos que Dave é o único pilôto capaz de substituir Frye, que está impossibilitado de assumir o comando devido a uma lesão cardíaca.

Stanton e Hendron, por sua vez, perdem a vida quando tomam a providência final para a ascensão do avião, Hendron preferindo ficar e impedindo Stanton de fazê-lo. O navio aéreo levanta vôo em direção a um mundo novo, onde começará uma nova civilização, enquanto que a terra é destruída num inferno de fogo e sangue!





A "REVISTA DA SEMANA"

PUBLICARÁ NA "EDIÇÃO DE NATAL", COMPLETA REPORTAGEM FOTOGRÁFICA SÔBRE O

Encerramento do Ano Santo em Fátima

AS COMEMORAÇÕES NA COVA DA IRIA ★ A PRESENÇA DE UM MILHÃO DE PEREGRINOS JUNTO À CAPELA DAS APARIÇÕES ★HISTÓRICO DO MILAGRE DOS TRÊS PASTORES ★ A ORIGEM DESSAS APARIÇÕES ★ RELATO DE TUDO QUANTO SE DIZ A RESPEITO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

SERÁ ISTO SEXO FRÁGIL?

(Cont. da pág. 17)

advertência de Bertrand Russel: só há imoralidade onde existe mistério. As velhas concepções cederam ao impulso de sinais opostos, mas ainda se recorda o romantismo que animava os poetas ao canto da anemia da mulher, da palidez das madonas, das olheiras roxas das sinhàzinhas, do ar murcho das matronas, da fisionomia envelhecida na verdura dos anos. A mulher não tomava sol. Vivia para a clausura dos conventos e das alcovas. Aquele tempo, a moda era inimiga da saúde. Afogava-se o corpo da donzela dentro do figurino padronizado. Para obedecer ao "puff" torcia-se a espinha. Para satisfazer às botinas à Luis XV, desconjuntava-se o pé. Para seguir o "chic" das cintas baixas, destruia-se o busto. Como farpeou Ramalho Ortigão, a donzela parecia flor apertada entre duas fôlhas de livro. Quanto mais tímida a mulher, mais afoito o homem.

Indagamos em seguida do Sr. João Lyra Filho se a mulher teria aproveitado a lição da cultura física.

— O desporto ensinou-a a matar a timidez própria e a matar a afoiteza do homem, nivelando-os na base do respeito mútuo e do entendimento consentido. O desporto cultivou a beleza da mulher, incorporando-a ao movimento da vida, adestrando-a para os embates que a vida oferece aos que semeiam a ambição do êxito. O desporto integra a mulher no domínio de sua própria personalidade, dando-lhe ereção no andar, alegria aos olhos e plenitude ao porte, sem furtar-lhe os atributos de candura ou recato. O desporto ensina a mulher a confiar em si mesma. Afrânio Peixoto tinha razão quando dizia: "A educação física é mais necessária à mulher que ao próprio homem. A passividade gera o tédio e anima o vício. Há mais graça, mais beleza, mais festa, mais vida na mulher que faz a cultura ao desporto, indiferente às simulações, às fraudes, às torpezas que lhe abriram leito às provações recolhidas na história dos séculos anteriores."

Finalmente, perguntamos como consideravа os puritanos, que temem a presença da mulher nas atividades desportivas, ao que o nosso entrevistado comentou:

— Bem sei que muita gente ainda não concede ao desporto a função social que vai crescentemente exercendo, no plano mais vivo e mais direto da vida. Mas, não me custa estar tranqüilo ante a certeza de que se apoucará o trabalho dos que fazem estatísticas de crimes, quando tôdas as mulheres possuírem uma consciência desportiva. Nas causas mais profundas dos crimes reponta a ignorância da mulher em face da vida, em face dos ardis dos homens, em face das misérias e das surprêsas que elas estão longe de admitir, enquanto não se comunicam com a vida social, livre das convenções, dos preconceitos, dos artifícios, dos engenhos da hipocrisia e das mentiras convencionais. A mulher não ensinaria o homem a amar, se não aprendesse a amar-se.

BRILHAM AS ATLETAS

Tudo isso vem a propósito da olimpíada feminina, que os nossos colegas do "Jornal dos Esportes" realizaram êste ano pela terceira vez. O certame obteve um êxito que superou à expectativa dos próprios organizadores, segundo declarações do veterano cronista Melo Júnior à nossa reportagem.

48 EQUIPES COMPETIRAM

Mais de mil atletas, num total de 2.500 inscrições em diversas modalidades, constituem um atestado bem eloqüente do interêsse que o desporto vem despertando entre o sexo feminino. Nada menos que 48 equipes participaram da maior parada desportiva da mulher. Estiveram em ação 32 equipes de clubes, sendo duas de São Paulo e uma do Paraná. Dezesseis conjuntos representaram os colégios inscritos, sendo que de Belo Horizonte veio a equipe de voleibol do Ginásio Municipal, sem nenhum auxilio governamental. E' interessante ressaltar que o dirigente da parte esportiva dêsse educandário da capital mineira é um padre, que aliás não acompanhou a equipe, mas permitiu que as suas pupilas participassem dos "Jogos da Primavera", numa prova eloqüente de que até a Igreja hoje concebe a função social do desporto em relação à mulher.

A MULHER JÁ PRATICA TREZE ESPORTES

Durante dois anos foram disputadas nada menos que onze modalidades. Êste ano, além do atletismo, basquetebol, voleibol, tênis, tênis-de-mesa, hipismo, esgrima, vela, remo e ciclismo, mais duas novas provas foram incluídas no calendário: o arco e flecha e o barco a motor. Incluiu-se, também, na contagem de pontos, o desfile, vencido pela representação do Flamengo, e a competição das torcidas no setor colegial, ganha pelo Instituto de Educação Carmela Dutra, além do certame pela

NATAL

prêmios maiores:

10 MILHÕES
5 MILHÕES
3 MILHÕES
2 MILHÕES
1 MILHÃO

LOTERIA FEDERAL



Limpa e embeleza a cútis. Dá maravilhosa brancura e explendor de juventude.



CREME
RUGÓL

MANTEM EM SEGREDO SUA IDADE!



A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem **firmeza, use BÉL - HORMON** nº **1; e quando fôr ao contrário,** demasiadamente **volumosos, use** BÉL-HORMON **nº 2. BÉL-HORMON,** à base **de hormônios é um** preparado **modernissimo, eficiente** de aplicação **local e resultados** imediatos. **Adquira-o nas farmácias** e drogarias **ou pelo Correio.**



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade **Farmacêutica Quintino** Pinheiro **Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.**

Soc. **Farmacêutica Quintino Pinheiro** Ltda. — **Queram enviar-me** pelo **Reembôlso Postal um vidro** de **«BÉL-HORMON» Nº** ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço **para todo o Brasil Cr$ 50,00**

escolha da Rainha dos Jogos da Primavera, em que triunfou a colegial Marta Abdala, do Anglo-Americano. Como se verifica, expande-se a mulher no campo esportivo. No ano próximo, que novos esportes disputará?

VERDADEIRA GUERRA

A competição dos diversos esportes teve um transcurso normal, mas com a concepção inteiramente de guerra. Havia tal interêsse dos clubes, colégios e atletas, que todos se empregaram a fundo pela vitória, mais do que em qualquer campeonato oficial. O calendário, traçado com três meses de antecedência, foi cumprido à risca, o que atesta a organização das provas, evidenciando o progresso do desporto feminino. O Fluminente, clube padrão no esporte nacional, tomou os «Jogos da Primavera» tão a sério que já os incluiu em seu calendário e quando o tricolor das Laranjeiras assim procede, o fato é sintomático.

FLA-FLU DE EVAS

A guerra chegou a tal ponto, que o pitoresco de todo o transcurso dos Jogos foi o sensacional duelo Fla-Flu. Depois do clássico do futebol, tivemos o clássico do desporto feminino. Foi uma verdadeira guerra entre o Flamengo e o Fluminense, nas quadras e entre os torcedores. A mais empolgante competição do Fla-Flu foi o jôgo de basquetebol. O rubro-negro chegou a mandar vir de São Paulo as estrêlas do Sírio para integrar o seu conjunto, ao passo que a equipe do Fluminense preparou-se durante dois meses para esta disputa.

PROGRESSO DA MULHER

Indagamos dos organizadores se verificaram progresso técnico da mulher desportiva nos Jogos de 51, e a resposta de Melo Júnior, o principal responsável pelo andamento da olimpíada do sexo fraco, foi esta:

— Sensível melhoria no basquetebol, voleibol e remo, principalmente nesta última modalidade, pois parecia uma regata de homens. O certame ultrapassou a tôdas as expectativas. Houve esportes onde o número de concorrentes aumentou em cem por cento, donde se conclui que a mulher se está interessando cada vez mais pelo desporto.

Depois de tudo que escrevemos podemos perguntar ao leitor: Será isso sexo frágil?

Respostas ao teste

1 — O mesmo que fantasma.
2 — Báculo.
3 — Gramínea.
4 — Bandarilha.
5 — Banzo.
6 — Aos adultos.
7 — Cabido.
8 — Limpar.
9 — Bíblia.
10 — Eclíptica.
11 — Bento Teixeira.
12 — Regular.
13 — Escribas.
14 — Sinônimo de palmatória.
15 — O petrificado pelo tempo.

O preço desta revista é o que está marcado na capa. Os agentes recebem com desconto para que o preço seja respeitado.

LAUREANO NUNCA FOI PAI

(Cont. da pág. 7)

anunciou vir ao Rio botar falação nos jornais, à guisa de cartaz (e que cartaz torpe!), a viúva teve de confessar a verdade, a mesma que já havíamos noticiado, isto é, que a garôta não é sua filha. E o fêz ainda parcialmente. Isso se explica devido ao seu afeto maternal para com o anjinho a quem sempre chamou de MINHA FILHA.

Essa luta contra a verdade, contra o direito e contra o coração, mesclada de dissabores e contrariedades, fêz D. Marcina perder oito quilos. Somando com mais doze que já havia perdido, perfazem vinte quilos. Quem a viu, moça, bonita e rosada, com as faces parecendo duas romãs, e quem a vê, agora, magra, pálida, cadavérica, fica horrorizado. Aliás, diga-se de passagem, os seus pulmões estão enfraquecidos e seu corpo está se transformando em chagas, com aparecimento de tumores.

— "E' preciso fazer cessar o sofrimento dessa mulher!" — recomenda o seu médico.

E como meses atrás, estivemos no apartamento do Flamengo, com o Dr. Laureano, agora, também, estamos com a sua espôsa, D. Marcina, exausta, sentada numa poltrona, tendo ao colo a filha que dorme, fala, pausadamente, para o repórter:

— Seja tudo como Deus quiser. Depois da morte de meu marido, como não se podia esperar outra coisa, além de gravemente doente eu fiquei num estado de covardia extrema. Não me sentia com coragem de enfrentar a vida sem êle, até ao dia em que vi a necessidade de reagir, pois tinha uma filha para criar e ela realmente precisa de mim. E o ideal de meu marido nunca devia morrer. Cabia a mim, portanto, uma grande responsabilidade moral no prosseguimento da campanha...

"No dia onze de julho, 41 dias após a morte de meu marido, eu ouvi de minha mãe quase que uma palavra de censura: "Minha filha, você precisa reagir e vencer; eu também sou viúva, mas sou mãe; onde você viver eu estarei ao seu lado." Foi quando senti que tinha um apoio moral em minha vida.

"Mas aconteceu que poucas horas depois eu perdia minha mãe, um irmão e uma sobrinha num desastre de aviação. Perdia, justamente, as pessoas com quem ia morar.

"Aprendi de minha mãe, que foi mãe doze vêzes, a necessidade de prosseguir na luta. Daí vim para o Rio, onde assumi o meu emprêgo como escrevente juramentada da Justiça do Distrito Federal e ao mesmo tempo conti nuei na campanha contra o câncer.

"Agora, quando tudo parecia calmo e que minha quota de sacrifícios e sofrimentos já tinha sido dada, mais um golpe surge, com a notícia da impugnação do registro de minha filha.

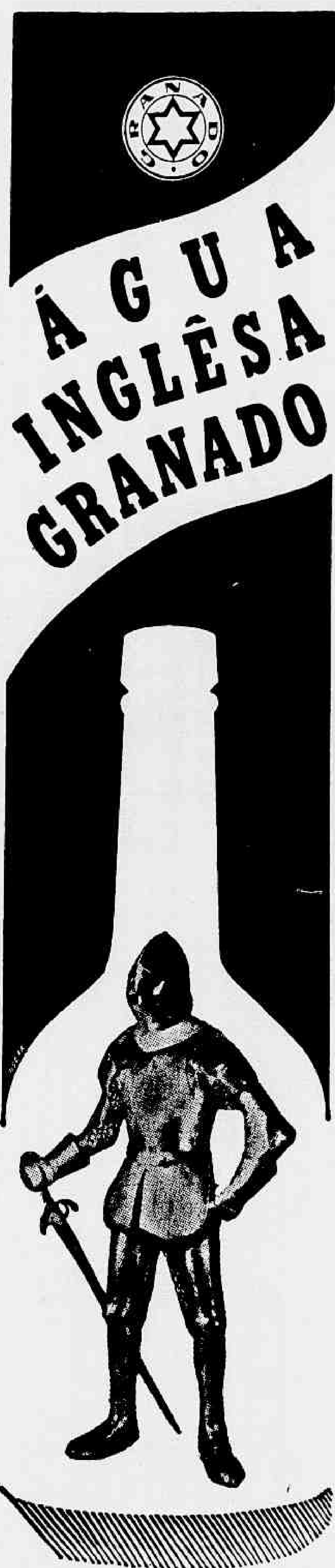
"Seja tudo como Deus quiser... Talvez isso seja para mais uma prova de minha fé. Meu fim será num convento..."

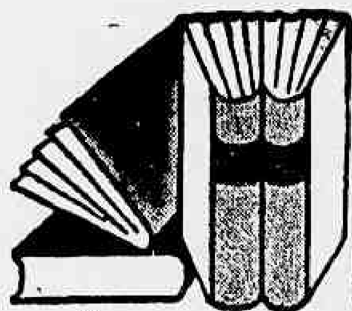
E, em êxtase, com as mãos postas, olhando para cima, exclama:

— "Mas, minha fé continua cada vez mais firme, graças a Deus. Depois de minha morte a biblioteca de Laureano ficará para a Faculdade de Medicina de João Pessoa...

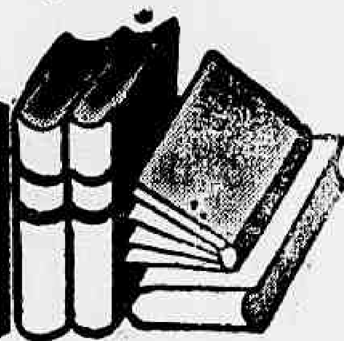
Nos olhos fundos as olheiras arroxeadas. A fraqueza invadia-lhe o corpo esquálido. Recostou-se na poltrona, suspirou fundo, e instantes depois D. Marcina dormia.

A noite ia alta. Antes de se retirar o repórter admirou o quadro maravilhoso: duas vítimas do destino: — **a Inocência dormindo no regaço da Mater-Dolorosa.**





SEMANA LITERARIA



ÁLBUM DE FAMÍLIA

RUI RODRIGO FERNANDES nos deu, com "Caminho de Poesia", um dos principais acontecimentos do ano poético de 1951. O livro, recentemente publicado, não trouxe a público um estreante, nem no sentido material da publicação de versos, nem no translato, geralmente usado, quando se trata de poeta ainda não seguro de sua arte e de sua vocação. Pelo contrário, "Caminho de Poesia", sendo um primeiro livro, nos trazia de volta um poeta que antes conhecêramos, na "Antologia" de novos poetas organizada por J. G. de Araújo Jorge, há tempos. E, de igual maneira, nos deu o poeta feito, já livre de tôdas as incertezas, um verdadeiro poeta — como dissemos ao falar de seu livro. Rui Rodrigo Fernandes é um poeta carioca. Talvez possamos sentir isso nos seus poemas, onde a paisagem ocupa lugar exíguo, sendo acentuadamente urbana, no sentido de que superou êsses motivos ornamentais e exteriores, concentrando-se, interiorizando-se. Nem o espetáculo citadino, a não ser episòdicamente, interessa a êste poeta — e, nisso, está, ainda, sua condição de poeta metropolitano, não sensível aos aspectos tumultuários da civilização, tão gratos aos poetas provincianos, espantados diante da cidade grande. Mas, Rui tem uma vida rica de experiências, havendo feito o curso de bacharel e servido como promotor no interior do país, depois advogando. Em seus caminhos pelo mundo, antes de encontrar o CAMINHO DA POESIA — talvez ao mesmo tempo que o ia encontrando — foi, inclusive, êste poeta urbano, metropolitano e moderno, proprietário de uma garagem de automóveis. Não parece que Rui Rodrigo Fernandes freqüente rodas literárias, nem cultive a parte mundana da literatura: antes, êle nos dá idéia de um solitário, de um arredio, com o alto e silencioso respeito da poesia, de forma alguma vendo na literatura aquêle falado "sorriso da sociedade". Há um verso seu, o primeiro do poema "Certeza", que diz muito dêle: "Solitário ficarei"... e em outro início de poema (Poema da hora neutra) êle se fixa com maior nitidez ainda:

"Há um homem sòzinho
na curva longa
de um estádio vazio".

Eis aí, um breve carvão do poeta que, êste ano, nos trouxe uma das mais emocionantes revelações.



RUI RODRIGO FERNENDES

EDMUNDO LYS

Poema

Enquanto a criança pede ao homem
a verdadeira imagem de Deus,
um cavalo se afasta na praia,
uma árvore se perfura na areia,
uma casa se transforma em demônio,
um poeta esquece a bôca de todos os mortos no lençol.
No princípio,
ninguém sabia que diferença havia
entre a lâmpada, o livro e o aquecedor.
O céu, entretanto,
voltou saturado de nuvens vermelhas.
A mulher caminhou pelo caminho mais longo.
A floresta serviu de refúgio a todos os covardes.
E o cavalo para sempre da praia se afastou.

REYNALDO BAIRÃO (Do livro inédito: «O Tempo do Cansaço»)

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

ANUNCIA-SE, para muito breve, o aparecimento de uma revista de divulgação de assuntos folclóricos. A referida publicação será o órgão oficial da Comissão Paulista de Folclore.

★

INFORMA o tradicional matutino «Correio Paulistano»: «Com um livro do romancista laureado Paulo Dantas, a Melhoramentos iniciará uma série de biografias escritas para a juventude. O biografado é Farias Brito».

★

A NOVA diretoria do Instituto Brasileiro de Filosofia ficou assim constituida: Presidente, Miguel Reale; vice-presidente, Horácio Lafer; primeiro secretário, Renato Cirell Czerna; segundo secretário, João de Scatimburgo; diretor de publicações, Cândido Mota Filho; diretor de cursos e conferências, Roland Corbisier; tesoureiro, Alexandre Corrêa.

★

O GRANDE homem de teatro que é Ziembinski foi homenageado, logo após a estréia de «Harvey», no Teatro Brasileiro de Comédia. Compareceram à merecida homenagem: Cacilda Becker, Maurício Barroso, Guilherme de Almeida e sra., René Thiollier e sra., Franco Zampari e sra., Rui Afonso Machado, Sérgio Cardoso, Elizabeth Henreid, Maria José de Carvalho, Darcy Penteado, Matos Pacheco, Waldemar Wey, Clô Prado, Bollini, Adolfo Celli, Luciano Salce, Nídia Lícia, Ludy Veloso, Armando Couto, Sérgio Brito, Mário Sérgio, Tônia Carrero, Carlos Thiré, Célia Biar, Fred Kleemann, Décio de Almeida Prado e sra., Delmiro Gonçalves, Alfredo Mesquita, Marina Freire, Reynaldo Bairão.

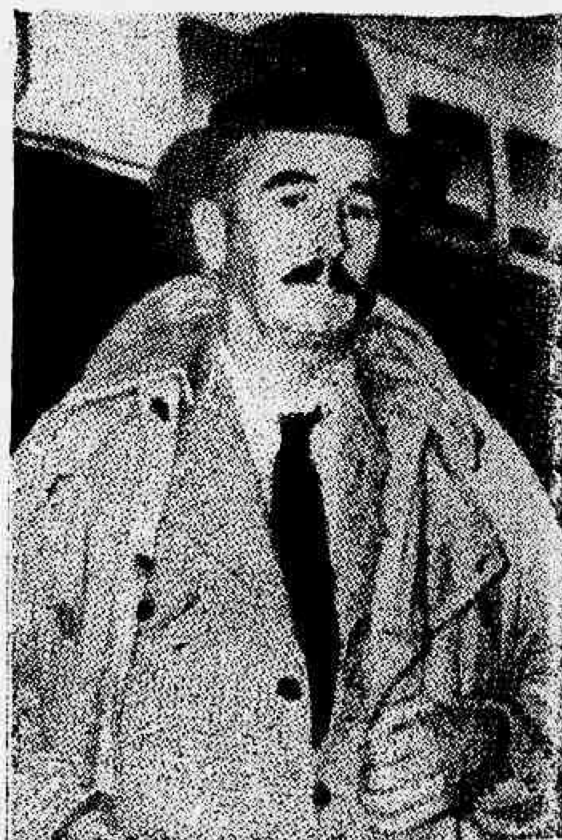
★

SAIU MAIS um número da revista de alta cultura, dirigida pelo escritor Paulo Duarte, «Anhembi».

★

DA CIDADE de Marília, chega mais um número do jornal literário «Caiçara», publicação organizada por jovens escritores daquela localidade. Êste último número é o quinto da coleção.

UM ROMANCISTA



William Faulkner, o escritor americano recentemente laureado com o prêmio Nobel, vem de publicar uma nova obra — «Requiem for a Nun», uma narrativa em forma teatral, dividida em três atos. São, também, três histórias reunidas pelo clima de tragédia que as envolve. O livro foi recebido com grande entusiasmo pela crítica americana.

NA POEIRA DOS ARQUIVOS

★ EM ADMIRÁVEL conferência no Gabinete Português de Leitura, provou Goulart de Andrade que Milton se inspirou muito nos «Lusíadas», para escrever o «Paraiso Perdido». Inspirou-se, igualmente, na «Semana da Criação», de du Bartes e no «Adão exilado», de Hugo de Groot. Vejam a nota de Basílio de Magalhães à página 30 de «Villegagnon», de M.T. Alves Nogueira, versão de Rodolfo Coutinho; Espasa, Rio, 1944.

—

★ MUITOS ensinamentos contém «As fontes da História do Brasil na Europa», brochura de José Honório Rodrigues, Rio, 1950. **Assim é que** diz a página 11: **«Em Portugal as principais instituições com material** sôbre o Brasil são o **Arquivo da Tôrre** do Tombo e o **Arquivo Histórico** Colonial. Seguem-se em importância a Biblioteca e Arquivo da Ajuda, a Biblioteca de Évora, a Biblioteca Municipal do Pôrto, a Biblioteca Nacional de Lisboa, etc.

De Teatro

ESTÁ SENDO anciosamente esperada como o grande acontecimento dêste fim de ano, a apresentação de "A Dama das Camelias", no Municipal, com Cacilda Becker. Não sabemos se, ao sair esta notícia, a peça já terá sido representada. Entretanto, queremos registrar aqui o ambiente de interêsse e simpatia com que se aguardou a apresentação.

★

PARECE que será mesmo Dulce Rodrigues o prêmio de revelação dêste ano. De justiça, pois a linda intérprete de "A Valsa Nº 6", pisando o palco pela primeira vez, estêve à altura do original de sérias dificuldades assinado por Nelson Rodrigues e ensaiado, com mestria por Madame Morineau.

★

JAIME COSTA está renovando, em São Paulo, o êxito que marcou aqui com "A Morte do Caixeiro Viajante".

A SOMBRA DAS RAPARIGAS EM FLOR



MARCEL PROUST

A Editôra Globo acaba de publicar o segundo volume do romance cíclico de Marcel Proust intitulado «Em Busca do Tempo Perdido». Êste novo tomo, «À Sombra das Raparigas em Flor», possibilita ao público de língua portuguêsa, o prosseguimento da leitura dessa obra monumental.

Com a originalidade do gênio, Marcel Proust foi um dêsses espíritos que produzem coisas absolutamente novas. Opiniões as mais diversas são expendidas a respeito de sua categoria como romancista — desde as que o colocam acima de Balzac, dando-o como o gênio do romance francês e o maior escritor da moderna literatura européia, até às que mais o têm por psicólogo que romancista. Mas nenhuma lhe nega uma visão de tal modo nova que torna a sua obra diferente de tôdas as outras. Assim, entramos nas páginas de «Em Busca do Tempo Perdido» como num reino inteiramente fora do comum. A obra, que consta de sete romances, pode comparar-se a uma sinfonia. Os grandes temas, surgidos desde o início ou apenas insinuados aqui e ali, são mais tarde retomados e desenvolvidos inteiramente, dentro da unidade do conjunto para o qual contribuem. Grande psicólogo, Proust é também um grande escritor e, sobretudo, artista. Seu problema foi salvar alguma coisa do fluxo do tempo, transmudar para a eternidade da arte aquilo que tinha vivido, observado e até esquecido. Para isso, havia, por certo, a memória; mas esta coleciona mais do que unifica e nos dá apenas um amontoado de fragmentos esparsos e dissemelhantes. Proust resolveu o problema por meio de uma experiência essencialmente mística, pela descoberta de que para êle era possível uma memória diferente da comum. Assim, por meio de uma extraordinária série de aventuras psicológicas, o passado é finalmente recapturado — não apenas lembrado, mas totalmente evocado e torna-se, no processo, Arte.

Quanto a êste segundo volume, merece especial referência a esplêndida tradução de Mário Quintana. A propósito da tradução de «No Caminho de Swann», também devida à pena do admirável poeta gaúcho, assim se manifestou a autorizada ensaísta que é Lúcia Miguel Pereira.

«Confesso que fui cética quando soube que se preparava em Pôrto Alegre a tradução de Proust, tanto me pareceu difícil o trabalho de transpor para o português, sem prejudicá-lo, o romance todo tecido de sutilezas, no qual cada frase, cada vocábulo se desdobra em sugestões e é essencial à harmonia do conjunto. Pois dela se desincumbiu com admirável senso de adaptação ao espírito da obra o poeta Mário Quintana. Quem ler Proust na sua tradução não perderá do original senão aquilo que é absolutamente intraduzível.»

Os mesmos conceitos se podem aplicar à versão de «A Sombra das Raparigas em Flor», romance completo em si mesmo, mas que faz parte de um conjunto mais amplo integrado pelas seguintes obras: «No Caminho de Swann», «À Sombra das Raparigas em Flor», «O Caminho de Guermantes», «Sodoma e Gomorra», «A Prisioneira», «Albertina Desaparecida» e «O Tempo Encontrado».

Fora do Prelo

O LIVRO DA SEMANA

HISTÓRIAS DA CIDADE MORTA

JOSÉ CONDÉ nos dá com êste livro de contos (Edição "Jornal de Letras", Rio, 1951) uma das obras mais importantes dêste ano literário prestes a findar. O ficcionista de "Caminhos na Sombra" (novelas) e do romance "Onda Selvagem", publicados, respectivamente, em 1946 e 1950, experimenta agora o conto e o realiza com brilho e mão segura.

O que marca, de início, nos seus contos é a originalidade. Uma originalidade de tratamento, mais que de assuntos. Mas, a principal qualidade do livro, onde as várias histórias se reduzem ao denominador comum da "cidade morta", é a atmosfera. Mais do que a unidade externa, topográfica, estas histórias possuem a interna, a da atmosfera que surge delas e mergulha seus episódios e figuras nessa névoa comum, tão expressiva do meio espiritual do autor, vago, amorfo, fantasmagórico, diluído na lembrança, de contornos esfumados, de lineamento fugaz e impreciso. O interessante é que essa condição não monotiza o livro, antes, criando-lhe clima uniforme, deixa que apareça mais a variedade de suas criaturas, possibilita melhor seus contrastes, os mais insignificantes aproximando-os de nós com grande fôrça e, às vêzes, em um simples detalhe. A interdependência das histórias, artifício hábil, com uma naturalidade extraordinária, se tal podemos dizer, é outro recurso feliz do contista: êle não força essa nota, ela sucede naturalmente, com a volta de um nome, de um personagem, de uma referência topográfica ou urbana. De tal maneira que acrescenta a êsse recurso literário do ambiente, tão bem achado por José Condé.

E aqui é o lugar de reconhecer, neste livro, principalmente os dotes de artífice, do escritor, de construtor, acima dos de criador, de inventor, de ficcionista. Não vale isto por um reparo, tanto que, ainda há pouco, a propósito de outro livro de contos, foi exatamente essa qualidade que apontamos, como indispensável ao escritor do gênero: não basta fazer um bom conto, é preciso fazê-lo bem. Ora, José Condé sabe construir o conto e leva mesmo sua construção a minúcias de fino lavor, inclusive com excelentes descobertas técnicas. Poderíamos querer que nos desse histórias mais ricas de fantasia, mais apaixonadas, mais pungentes, mais nervosas, talvez. Entretanto, no caso particular dêste livro, temos que convir que êle buscou seus temas na "cidade morta" e que, então, os desenvolveu em ritmo mais lento, propositadamente, nos seus meios tons peculiares, localistas, conservando às figuras o relêvo particular delas, isto é, a falta de maior relêvo, físico e dramático, pois que elas são dotadas dessa dramaticidade externa aos personagens, cujo maior drama é realmente o da ignorância do próprio drama.

José Condé não é um escritor fácil, um escritor de primeira leitura. Êle nos obriga, aqui nestes contos, a uma aclimação preparatória. Se é certo que o conto inicial do livro — "O Regresso", nos toma de assalto e nos alicia, os demais não têm a mesma hospitalidade, exigem algum esfôrço por parte do leitor, pela secura da construção, pela quase hostilidade do tratamento, absolutamente indiferente à simpatia do leitor. Uma releitura, entretanto, como é o caso comum dos escritores que fogem à notação poética e que não se solidarizam com seus personagens — é que nos conquista completamente. Então, começamos a ver para além da simples narrativa, tôda a seiva que anima essa gente e toca de vida viva essas paisagens, êsses quadros. José Condé não é um aquarelista, um pastelista do conto. Êle prefere sulcar suas histórias com os corrosivos da agua forte. E como estamos acostumados a muitos anos de conto poético, isso, no princípio, no sarrepia um pouco. Sua técnica sóbria, sua ausência de compaixão, a distância que guarda dos seus heróis criam uma antipatia preliminar. Depois é que aprendemos a ver tudo do seu ângulo — vemos então melhor e ficamos inteiramente seduzidos. Seu mundo se vai inserindo em nós aos poucos, apresentando seus acidentes vagarosamente, mostrando sua gente em câmara lenta. Quando a vista se acostuma ao tom próprio de sua luz, vemos tudo muito bem e êsse mundo se fixa na nossa geografia, adquire movimento e vida, sentido, côr. "Histórias da Cidade Morta, como dissemos, é um dos livros mais importantes dêste ano literário — ao mesmo tempo que é um dos melhores livros de contos aparecidos ùltimamente, sabendo-se que os bons são apenas uma meia dúzia, se tanto.

Edmundo Lys

P R O S A

NABUCO — Em edição da Livraria José Olímpio, aparece êste ensaio de Alceu Marinho Rego sôbre Joaquim Nabuco. E' uma viagem pelos caminhos do espírito de Nabuco, uma explicação do homem interior, combinado com seu papel no cenário nacional, onde foi uma das mais singulares figuras o abolicionista de Recife. Não se trata de um panegírico, mas de um estudo sério em que se focalizam e analisam as falhas do grande homem, encontrando-se, entre outros, a explicação daquilo que se chamou o narcisismo de Nabuco e de sua falta de bravura física. E as restrições aqui feitas, com segura documentação e aguda penetração, não diminuem a figura do homem, nem apoucam a obra que realizou. Completam. Esclarecem.

TERRAS DA SUIÇA — Por gentileza da Livraria Antunes, recebemos «Terras da Suiça», de Augusto Pinto, em primorosa edição ilustrada, (Edições Gama, Lisboa). Trata-se de belo e bem feito estudo sôbre o país, não de simples livro de viagem. Uma obra que juntará ao conhecimento geográfico e paisagístico da Suiça, dados históricos e psicológicos de sua gente, de suas realizações e de sua evolução. Êste é um retrato moral da Suiça, por assim dizer.

RANCHO DAS CRUZES — Enéas de Moura iniciou sua carreira literária, como contista, nas páginas da REVISTA DA SEMANA. Tem, assim, um largo público e, agora, aparece em livro, com boas qualidades para o gênero. Escrevendo com correção, abordando temas cotidianos, narrando episódios da vida real, Enéas de Moura sabe conduzir suas histórias curtas, armar os episódios e concluir em cortes violentos, conforme a melhor arte do conto. «O Rancho das Cruzes» (Edição Epasa, Rio) reune uma dúzia de contos que confirmam o bom nome conquistado pelo autor.

★

UMA PERSONAGEM



Esta é FAITH STOREY, personagem do romance de Anne Crone, «This Pleasant Lea», segundo a imaginou o desenhista Pranas Lape.

TUDO ISTO

Crianças no lixo



OS partos clandestinos assumem, nesta cidade, proporções de calamidade pública. Amôres ilícitos geram condições desaprovadas pela sociedade, e os frutos dêsses ajuntamentos, apressados e sem base legal, tornam a vida ainda mais difícil e insuportável. Nos bairros chiques da cidade, onde há grande número de mocinhas que prestam serviços de natureza doméstica, a safra anual de nascimentos clandestinos, de abortos, de casos previstos em nossa Consolidação das Leis Penais é cada vez mais vaste e alarmante. E não há meio de corrigir-se o descalabro social. Ganhando para manter-se, logo que aparece um filho, essas pobres criaturas se vêem forçadas a abandonar os empregos, pois que os patrões não as querem com bebês. Então, sucede o inevitável: ou a provocação do abôrto, ou a enjeitação do recém-nascido, ou sua morte pura e simples. Neste último caso, o fato assume aspectos revoltantes. Como não podem enterrá-los normalmente, embrulham-nos em trapos ou jornais e deixam em qualquer recanto, na praia, em terrenos baldios. Quando isso não é possível, servem-se de outro meio: depositam os corpinhos recém-nascidos em latas de lixo! Foi o que ocorreu na rua Aires Saldanha, 127, em Copacabana, quando os lixeiros, coletando as latas de resíduos, descobriram o corpo de um recém-vindo à luz do mundo. A RP providenciou a remoção do cadáver para o necrotério. Mas a criminosa continuará sôlta, para, com os malandros, prosseguir na sua faina repelente.

Queria ser mulher



ESTA aconteceu no Ceará. O Sr. João Arruda estava cismando na dificuldade que há hoje para um cidadão ganhar o suficiente para viver com dignidade, e teve uma idéia que lhe pareceu salvadora: passaria a ser mulher. Era muito mais fácil colocar-se como copeira, arrumadeira, cuidar de crianças em casas ricas, do que como trabalhador em qualquer emprêsa dêste mundo. E se assim pensou, melhor o executou. Olívia passou a ser o seu nome. Vestiu-se de mulher, conseguiu ademanes femininos para tapiar, deu um jeitinho na garganta para falar um tanto mais delicadamente, e resolveu a vida da melhor maneira. Mas isso não sucedeu agora, meus amigos, e sim em 1936. Durante quinze anos, "Olívia" conseguiu ludibriar a boa-fé e passou mesmo por mulher. Um primor de simulação. Um dia, porém, "ela" sentiu desejos de ter filhos. Ora, isso era positivamente impossível. Sua vida de solteirona tinha que ser mesmo assim: por fora, mulher; mas, por dentro, homem. Contudo miss Olívia não se apertou. Gostaria de ter uma criança, a quem dedicasse os seus afetos maternais. Já que isso não podia ser, foi a um orfanato e conseguiu obter uma criança para sua companhia. Tudo ia muito bem. Mas, por um motivo qualquer, Olívia foi prêsa e levada à presença da autoridade de Fortaleza. O delegado desconfiou daquela Olívia e forçou-a a confessar. Ela então disse que não era Olívia e sim João Arruda. E teve que voltar às calças. Grande multidão foi ver a metamorfose lá no bairro do Coqueirinho. E isso no Ceará dá pano para as mangas...

Ladrões roubados



A Legação da Áustria, na Av. Atlântica, foi assaltada por ladrões. A imprensa espalhou a notícia, e todo mundo estava crente de que os prejuízos causados àquela repartição estrangeira houvessem sido vultosos. Os gatunos arrombadores de portas e de cofres não executam os seus assaltos para perder tempo e dinheiro. De ordinário, os meliantes preparam durante tempos o plano de assalto, estudando hábitos das futuras vítimas, o meio em que vivem, as possibilidades de boa "renda" em jóias e dinheiro, para então meter mãos à obra, isto é, à gazua. Por isso, quando a imprensa noticiou que os gatunos haviam assaltado a Legação da Áustria, na Av. Atlântica, todo mundo pensou que os delinqüentes se haviam enchido de dinheiro e objetos de valor. Mas nada disso ocorreu. O roubo foi feito com a maior técnica, mostrando que os meliantes eram peritos na arte de roubar. Mas, em verdade, êles é que saíram roubados. Abriram um cofre e, depois de examinar muitos papéis e documentos, só encontraram Cr$ 120,00 (cento e vinte cruzeiros) em moeda corrente da República Brasileira. Que fazer com tão pouca prata? Nem ao menos alguma bonita e preciosa coleção de jóias, de objetos de arte, que lhes valesse como substituto à falta de dinheiro, encontraram na Legação da Áustria. E agora? Meteram aquelas mirradas notinhas no bôlso e se foram decepcionados, maldizendo a hora de tão grande esfôrço e perigo, para tão mesquinho proveito. E, com certeza, êsses gatunos não poderão mais ouvir, de bom-humor, a execução de "Danúbio Azul", pois tudo lhes saiu prêto, na Legação da Áustria...



AS MODAS FEMININAS

têm caprichos esquisitos. Vejam os leitores que penteado «monumental» o que esta bela criatura nos apresenta. E' uma jovem de Las Vegas, Estados Unidos, justamente depois das explosões experimentais da bomba atômica, recentemente. O penteado reproduz a configuração física da bomba a explodir. Segundo notícias de lá, o penteado está causando sensação. A outra foto nos dá esta novidade em matéria de decoração na própria pele, sem ser tatuagem: as damas elegantes de Paris estão recebendo, dos técnicos da casa de beleza H. Ayer, desenhos de pequeninas conchas pintadas no pescoço. E dizem que a inovação produziu rebuliços nos meios elegantes, embora muitos achem que a pérola é muito grande.



ACONTECEU

Os mortos voltam



NÃO se trata de tese espiritualista. Os mortos voltam, às vêzes, para continuar em carne e osso, comendo, bebendo e folgando nos três dias de Carnaval que são quatro: sábado, domingo, segunda e têrça. Mas, morto volta em carne e osso, como? Ressuscitando. Não são poucos os casos de um cidadão morrer, ser colocado no esquife, acenderem velas e fazerem orações por sua alma, e, de um instante para o outro, o defunto abrir os olhos, erguer-se do ataúde e... botar todo mundo para correr. Quedas de coração, longos períodos de respiração imperceptível, catalepsias ou coisa semelhante, têm causado tais fenômenos. Muitos morrem mesmo após essa última olhadela para os que estão chorando; outros, porém, firmam o pé e recuperam a saúde, continuando entre os vivos. Quando perguntam como é "aquilo" por lá, êles nada sabem dizer. Estiveram apenas dormindo, insensíveis, não ouvindo nada. Mas os criadores de fantasias engendram coisas mais ou menos mirabolantes e contam aventuras extraordinárias no outro mundo, provocando exclamações de admiração às pessoas ingênuas. Já houve até dos que viram o trono de Deus. Outros asseveram que viram um pedacinho do céu. Mas ninguém diz que estêve às portas de Belzebu. Tudo isso vem diante do fato ocorrido numa casa de família da rua Luís Bicalho, desta capital, a 12 de novembro. Um cidadão, já sexagenário, morreu e estava o caixão na hora de ser levado ao cemitério, quando alguém gritou: "O morto se mexeu!". Foi a conta: a espôsa, parentes, amigos se alvoroçaram. Compareceu o médico-legista, a polícia, mas o cidadão estava mesmo morto. Mas, muita gente não se conformou: o defunto abrira os olhos.

A sorte do "São Paulo"



NÃO houve repercussão no espírito público quando da venda do couraçado "S. Paulo", como ferro-velho, a uma firma inglêsa. Sòmente os nossos marujos, os homens do mar que serviram na velha e histórica unidade de nossa Marinha de Guerra, se comoveram e muitos tiveram os olhos úmidos de recordações. Era como se se acabasse sua própria casa. Ali serviram, ali lutaram, ali aprenderam a amar a pátria e a defendê-la. Mas a vida de um couraçado não é eterna, e, um dia, lhe é dada a baixa do serviço ativo. Como não é possível levá-lo, inteirinho, como uma relíquia, para algum mostruário de museu, o jeito é aproveitar-se o que ainda contém de útil para outros fins, ou destinos análogos, e vender o resto ao correr do martelo. Foi o que sucedeu com o "S. Paulo". Aberta a concorrência, venceu-a com o melhor lance uma emprêsa da Inglaterra. Entregue o navio já sem vida, pois que tudo que era de propulsão lhe fôra retirado, rebocadores possantes vieram buscá-lo em águas da Guanabara. E lá se foi o casco do grande e poderoso barco de guerra, que teve a honra de ser considerado — ao lado do seu irmão "Minas Gerais" — como a mais poderosa belonave de sua época. Dias depois de sua retirada de águas brasileiras, veio a público a notícia de que terrível tempestade havia quebrado as amarras dos restos mortais do "dreadnought", ficando o mesmo à deriva, com oito homens a bordo, inclusive alguns brasileiros. Isso ocorreu a 3 de novembro e, até ao dia 13, ninguém sabia dar notícias do barco sem govêrno e sem destino, ao léu das ondas. A última aventura do "S. Paulo" está com traços de grande tragédia.

Ninguém acreditou



A Livraria Civilização Brasileira, desta capital, querendo contribuir para maior difusão do livro, foi além, êste ano, do que se costuma fazer nestes últimos tempos, quando as livrarias mais importantes desenvolvem cerrada campanha para dar-se livro como presente de Natal. Não sabemos se o processo tem sido correspondido pelo povo. Mas, seja como fôr, a propaganda é sobremodo simpática e de grande proveito para o aumento de nossa cultura, ainda tão rasteirinha. Êste ano, porém, aquela livraria não ficou na praxe habitual: anunciou, por uma de nossas estações de rádio, que dava livros de graça! De fato, num corredor de entrada do edifício em que está instalada, colocou o dirigente da casa várias pilhas de livros de variados gêneros: literatura, história, ensaios, contos, comentários sob assuntos diversos, romances, etc., volumes cujo preço normal constante da capa vai de dez a quarenta cruzeiros. Mas — coisa esquisita! — durante mais de quinze dias não houve nenhum cliente, novo ou antigo, que indagasse pela oferta da casa! Como se explica isso? Ninguém que se pudesse interessar por livros ouvira o anúncio? Seria que houve muitos ouvintes, mas poucos acreditaram na propaganda? Ou está o nosso povo tão cheio de dinheiro que não aceita uma oportunidade dessas e faz questão de pagar o que compra? O leitor que tire a conclusão que entender mais provável. Quanto a nós ficamos sem compreender como possa acontecer tal fenômeno numa cidade como esta, onde o dinheiro é disputado dia e noite, e, em geral, nem sempre os amantes dos livros dispõem de saldos para adquirir livros. Mas o Bertrand está decepcionado!



MAIS UM "RECORD"...

SETE semanas depois de terem contraído matrimônio, Franchot Tone e Barbara Payton anunciaram estarem dispostos a se divorciar. As declarações vêm de ser feitas pelo advogado da "estrêla", adiantando que o enlace, realizado a 29 de setembro último, em Cloquet, Minesota, pouco depois de ter o ator deixado o hospital em que se internara — após levar uma bonita surra do seu rival Tom Neal numa disputa da qual a atriz foi o "pivot" — deu em água de barrela. O casamento está por um fio, declarou o advogado de Barbara Payton quarenta e nove dias depois da cerimônia: "O casal briga constantemente e vem de separar-se". Ora, senhores, é caso para lamentar que Tom Neal não tivesse acabado de amarrotar, mas completamente, o idiota do Franchot Tone. Um homem que já está em idade de criar juízo, meter-se com um "brôto" e, além de tudo, um "brôto" decididamente "biruta" como miss Payton, só merece mesmo apanhar. E apanhar muito, até dizer "chega". Quem está rindo melhor, rindo por último, é o fortão do Tom Neal: bateu no outro, não se "amarrou" à volúvel garôta de Hollywood e está assistindo de camarote ao divórcio, que bate também todos os "records". Sete é conta de mentiroso, mas nunca foi tão verdadeira como nesse caso. E vão ver que Barbara Payton correu, direitinho, para os braços vigorosos do outro! Bem fieto, Franchot Tone! Olhe o reumatismo!



REI MOMO, CONVIDA O PREFEITO DE NOVA YORK A VIR VER O CARNAVALL DO RIO — S.M. I e Único, entrega ao capitão do Clipper «Presidente», Frank M. Briggs, um convite especial para ser entregue ao Prefeito de Nova York, sr. Vincent Impelliteri, para que venha assistir ao Carnaval carioca de 1952. O convite foi apresentado a 7 de novembro, quando da inauguração da quarta viagem semanal da Pan-American World Airways entre Nova York e o Rio. A nova linha opera exclusivamente entre as duas cidades, a primeira na história, que começa e termina no Rio e em Nova York.



LOCATELLI, contratado na Itália para correr em Vila Guilherme. Essa é a posição correta: pés enganchados nos estribos, mãos firmes, técnica e coragem.

CAVALOS GANHAM CARTAZ

O TROTE EM SÃO PAULO

E' UM DOS MAIS POPULARES ESPORTES HÍPICOS DA EUROPA — COMO NASCEU O TROTE NO BRASIL — UM MILHÃO DE CRUZEIROS, A RENDA RECORDE — NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA OS PRÊMIOS ERAM SACOS DE FARELO! — EVOLUEM AS CARREIRAS — JOQUEIS DE RENOME INTERNACIONAL BUSCAM A CIDADE — ACIDENTE NO PRADO! — E VÃO INSTALAR UM HIPÓDROMO NO RIO DE JANEIRO.

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR
Fotos de DARIO TERINI

SÃO PAULO, novembro.

LARGARAM!! A voz veio nítida e forte pelo altofalante, enquanto a torcida se levantava delirante nas arquibancadas. Do outro lado da pista, sete cavalos, atrelados a elegantes "sulquys", pareciam deslizar pelo solo molhado, emocionando centenas de pessoas que se comprimiam no único hipódromo de trote da América do Sul, buscando diversão e, talvez, também dinheiro.

O páreo era concorrido e os apostadores, gesticulando, bradavam o nome dos seus favoritos, animando-os a vencer. Cavalos garbosos, filhos de trotadores famosos, parecendo cientes de seu porte, passaram céleres pelas arquibancadas, levando nas ondas de poeira que se desprendiam das rodas dos "sulquys", as esperanças da assistência aficcionada dessa nova modalidade hípica, entre nós.

Não datam de hoje as corridas de animais atrelados. Já em Roma, nos tempos idos de Nero, o Coliseu apresentava espetáculos de beleza singular, dos quais tanto nos fala a História, embriagando multidões nervosas, que assistiam às corridas de animais selvagens, pilotados por jóqueis vigorosos e valentes.

Os anos passaram e as coisas mudaram. Trocaram-se os carros romanos pelos leves e velozes "sulquys" e os parelheiros passaram a ser os mais disputados corredores da atualidade. São trotadores elegantes e donos de uma resistência física fabulosa.

Poucos brasileiros conhecem o trote e quando o conhecem, 99% das vêzes, é por intermédio do cinema, que nos transmite as imagens de páreos renhidos, onde entram em jôgo somas vultosas, nos grandes hipódromos europeus e norte-americanos.

No Brasil, até 1944, ninguém cogitava instalar, em qualquer de suas cidades, um verdadeiro hipódromo de trote. Várias razões concorriam para que isso não acontecesse. Primeiramente, havia o perigo de o público nacional não se habituar a um esporte novo para nós e, em segundo lugar, havia a perigosa concorrência dos galopadores, até então detentores do título de participantes do "esporte dos reis".

Todavia, em S. Paulo, naquele ano, alguns aficcionados e conhecedores do esporte hípico mais popular do Velho-Mundo, resolveram concretizar o que era apenas um esbôço de sonho, afrontando os perigos da empreitada e correndo os riscos que ela apresentasse.

EM VILA GUILHERME

Em Vila Guilherme, bairro proletário da Capital Paulista, havia uma várzea muito grande, que se prestaria para a construção de um hipódromo. O terreno foi alugado e alguns industriais, comerciantes, fazendeiros e desportistas, unindo o capital aos conhecimentos técnicos, fundaram a Sociedade Paulista de Trote.

As primeiras carreiras foram quase que um fracasso e os prêmios, para os vencedores, eram meios sacos de farelo, com o qual os animais seriam alimentados. Portanto, compreende-se que pouco interêsse havia na continuação da tentativa. Porém, a despeito das dificuldades, seus idealizadores continuaram a lutar e o trote se manteve.

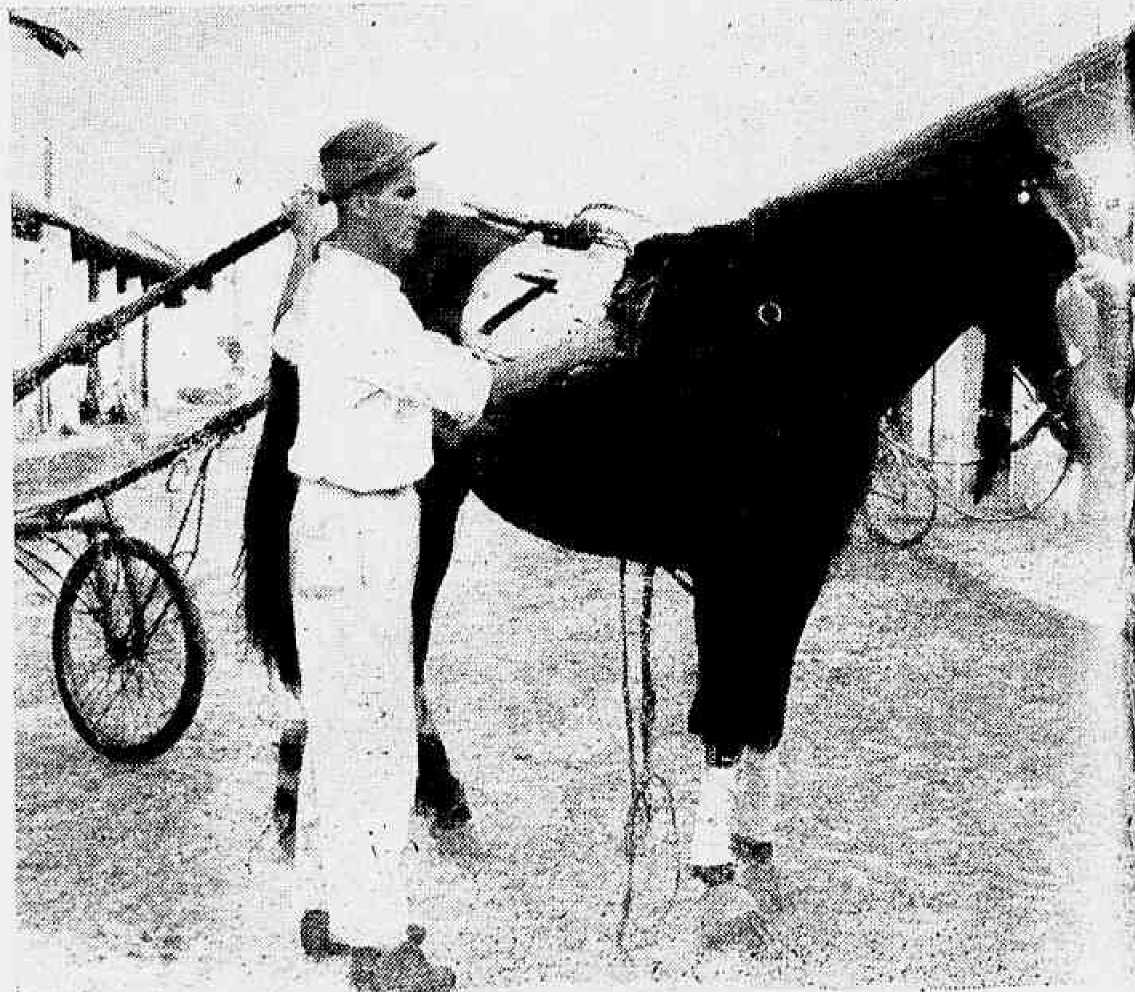
Pouco a pouco, a novidade foi chegando aos ouvidos do público amante dos esportes hípicos, que afluia à Vila Guilherme para conhecer a nova modalidade imposta no Brasil. Houve, então, necessidade de se construir arquibancadas, cocheiras para animais que ricos proprietários, interessando-se pelo trote, iam adquirir na Argentina, bares, casa de apostas e mais uma infinidade de melhoramentos, que deram ao pitoresco recanto da Paulicéia um ar de hipódromo de verdade.

Hoje, as carreiras realizam-se às têrças, sextas-feiras e domingos, sendo os dois primeiros dias os de maiores apostas, porquanto Cidade Jardim não funciona.

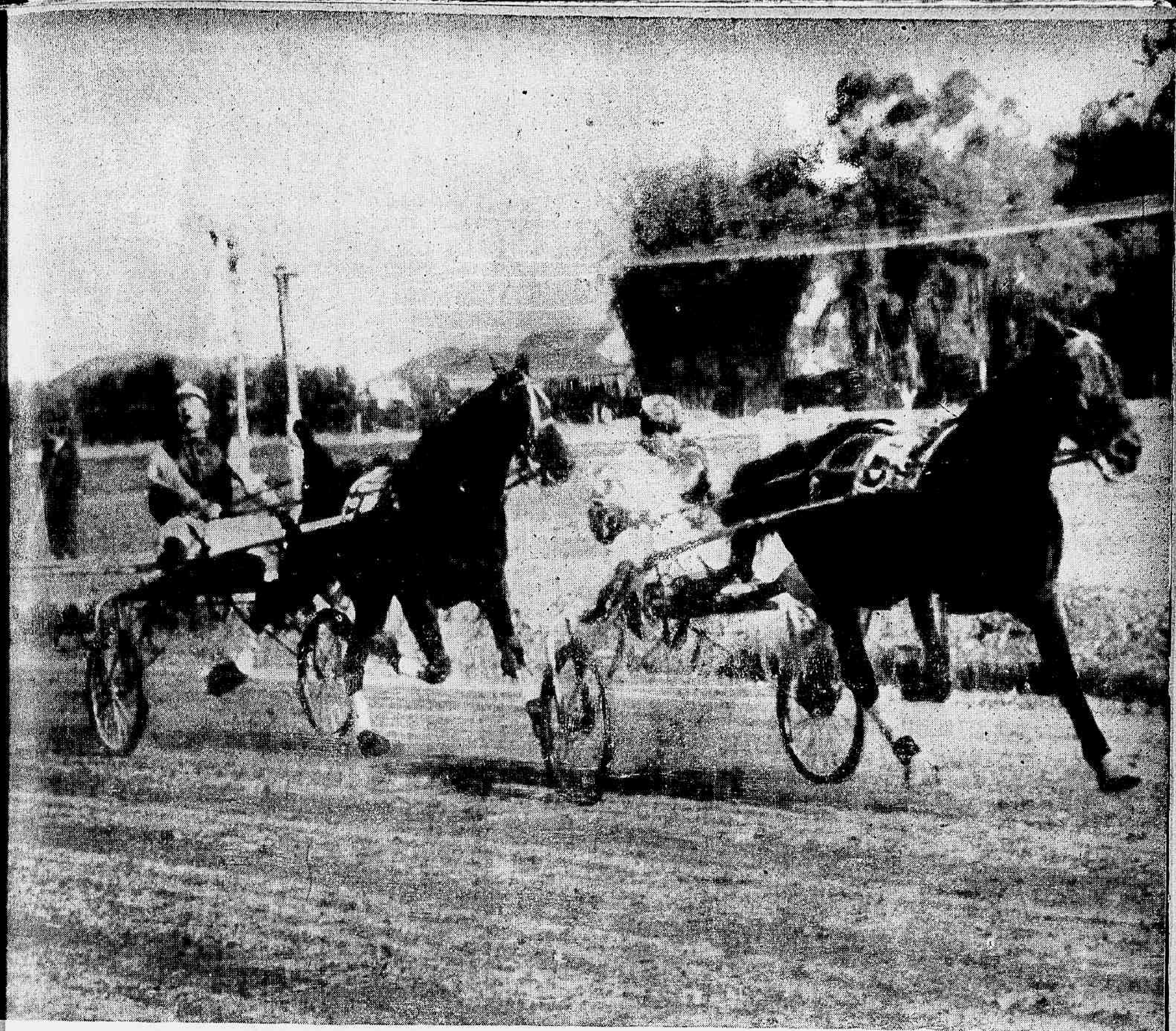
Atualmente, já se fala na construção de uma arquibancada de concreto armado e uma moderna pista, com inclinação de 10% nas curvas, já está em vias de término. As apostas elevaram-se e registrou-se, há pouco, o recorde de mais de um milhão de cruzeiros.

DIFERENTE

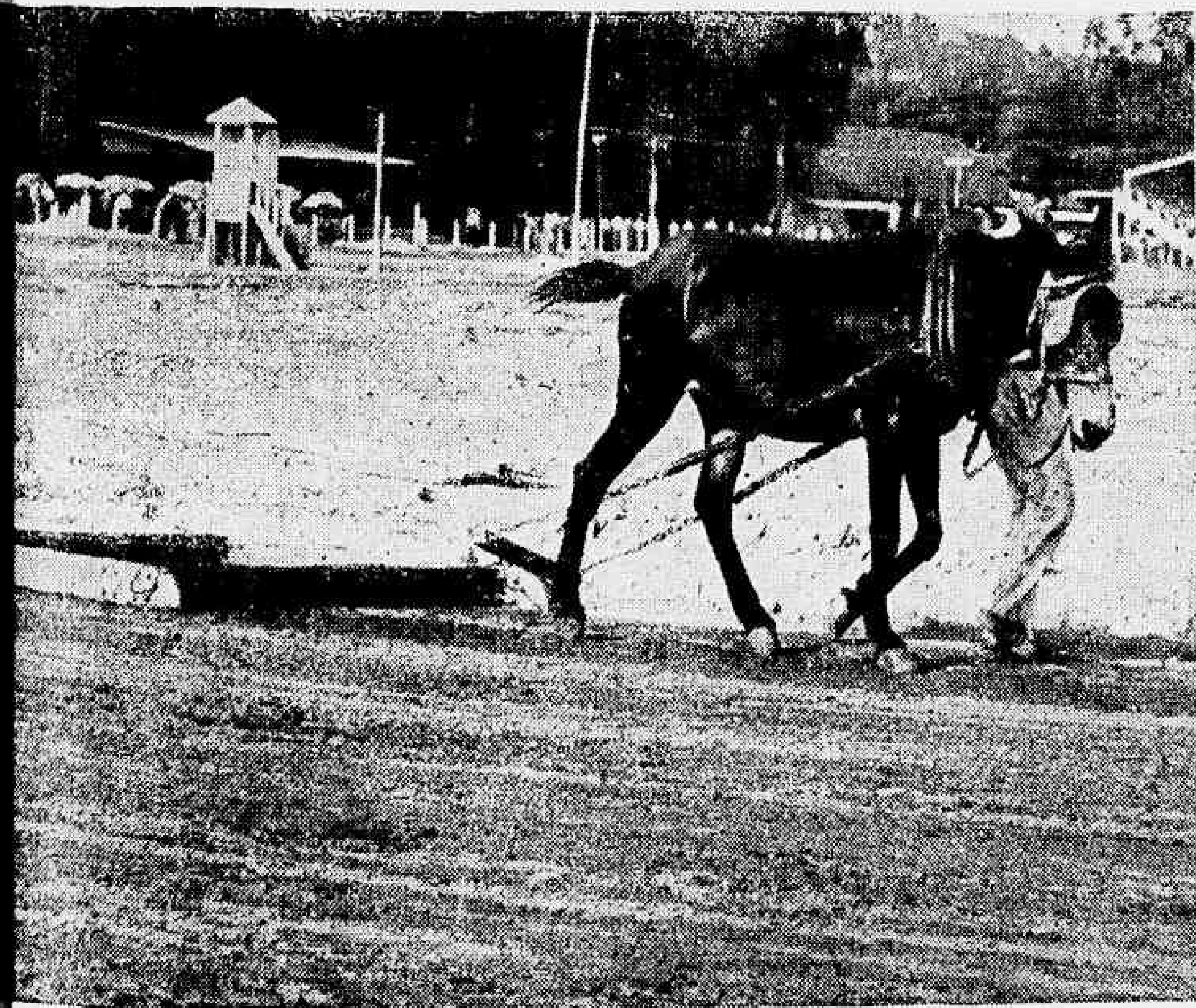
O Hipódromo de Trote é pitoresco. Rústico, campestre mesmo, dá uma impressão diferente de tudo que se



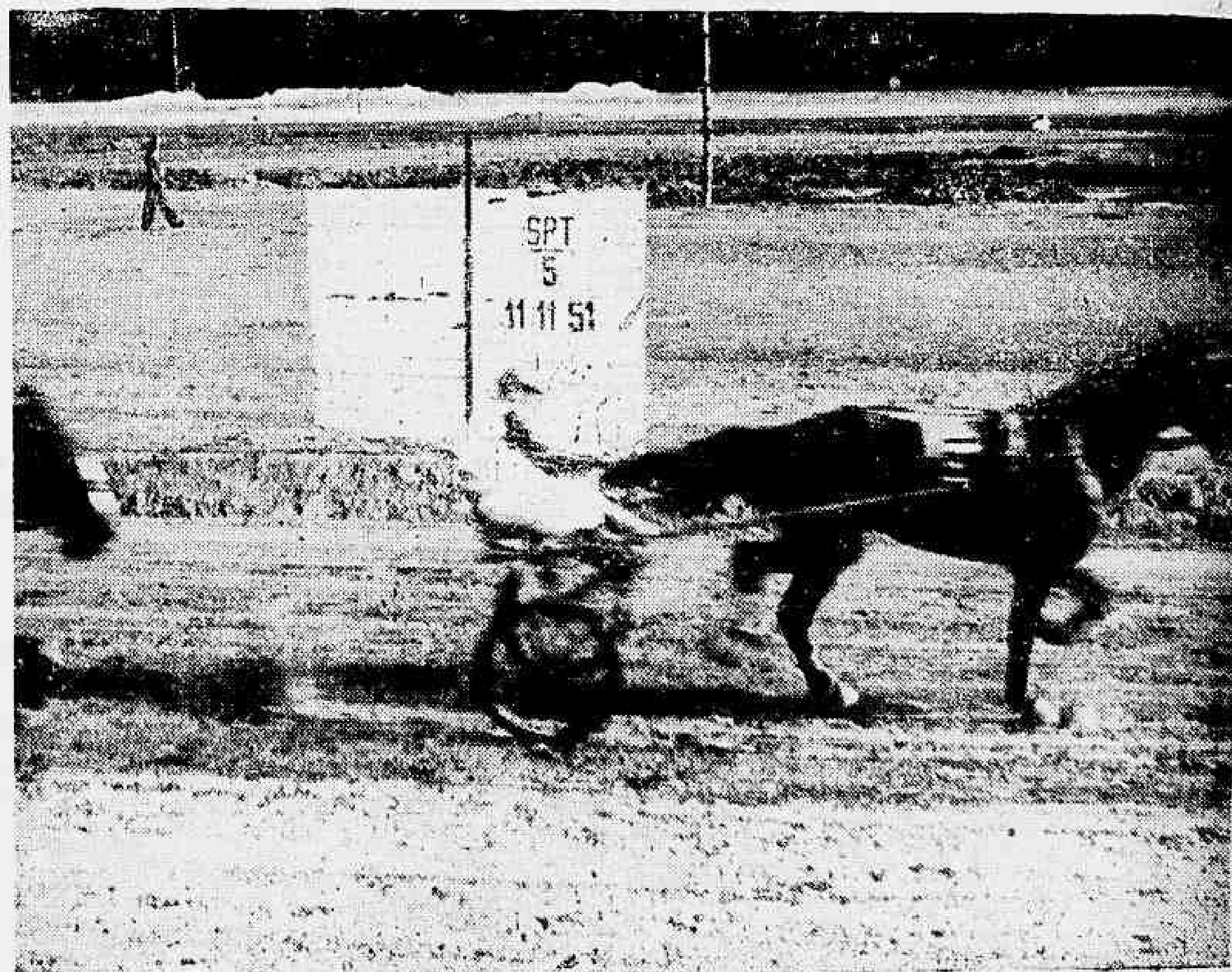
ATRELAR o animal também requer perícia. Os arreios precisam ficar firmes, sem incomodar o animal. Arreio sôlto pode ocasionar sérios contratempos.



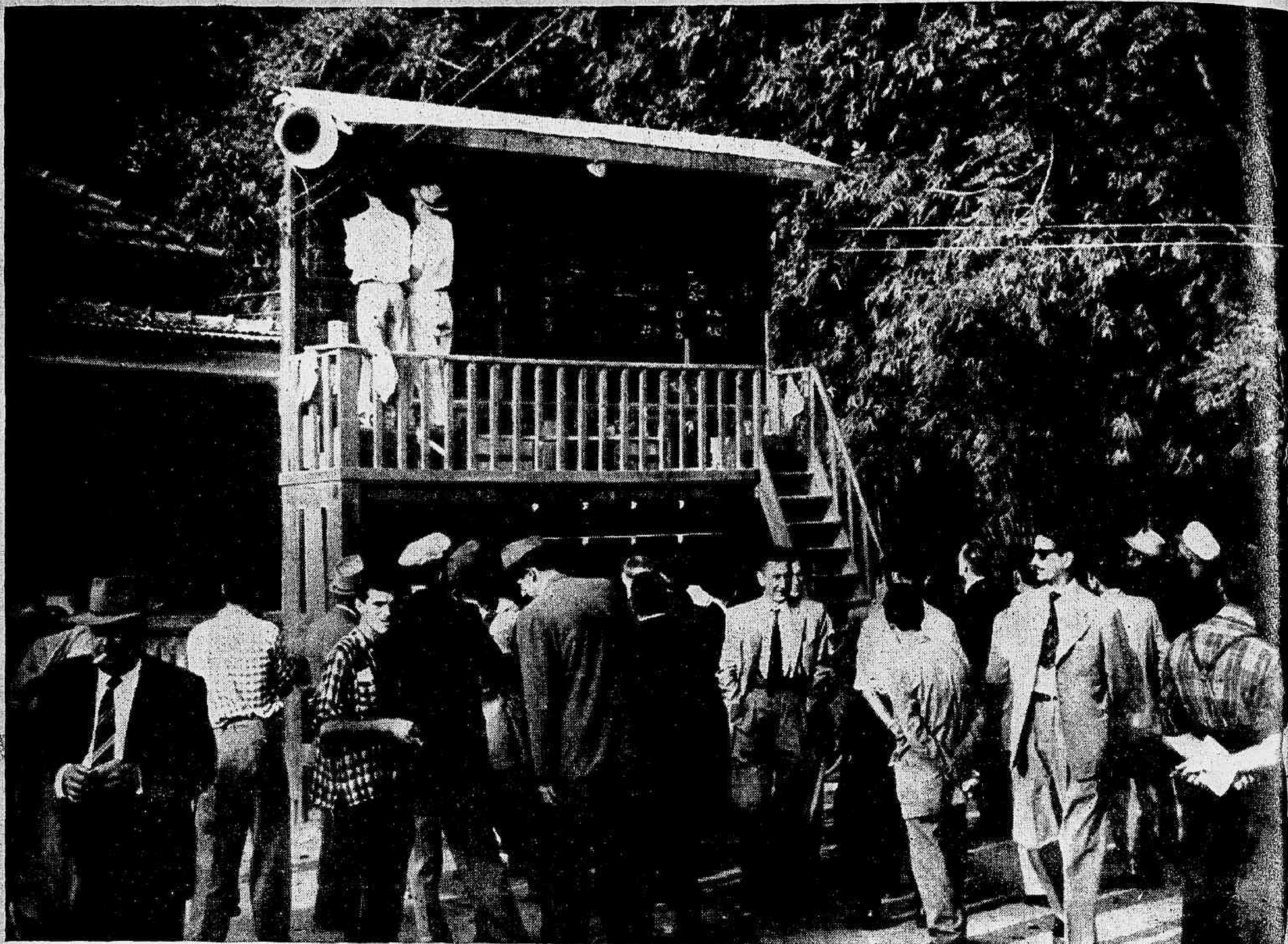
GRITANDO para que o animal avance mais, os condutores vão ganhando terreno, procurando a ponta, para fazer jus aos prêmios que já são bastante tentadores. Com êles avançam a nova modalidade de desporto hípico, que até bem pouco tempo era desconhecida no Brasil. Em São Paulo está ganhando terreno!



DEPOIS de cada páreo, empregados do hipódromo molham e aplainam a pista, para evitar levantamento de pó, o que prejudicaria os corredores que vêm atrás.



VENCEU! Mesmo trotando, parece um raio e cruza o disco de chegada como se estivesse [illegible]. No início do trote êles ganhavam meio saco de farelo



O QUADRO das apregoações. E os primeiros «catedráticos» do trote, recém-form ados, calculam suas possibilidades. Há quem esteja desinteressando-se pelas corridas de cavalos, preferindo esta nova modalidade, incontestàvelmente atraen te. E muito breve o hipódromo será monumental, quem sabe, o maior do mundo!

possa imaginar em matéria de esporte turfístico. As construções, em sua maioria, são de madeira. Há dois bares e uma série de guarda-chuvas de lona, de onde um apostador pode apreciar as corridas, saboreando um refrigerante. Cercam o hipódromo centenas de árvores frondosas e os namorados, quando não têm programa para os domingos, podem passear por entre seus bambuais convidativos.

As partidas, obedecendo às normas internacionais dêsse esporte, são um tanto diferentes do galope e o "handicap" é dado em distância, na linha de partida. À menor mudança do trote para galope o parelheiro é desclassificado, pois não pode ser "quebrado". Inicialmente, os novos aficcionados do trote não compreenderam bem a questão e quando um cavalo saia do trote diziam ter havido "marmelada".

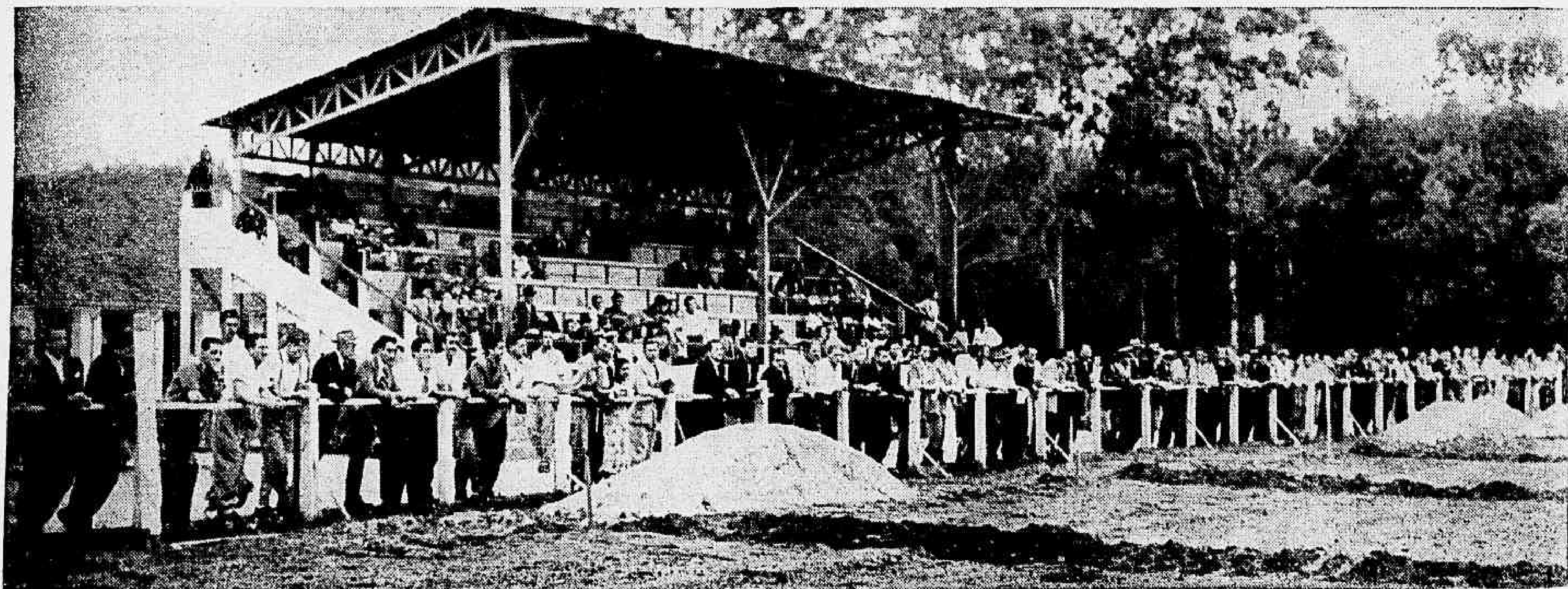
OS JÓQUEIS E OS TREINADORES

O jóquei de trotador tem de conhecer perfeitamente o animal que dirige; suas manhas, seu espírito, capacidade e resistência, a fim de aproveitar ao máximo suas mínimas qualidades. Os treinadores, por seu turno, precisam ser conhecedores dêsse tipo de corredores, a fim de não estragá-los. Há ciência no treinamento e na direção de um trotador e o tato e a sagacidade são qualidades imprescindíveis aos jóqueis e treinadores.

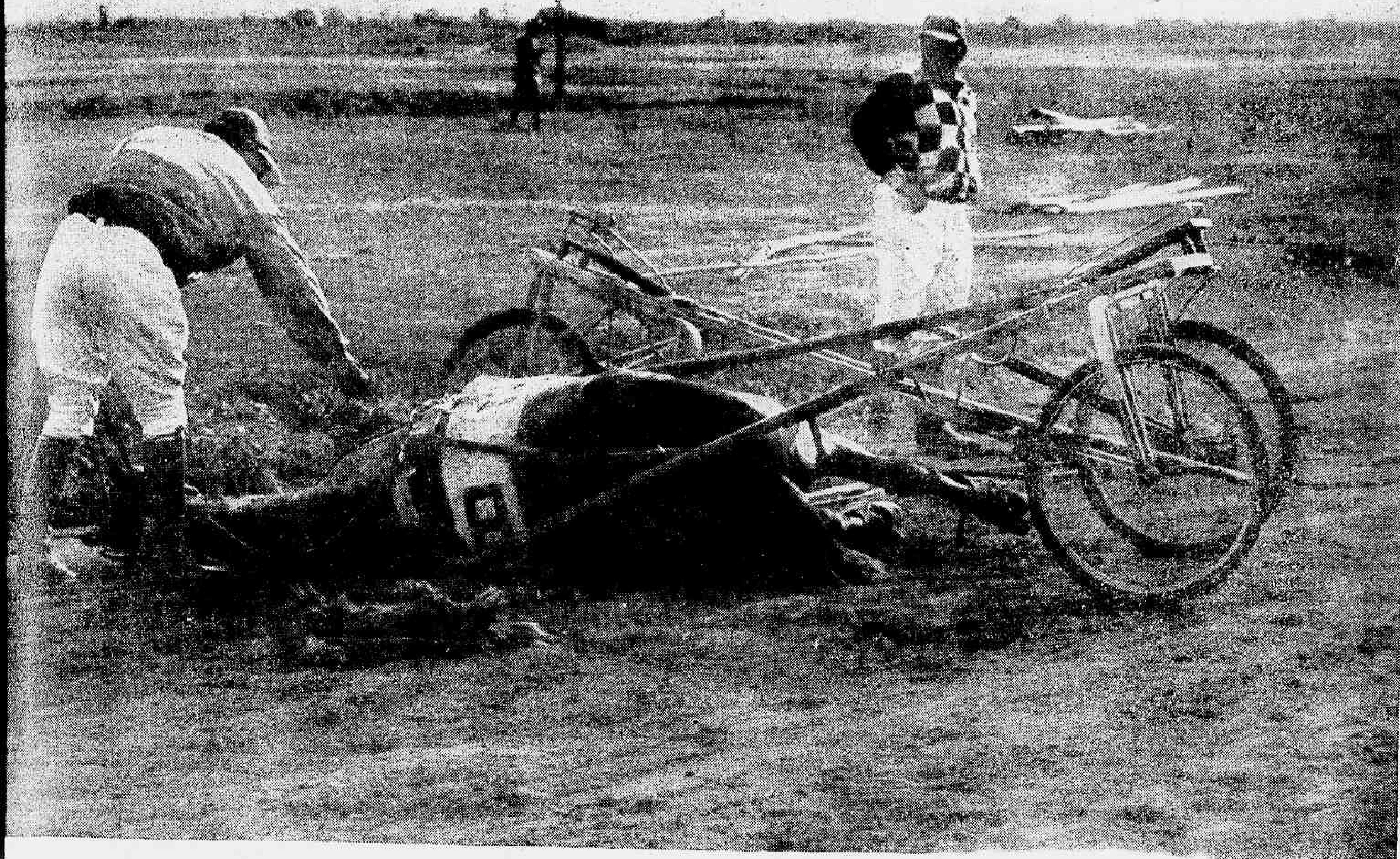
Os acidentes são constantes nesse esporte, pois, volta e meia, os "sulquys" se abalroam. Nos casos em que a pista, após um acidente, não ofereça segurança aos demais corredores, os juízes suspendem o páreo, imediatamente, que é anulado. Os acidentados são desclassificados e os demais voltam a correr. Caso contrário, a carreira continua, sendo sòmente os acidentados colocados fora do páreo.

Nunca houve, desde 1944, qualquer acidente de trágicas conseqüências, em Vila Guilherme e no dia em que os repórteres lá estiveram assistiram a um que quase foi o primeiro de grande vulto, pois pensou-se que o cavalo Sleeper teria de ser sacrificado, uma vez que quase quebrou uma das patas dianteiras.

Nesta tarde, dentre os animais que concorriam ao sexto páreo, estavam Sleeper e Nimble, numa luta renhida



AGORA os apostadores desprezam a arquibancada das gerais debruçando-se naa nova pista em construção, cujas curvas terão uma elevação de dez por cento. grade, como se dali apreciassem melhor a carreira. Em primeiro plano vemosAs corridas de cavalos começaram assim, com uma assistência muito reduzida.



OS ACIDENTES são comuns. Êste quase foi fatal, pois o cavalo «Sleeper» — deitado — enganchou a pata dianteira direita no «sulquy» puxado por Nimble e ambos capotaram. Houve momentos de «suspense» para os espectadores, que viram os jóqueis projetados à distância e «Sleeper» caído. Mas tudo foi susto.

pelas melhores colocações. Sleeper seguia de perto seu concorrente mas, à certa altura, sua pata dianteira direita entrou na roda do **"sulquy" puxado** por Nimble e ambos tombaram espetacularmente. A assistência levantou-se, como uma só pessoa e, sòmente após os primeiros segundos, quando as nuvens de pó baixaram voltou a ver os acidentados. Os jóqueis, dada a violência do choque, foram atirados à distância, não sofrendo, todavia, mais do que simples contusões. Nimble, miraculosamente sôlto dos arreios, disparou pela pista, enquanto Sleeper, com a pata prêsa nos destroços do "sulquy", aguardou socorro. Porém, depois do exame por que passou, constatou-se que nada de grave havia com Sleeper, senão o susto. E outros acidentes assim se verificam.

NA EUROPA

Locatelli é um dos muitos jóqueis estrangeiros que vieram da Europa, especialmente convidados para dirigir em Vila Guilherme. Contou-nos êsse veterano italiano que o trote, em sua terra, conta com maior número de aficcionados do que o galope. Há, na Itália, cêrca de 30 hipódromos de trote, que realizam corridas durante vários dias da semana, à tarde e à noite.

Os galopes, na Europa, geralmente, se realizam sòmente quando não há trote e é o esporte turfistico preferido pela massa apostadora.

Acredita o jóquei itálico que o Brasil possa desenvolver essa modalidade, mesmo porque já alguns proprietários adquiriram garanhões e éguas, tendo iniciado, no Brasil, a criação dos "Standarbred", que são considerados os melhores trotadores do mundo.

Hoje, o trote é quase uma realidade nacional, pois nos chegam notícias de que se cogita a instalação de um hipódromo da modalidade na Capital da República.

O trote não é tão emócionante como o galope. Todavia, pessoalmente, discordo quando se chama àquele de esporte dos reis, porquanto o trote é, sem dúvida, um dos espetáculos mais garbosos e elegantes que um animal e um homem poderiam apresentar à mais seleta das assistências.



SOB ÊSTES guarda-sóis multicores os aficionados assistem aos páreos, saboreando um refrigerante ou um uísque geladinho. As mesas são concorridas, pois o confôrto é maior que o proporcionado nas arquibancadas. Outras serão construídas, de cimento armado, no novo e monumental Hipódromo Paulista de Trote.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 48 ★ 1-12-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo de "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.° distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2551

A REVISTA Há 50 anos

(DOMINGO, 1 DE DEZEMBRO DE 1901)

OS CRIMES DA SEMANA

Dois crimes, revestidos de circunstâncias reveladoras da perversidade no mais alto grau, impressionaram lùgubremente a população desta cidade durante a semana.

Um foi perpetrado na rua Barão de Itamby, em Botafogo, no dia 18 do corrente, sendo vítima da ferocidade do assassino uma infeliz moça de vinte anos, com quem o celerado mantinha relações d lituosas. Outro teve por teatro o campo de S. Cristóvão e foi o desdobramento de uma cena conjugal, em que o ciúme representou o principal papel.



Um palminho de cara que deve ser tratado nas palminhas!

(DE RAU...

TEATROS

★ Foi inaugurada a série de concertos populares da 4.ª época, organizados pelo maestro Carlos de Mesquita, no S. Pedro de Alcântara. No Recreio Dramático, a companhia Dias Braga deu duas «premières» com as comédias «Toupinel que chora e Toupinel que ri» e «Pobreza, Miséria & Cia.», ambas agradando, com boa concorrência.

★ Após o «Sino do Eremitério» a companhia que trabalha no Apolo representou a peça em 5 atos «A volta ao mundo em 80 dias», e os demais teatros continuam fechados.

★ Talvez muito breve tenhamos no Lucinda a companhia de vaudeville e opereta organizada pela gentil atriz brasileira Cinira Polônio. Também se espera até janeiro a companhia italiana de opereta Tomba, que no mês entrante deve estrear em S. Paulo.

★ A antiga «troupe» do Jardim Concêrto Guarda Velha passou a funcionar no Moulin Rouge. E também o Cassino Nacional continua com boa concorrência pois a «troupe» que ali trabalha é boa e o seu jardim magnífico para a atual estação.

★ Para S. Paulo partiu a «troupe» Silva Pinto, da qual faz parte a graciosa atriz Pepa Ruiz.

★ No Moulin Rouge, Guarda Velha, Cassino Nacional e Folies Bergères continuam muito apreciadas as companhias de variedades que nêles trabalham. — P.

MONUMENTO A JESUS REDENTOR

Em São Paulo, foi inaugurada, com tôda a solenidade, no dia 17 do corrente mês, o grande monumento a Jesus Redentor, que remata a tôrre do Santuário do Sagrado Coração de Jesus. A estátua, com o pedestal, mede 14 metros de altura. Foram padrinhos da cerimônia da bênção s. ex. rev. D. Joaquim Arcoverde, arcebispo metropolitano e D. Ana Pereira Pinto, virtuosa filha de D. Veridiana Prado, ofertante da estátua.

★

GRANDE DESCOBERTA

No Cabinet des Estamps, de Paris, foi descoberto um documento que interessa bastante na atualidade. Trata-se de uma gravura onde se vê um aerostato, em forma alongada, suportando uma barquinha quadrada e guarnecida de leme. Em baixo há os seguintes dizeres: «Experiência aerostática de Mr. Robert, realizada às 8 horas da manhã do dia 15 de junho de 17... Os viajantes eram em número quatro: o duque de Chartres, dois irmãos Roberts e um físico. O balão demorou-se três quartos de hora no ar sem acidente.»

★

Alexandre Graham Bell, que faz pouco tempo inventou o telefone, tem estado a servir como agente especial da Repartição do Regulamento dos Estados Unidos, incumbido da estatística dos surdos-mudos e cegos dêsse país.

160 ANOS!

Na rua Senador Pompeu, em uma pocilga imunda, deu a alma ao Criador a crioula Maria Luísa da Conceição, nascida na África Portuguêsa em 1741 e uma das primeiras escravas vindas para o Brasil, onde, no espaço de cem anos, conheceu cinqüenta amos. Viveu cento e sessenta anos essa criatura, que deixou uma filha de mais de cem. Viveu?! Não. Aí é que está o engano. Não há coração que, pulsando, consiga sustentar-se tanto tempo. Há de partir-se, por fôrça, numa hora de agonia, ou contrair o mal incurável de que, mais tarde, virá a sucumbir.

Salvou-a a sua categoria de coisa, objeto, mercadoria, integrada na existência vegetativa mas eterna do ambiente. Passaram por ela os acontecimentos e os séculos sem sequer dar por isso, prêsa ao eito, jungida à leira, sempre os mesmos, debaixo do mesmo sol idêntico a si próprio. Do vasto cenário do mundo só abrangeu aquela nesga isócrona de miséria a que se supunha acorrentada por um fatalismo inexorável e providencial. Nem uma idéia, das muitas que agitaram o universo das idéias, penetrou até aquela engrenagem mecânicamente afeiçoada pelo chicote e pela vontade do senhor. Não pensou, não sentiu, não quis; não usou uma só das faculdades cujo exercício vai pouco a pouco consumindo a alma. O coração, em cento e sessenta anos, bateu cento e sessenta vêzes trezentos e sessenta e cinco dias com o mesmo movimento regular e monótono dos ponteiros de um relógio. Não amou, não odiou, não sofreu, não viveu. Mal se distinguiu da pedra e da planta.

Nem Deus, na sua misericórdia infinita, inventou jamais semelhante tortura. Não vai tão longe a sua cólera. Imaginai um ser pensante, uma criatura solitária como as da sua espécie, nascida em 1741, atravessando com a mente sã e a plena consciência dos seus atos, a ebulição ideológica dêsse século e meio de lutas atrozes por uma fórmula mais elevada e mais nobre da dignidade humana. Vê-lo assistir pouco a pouco à derrocada de todos os seus afetos familiares e à perda sucessiva de tôdas as suas ilusões. Meditai nesse horrível privilégio de um espírito condenado a assistir aos funerais de todos os princípios que apostolou e defendeu; de um coração fadado para túmulo de todos os amores. Enterrar tôdas as idéias, acompanhar, de tocha na mão, tôdas as amantes. Representante da Morte em tôdas as apoteoses. Delegado da Eternidade em tôdas as solenidades. Escravo da evolução de tôdas as vidas, prevendo-lhe desde o berço o destino irremediável, visionando na rosada formosura do bebê o rictus hediondo da caveira. A vida, numa necrópole. A lealdade, mentira. O afeto, hipocrisia. A honra, comédia. A amizade, convenção. A solidariedade humana, vil máscara de vis criaturas. Não, Deus não pode permitir tal castigo porque não há crime que tamanha punição mereça.

JACQUES BONHOMME





TAPÊTES FEITOS À MÃO

—verdadeiras jóias de arte—

TAPÊTES E PASSADEIRAS

de forração, de tôdas as dimensões, em côres lisas e com flores.

MÓVEIS E DECORAÇÕES

-- orçamentos executados por técnicos especializados --

GRUPOS ESTOFADOS

— uma especialidade de nossas oficinas —



65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO



você o consagrou e fez muito bem...

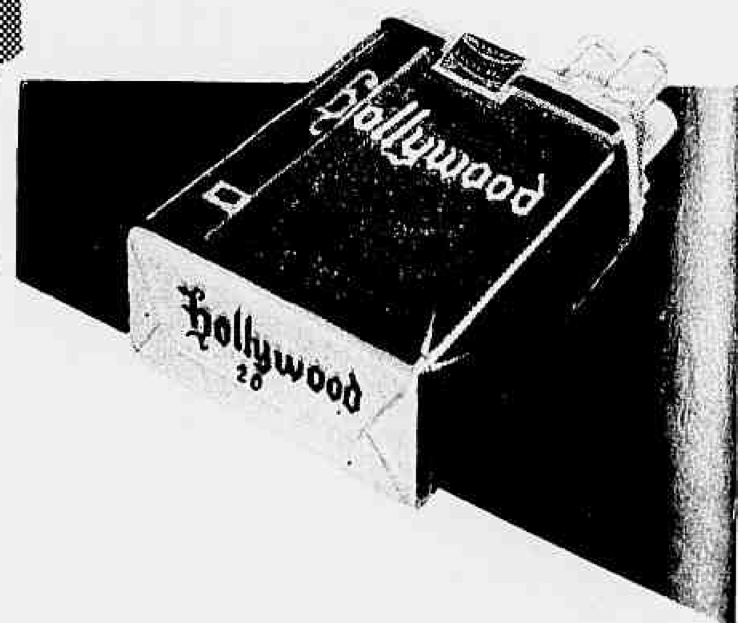


É a você, que sabe apreciar o golf
e outras coisas boas da vida,
que Hollywood deve a preferência
unânime de que hoje goza
entre as pessoas de bom gosto.

11 - 88 09?

cigarros **Hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ